UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
COMPARADA

MAYARA DOS SANTOS FREITAS

ANTES DE VIRGINIA WOOLF:
Os diários de juventude e o início da construção de um olhar

Versão corrigida

São Paulo

2019

MAYARA DOS SANTOS FREITAS

**ANTES DE VIRGINIA WOOLF:
Os diários de juventude e o início da construção de um olhar**

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pen Parreira

**São Paulo
2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F862a Freitas, Mayara dos Santos
Antes de Virginia Woolf: Os diários de juventude e o início da construção de um olhar / Mayara dos Santos Freitas; orientador Marcelo Pen Parreira. - São Paulo, 2019.
89 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

1. Virginia Woolf. 2. teoria literária. 3. diários. 4. literatura inglesa. I. Parreira, Marcelo Pen, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Mayara dos Santos Freitas

Data da defesa: 17 / 10 / 19

Nome do Prof. (a) orientador (a): Marcelo Ben Faria

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 13 / 12 / 2019

Marcelo Ben Faria
(Assinatura do (a) orientador (a))

Para minha mãe, por permitir que eu me perdesse,
e me encontrasse, entre os livros, antes mesmo
dos meus primeiros passos.

&

Para minha vó, por me mergulhar desde sempre
em suas maravilhosas narrativas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de
Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Pen Parreira, por ter acreditado neste trabalho e ter me dado a oportunidade de desenvolvê-lo. Agradeço também pelos ensinamentos e pelas palavras de encorajamento nos, não raros, momentos de dificuldade.

Aos professores Helmut Galle e Samuel Titan Jr., pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido para a realização desta pesquisa.

À Ana Carolina de Carvalho Mesquita, por me apresentar os diários de juventude. Sem essa indicação, este trabalho não existiria.

À Fabiane Secches, pela oportunidade de levar os diários de juventude para além da academia.

Ao querido amigo que o mundo editorial me deu, Mario Kanegae, por ter possibilitado o meu primeiro contato com os diários da jovem Virginia.

Aos meus grandes amigos Camila, Renan e Natália, por todo amor e carinho. Obrigada pelos incentivos, pelas infinitas risadas e pela vida compartilhada.

Às minhas amoras queridas Laura e Marcela, pelo amor e cuidado transbordantes da nossa amizade. Obrigada por toda a ajuda e por todas as palavras de incentivo ao longo desta jornada.

À minha grande amiga Ana Luiza, por não ter soltado a minha mão nem por um instante. Obrigada pelas acolhidas ternas e pelos abraços-casa.

À minha querida amiga Rayssa, por todo apoio, amor e atenção. Obrigada por me ouvir e estar sempre ao meu lado.

À irmã que a vida me deu, Daniele, por não ter me deixado desistir antes mesmo de começar.

Agradeço ao meu pai, Wagner, que mesmo não estando aqui, permanece comigo. Obrigada por um dia, há muito tempo, ter me dado um pilha de livros ao me ouvir ler uma palavra pela primeira vez. E obrigada por ter me aconselhado a não fazer nada de muito comum, gosto da sensação de que a escolha pelos caminhos literários leva um pouquinho desse conselho.

Para encerrar, quero agradecer imensamente às pessoas mais importantes da minha vida, minha mãe, Cleusa, e minha vó, Darcy. Obrigada por todo amor, carinho, atenção e companheirismo. Obrigada pela educação que vocês me deram e por acreditarem e confiarem tanto em mim. Obrigada por me deixarem sonhar e por me dizerem que, não importa o que aconteça, vocês sempre estarão ao meu lado. Obrigada por serem os melhores exemplos de mulheres que eu poderia ter.

“[...] I should like to write not only with the eye,
but with the mind; & discover real things beneath
the show.”

Adeline Virginia Stephen

RESUMO

FREITAS, Mayara dos Santos. **Antes de Virginia Woolf: Os diários de juventude e o início da construção de um olhar.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

Virginia Woolf é reconhecidamente um dos grandes nomes da literatura do século XX, autora de obras como *Mrs. Dalloway* (1925) e *Ao farol* (1927). Contudo, não é a Virginia, escritora já conceituada, que é encontrada ao longo deste trabalho, mas sim uma Virginia anterior a essa, uma jovem que leva ainda seu nome de solteira, Adeline Virginia Stephen. Nesta dissertação, essa jovem é observada e analisada à luz de seus quatro primeiros diários de juventude – escritos entre janeiro de 1897 e maio de 1905 –, com o intuito de compreender quem foi Adeline Virginia Stephen e como se deu o início da construção do seu olhar como escritora. O trabalho discorre sobre a existência de elementos de cunho literário em meio à narrativa dos dias e discute as lacunas que permeiam essas páginas íntimas. As análises se voltam também para os treinos de escrita realizados nos diários e para a maneira como a entrada de Virginia no circuito literário, com a feitura de resenhas e ensaios, transparece em sua escrita íntima e a influencia.

Palavras-chave: Adeline Virginia Stephen; Virginia Woolf; diários de juventude; escrita de si; treinos de escrita.

ABSTRACT

FREITAS, Mayara dos Santos. **Before Virginia Woolf: The Early Diaries and the Beginnings of Developing a Perspective.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

Virginia Woolf is a renowned author of the twentieth-century literature. She is known for works such as *Mrs. Dalloway* (1925) and *To the Lighthouse* (1927). However, it is not Virginia, the prestigious author, who is found throughout this dissertation, but a Virginia before that, a young woman who still carries her maiden name, Adeline Virginia Stephen. In this dissertation, this young woman is seen and analyzed through her first four early diaries, written from January 1897 and May 1905, in order to understand who was Adeline Virginia Stephen and how her perspective as a writer began. The dissertation discusses the presence of literary elements in the narrative of her daily life and the gaps within these personal pages. It is also discussed the practice of writing found in the journals, and the manner in which Virginia's entrance amid the literary circle, as the writer of reviews and essays, shines through and influences her personal writing.

Keywords: Adeline Virginia Stephen; Virginia Woolf; Early Diaries; self-writing; writing exercises.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ENTRELINHAS DE MISS JAN	17
1.1 O início	17
1.2 Meandros de Miss Jan	19
1.3 Ficcionalização do diário	26
1.4 Constituições de si	28
2. AS LACUNAS DE ADELINE.....	38
2.1 Pequeno demais para permitir muita prosa	38
2.2 Entrevistos	41
2.3 Uma lacuna visível	47
3. ESBOÇOS DE VIRGINIA.....	54
3.1 Desdenhosos de regras declaradas	54
3.2 Um mundo de imitações	57
3.3 Treino para olhos e mãos	66
4. AS LINHAS DE ADELINE VIRGINIA STEPHEN	74
4.1 Com a própria pena	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

INTRODUÇÃO

“I love writing for the sake of writing.”
Adeline Virginia Stephen, 1899.

Virginia Woolf (1882–1941) é um dos grandes nomes da literatura do século XX. Obras como *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (*To the Lighthouse* – 1927), *Orlando: Uma biografia* (*Orlando: A Biography* – 1928), *Um teto todo seu* (*A Room of One's Own* – 1929), entre diversas outras que poderiam sem dificuldade ser citadas, são amplamente conhecidas e discutidas.

No entanto, não é a Virginia, autora renomada, que será encontrada ao longo desta dissertação, mas sim uma Virginia anterior a essa. As próximas páginas se destinam a observar e a analisar, à luz de seus quatro primeiros diários de juventude, uma moça que leva ainda seu nome de solteira, Adeline Virginia Stephen, com o intuito de compreender quem foi essa jovem e como se deu o início da construção do seu olhar como escritora. Mas, antes de adentrarmos a discussão a que este trabalho se propõe, é necessário fazer uma breve apresentação dos escritos íntimos da jovem Stephen.

Os diários de juventude, como um todo, constituem um conjunto de sete cadernos preenchidos de maneira intermitente entre 1897 e 1909¹ – entre os 15 e os 27 anos de Virginia Stephen. Esses escritos íntimos vieram a público em 1990, em um volume editado por Mitchell A. Leaska e intitulado *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909*².

Apesar de esses cadernos íntimos terem sido revelados apenas no início da década de 1990, em seu prefácio para *A Passionate Apprentice*, Leaska evidencia que o material havia sido anteriormente datilografado por Leonard Woolf, marido de Virginia:

¹ Caderno 1: escritos de 1897; Caderno 2: escritos de 1899; Caderno 3: escritos de 1903; Caderno 4: escritos de 1904 e 1905; Caderno 5: escritos de 1905; Caderno 6: escritos de 1906 a 1908; Caderno 7: escritos de 1906, 1908 e 1909.

² Em 2004, foi publicada a 2ª edição de *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* (em julho de 2018, foi lançado um e-book dessa edição). O volume, com introdução de David Bradshaw e prefácio de Hermione Lee, contém sete novas entradas, todas referentes ao ano de 1909. Essas passagens não foram inseridas na primeira edição dos diários de juventude, pois só vieram à tona no início dos anos 2000, até então o material estava guardado com Teresa Davies, jovem a quem Leonard Woolf havia contratado para datilográ-lo. Em uma entrevista a Bradshaw (2014, p.31), em setembro de 2002, o marido de Teresa conta: “Em 1968, quando éramos recém-casados e estávamos vivendo numa indigência rural e sem conforto na parte central do País de Gales, Teresa completava sua renda de estudante fazendo trabalhos eventuais de datilografia. Alguns deles foram para Leonard Woolf [...]. Num dado momento daquele ano ele enviou a ela um caderno encapado em papel pardo, com data de 1909... Antes que Teresa tivesse começado a datilografar seu conteúdo, Leonard ficou doente e morreu, e sem saber o que fazer com o caderno, ela o guardou no fundo de uma gaveta, onde... permaneceu esquecido até nossa mudança recente...”. Essas entradas de 1909 foram primeiramente publicadas em 2003, em um volume chamado *Carlyle's House and Other Sketches*, editado por David Bradshaw.

Leonard Woolf left a typescript of all these journals, which is now kept in the University of Sussex Library. I was unaware of its existence until after making a complete transcription of the first six journals. (A typescript of the seventh was already in the Berg Collection, the original being housed in the British Library.) [...] Essentially, then, the seven journals have undergone two separate and distinct transcriptions, and I have had the advantage of being able to check one against the other. (LEASKA, 1990, p. vii-viii³)

A despeito desse trabalho realizado por Leonard Woolf com os cadernos de juventude, ele não os tornou públicos. Os escritos íntimos de Virginia que vieram à tona pelas mãos de seu marido foram os seus diários de maturidade⁴, publicados pela primeira vez em 1953, sob o título *A Writer's Diary: Being Extracts from Virginia Woolf's Diary*⁵.

Na década de 1980, foi publicada uma nova edição dos diários de Virginia Woolf, trabalho encabeçado por Quentin Bell, sobrinho da autora inglesa. Essa edição também se ateve aos diários de maturidade, e, assim, os escritos de juventude permaneceram longe do grande público. Talvez seja plausível pensar que os diários de juventude tenham tido uma publicação tardia por serem considerados textos de valor menor dentro da diarística de Woolf. Em *Virginia Woolf: Uma biografia*, Bell deixa transparecer sua opinião acerca desses escritos de Adeline Virginia Stephen:

Seus diários nesses anos são quase sempre cuidadosos ensaios escritos como se devessem ser publicados: tentativas de descrever um dia no campo, uma visita a Earl's Court, uma noite passada ouvindo a música de baile na vizinhança [...]. Por essa época também escrevia biografias cômicas de Caroline Stephen, tia Mary Fisher e George Duckworth, que infelizmente se perderam; é difícil não pensar que deviam ser mais divertidas do que os ensaios em seus diários; pois esses ensaios não têm interesse biográfico, exceto na medida em que atestam a seriedade e o imenso escrúpulo com que Virginia se preparava para a profissão das letras. (BELL, 1988, p. 132)

Por meio do excerto, vê-se que Quentin Bell não acreditava na importância e no interesse relativos ao conteúdo dos cadernos de juventude. Mesmo consciente de que tais documentos pudessem atestar a seriedade com que Virginia encarava desde muito jovem a sua escrita, os diários não são por ele considerados biograficamente válidos.

Outra razão que pode permear o fato de Quentin Bell invalidar esses escritos é a “loucura” da jovem Virginia (temática que será brevemente apresentada mais adiante). Ao falar especialmente do caderno de 1897, Bell põe em dúvida o que nele é narrado, sugerindo certo exagero nas anotações em função do estado de saúde da diarista:

³ A saber, os textos introdutórios do volume *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* têm sua paginação em números romanos.

⁴ A nomenclatura “diários de maturidade” foi retirada do artigo da professora Vera Lima Cecon, *Legados de juventude: Os diários de Virginia Woolf* (2011).

⁵ Os diários de maturidade foram escritos de maneira contínua entre 1915 e 1941, ano da morte de Virginia Woolf. De acordo com Ana Carolina de Carvalho Mesquita (2016), Leonard Woolf editou esses diários com mãos pesadas, cortando tudo que pudesse vir a causar dissabor às pessoas citadas.

[...] Em 25 de fevereiro ela sofrera um acidente de carruagem; em 26 de março vira uma senhora de bicicleta ser atropelada por um carro; em 8 de maio testemunhara dois acidentes em Piccadilly; no dia 12 um cavalo de tração caíra bem na sua frente; a 13 houve uma colisão entre um cavalo de carruagem em disparada e um vagão; Esses acidentes teriam realmente ocorrido? (BELL, 1988, p. 88)

Todavia, dentro do contexto de vida de um alguém que viria a ser uma grande escritora, não seriam realmente importantes anotações que parecem mostrar seus primeiros passos no mundo das letras? Os problemas de saúde de Adeline Virginia Stephen, que fizeram parte da sua história até a sua morte, fariam de fato com que as entradas de seus diários não tivessem valor biográfico?

A estudiosa Louise A. DeSalvo, em *As 'Miss Jan says': Virginia Woolf's Early Journals* (1987), apresenta uma opinião distinta à exposta por Quentin Bell, trazendo à tona outra possibilidade de pensamento acerca da escolha pela não publicação desses escritos de juventude:

[...] I have been forced again and again to wonder why they have not been published before. I myself have found them to be immensely important documents, documents that will force us to revise much of what we have already written about Virginia Woolf as a person and as a writer in embryo, documents that have allowed those of us who have worked with them already to begin this exciting task. But, no matter how often I ponder this issue of the way these documents have not yet been published, I think of the way the journals would have been treated prior to this time if they had been written by James Joyce – or indeed, by any male writer of sufficient critical reputation – and not by a woman, not by Virginia Woolf. I am forced to conclude that there is something about this woman in the process of learning her craft as a writer – there is something about a portrait of the artist as a young woman – that makes us extremely uneasy, willing to forget the fact that these documents exist. (DESALVO, 1987, p. 97)

É perceptível que para DeSalvo talvez os cadernos de juventude tenham permanecido à sombra por pertencerem a uma mulher. Para além, ela demonstra acreditar que esses escritos trazem em si grande importância, tanto no que tange a possibilidade de proporcionarem maior compreensão acerca da pessoa Virginia Woolf, quanto no que diz respeito à oportunidade de gerarem maior entendimento sobre seu desenvolvimento como escritora.

No entanto, independentemente dos motivos da publicação tardia, esses diários vieram a público há quase trinta anos, e ainda hoje são pouco conhecidos e discutidos. Ao longo da pesquisa, travou-se conhecimento acerca de alguns estudos e obras publicadas na Inglaterra e nos Estados Unidos, tais como o texto, anteriormente citado, de Louise A. DeSalvo, além dos estudos de Gill Lowe (*"I am fast locked up", Janus and Miss Jan: Virginia Woolf's 1897 Journal as Threshold Text*, 2015) e Barbara Lounsberry (*Becoming Virginia Woolf: Her Early Diaries and The Diaries She Read*, 2015). Em solo brasileiro, por

hora, sabe-se apenas do artigo da professora Vera Lima Ceccon, *Legados de juventude: os diários de Virginia Woolf* (2011)⁶, cujo conteúdo abrange tanto os diários de maturidade quanto os de juventude.

Ademais de questões acerca da publicação dos diários de juventude e de seus poucos estudos, é de grande importância, para as observações e análises que serão apresentadas a seguir, lançar alguma luz acerca dos contextos pessoal e histórico em que esses escritos foram realizados.

Assim, é preciso explicitar que dois anos antes de iniciar a escrita de seu primeiro diário de juventude, em maio de 1895, Virginia perde sua mãe, Julia Stephen. Após essa morte, a jovem sofre o seu primeiro colapso nervoso. De acordo com Quentin Bell, esse momento configurou

um grande intervalo vazio, uma espécie de morte positiva que não se pode descrever, e da qual a própria Virginia pouco sabia – quer dizer, pouco recordava – mas que é de importância vital para a sua história. A partir dali ela sabia que tinha estado louca e que poderia ficar assim outra vez. [...] Ela não admitia, nem podia admitir, todas as lembranças de sua loucura. O que lembrava eram os sintomas físicos [...]. Seu pulso disparava – tão depressa que quase não podia aguentar. Tornava-se dolorosamente excitável e nervosa, depois insuportavelmente deprimida. (BELL, 1988, p.77)

Ao iniciar os seus diários, Adeline Virginia Stephen ainda se encontra em tratamento médico.

Já sobre a atmosfera histórica que permeia os cadernos de juventude, é possível dizer que ela está imersa nos costumes do período vitoriano⁷ (1837-1901). No que tange especificamente a mulher inglesa, nesse período viu-se o estabelecimento de um ideal de figura feminina, responsável por ser a guardiã da moral e da castidade (MONTEIRO, 1998). Essa mulher, a qual futuramente Woolf denominará “Anjo do lar”⁸ em seu texto *Profissões para mulheres*, de 1931, devia ser assexuada, excluída do mundo dos negócios, devotada ao lar, sem opinião e grandes capacidades intelectuais além daquelas que pudessem servir para agradar aos homens. As mulheres de boa família deviam ser educadas de maneira a estar sempre prontas a iluminar uma sala de estar. Eram, por vezes, tidas muito mais como adornos do que como pessoas. Assim, ainda de acordo com Quentin Bell:

⁶ O artigo faz parte dos anais do XII Congresso Internacional da Abralic, e apresenta estudos iniciais sobre o pensamento criador de Woolf. Não se tem notícias da continuação dessa pesquisa.

⁷ O período vitoriano se encerra em 1901, com a morte da rainha Vitoria. Quem assume o trono é seu filho, Eduardo VII, dando início ao período eduardiano, que se estende até 1910. Apesar de Adeline Virginia Stephen viver esse momento de transição, sua criação tem bases vitorianas.

⁸ Referência ao poema de Coventry Patmore (1823-1896), *The Angel in the House* (1854), que idealiza a figura doméstica da mulher.

Ela [Virginia]⁹ e a irmã [Vanessa]¹⁰ podiam passar as manhãs estudando grego ou desenhando; mas suas tardes e noites eram dedicadas àquelas ocupações que os homens da família consideravam adequadas para elas: cuidar da casa, presidir a mesa de chá, conversar, ser agradável [...]. (BELL, 1988, p.103)

Como mencionado em parágrafos anteriores, esta pesquisa trabalha com os quatro primeiros diários de juventude de Adeline Virginia Stephen, tendo como objetivo compreender quem foi essa jovem e como se deu o início da construção do seu olhar como escritora. Tal recorte foi escolhido por englobar o início dessa escritura íntima até o momento no qual Virginia Stephen ingressa no mundo profissional das letras. Para além, esta dissertação está dividida em quatro capítulos:

O capítulo 1, “Entrelinhas de Miss Jan”, discorrerá sobre Miss Jan, uma figura que permeia o primeiro caderno íntimo de juventude, escrito ao longo de 1897. Nele, serão apresentadas as características desse elemento, seus porquês e as consequências por ele geradas nas páginas desse diário.

O capítulo 2, “As lacunas de Adeline”, também analisará o primeiro diário de juventude. A partir de lacunas encontradas nessa escritura íntima, pretende-se evidenciar como era a jovem que escreveu esse caderno, como era sua vida e como ela a transcrevia em suas páginas íntimas.

No capítulo 3, “Esboços de Virginia”, serão discutidos os dois cadernos íntimos subsequentes, escritos em 1899 e 1903. Esses diários guardam treinos de escrita, pensamentos acerca do fazer literário. Dessa forma, será apresentado um panorama de como a diarista buscava representar em palavras o mundo ao seu redor, as dificuldades e os anseios provindos de tal movimento.

O capítulo final desta dissertação, “As linhas de Adeline Virginia Stephen”, tratará do caderno de 1904/1905. A atmosfera que envolve esse diário é a dos primeiros passos profissionais de Virginia no mundo das letras, com a escrita de resenhas e ensaios para suplementos literários. Pretende-se dar a ver como esse momento de vida aparece no diário e como ele influencia essa escritura íntima.

⁹ Colchete nosso.

¹⁰ Colchete nosso.

1. ENTRELINHAS DE MISS JAN

1.1 O início

Sunday 3 January

We have all started to keep a record of the new year – Nessa, Adrian and I. Bicycled with Georgie to Mr Studds but found he was away, and so went on Battersea Park – There was a great crowd of bikers and lookers on – Miss Jan [Virginia] rode her new bicycle, whose seat unfortunately, is rather uncomfortable – Thoby was on Gerald's, and Adrian on Jack's, which was given him (A.) on Christmas. In the afternoon we did nothing –

After tea Thoby read the Ent[omological]. Soc, a paper upon the History of the Club. Also a retrospect of 1896 – It was agreed to send S[tella]. D[uckworth]. and J[ohn]. W[aller]. H[ills]. a letter of congratulations – also that the lectures of the Pres. etc. should not be entered in the book. ¹¹ (WOOLF, 1990, p.5)

A passagem acima foi escrita em um volume de dimensões bastante pequenas, 8x13cm, mas com direito a capa dura e a cadeado. É com ela que Adeline Virginia Stephen, às portas de seus quinze anos¹², inicia o primeiro de seus diários de juventude.

O caderno íntimo de 1897, escrito com a incerteza do quanto duraria, “It is a week today since I began this diary. How many more weeks has it to live [...]” (p.10)¹³, não configura propriamente o primeiro de Woolf. No ano anterior, ela havia principiado anotações sobre os seus dias, mas a escrita foi logo abandonada e o documento não chegou aos dias atuais – em 18 de janeiro, Adeline Virginia anota: “This diary today beats my 1896 diary – Wonderful creature!” (p.16). Apesar de a escrita do diário de 1897 tornar-se arrastada e infrequente a partir do meio do ano, a intenção explicitada em sua primeira entrada, “to keep a record of the new year”, é mantida, e o caderno só é encerrado em 1º de janeiro de 1898.

Ao principiar o diário, Virginia parece seguir um padrão de início de escrita comum a muitos diaristas. De acordo com Philippe Lejeune (2014, p.310), “o começo de um diário é quase sempre destacado: é raro que se comece sem dizê-lo; demarca-se de uma maneira ou de outra esse novo território de escrita: nome próprio, título, exergo, pacto, apresentação pessoal [...]”. Woolf, em sua primeira entrada, faz exatamente isso, demarca o começo de sua escrita ao deixar claro o motivo da existência do diário, como mencionado, guardar recordações do novo ano – juntamente com seus irmãos, Adrian e Vanessa, que cada um em seu respectivo caderno, também iniciam escrituras íntimas¹⁴. A subsequente descrição

¹¹ A grafia e a pontuação das passagens apresentadas ao longo deste trabalho seguem: WOOLF, Virginia. *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* (1990).

¹² Adeline Virginia Stephen completou 15 anos no dia 25 de janeiro de 1897.

¹³ Todos os trechos ao longo deste trabalho referenciados apenas com o número de página aludem a: WOOLF, Virginia. *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* (1990).

¹⁴ De acordo com Barbara Lounsbury, em *Becoming Virginia Woolf* (2015, p.12), a família de Virginia era composta por muitos diaristas: “Her father keeps a diary, as did her grandmother Stephen, her Quaker aunt

dos momentos passados em família tampouco parece guardar em si alguma surpresa, afinal conter anotações do que se passou em um dia é o que geralmente se espera de um diário. Contudo, em meio à narrativa desse dia comum, encontra-se um elemento inesperado: Miss Jan.

Se acaso a primeira entrada do diário, transcrita no início deste capítulo, tivesse sido retirada do original de Woolf, aquele com capa dura e cadeado, é bem provável que a informação sobre Miss Jan causasse um estranhamento ainda maior. Talvez um possível leitor ficasse a se perguntar se a menina é uma amiga ou parenta de Woolf. Mas ao mesmo tempo, seria viável pensar que ela faz referência a si, mesmo que haja ali outro nome, afinal Virginia descreve a situação com a propriedade de quem sentiu o quão desconfortável é o banco da bicicleta. A descoberta do que configura Miss Jan só se daria ao longo da leitura contínua e atenta das passagens do caderno. Contudo, o trecho do diário não foi retirado do original e sim de um volume que passou por certa edição.

Mitchell A. Leaska, editor dos diários de juventude, afirma ter tentado manter os documentos tal qual os originais. Dessa forma, seria permitido ao leitor entrar em contato, o máximo possível, com o que de fato são os primeiros escritos da jovem Virginia:

Although the immediacy one feels in reading the original drafts of these pages is lost of cold print, all of the autographic peculiarities have been retained - to the extent that readability and typesettings permit - in order to remind the reader, as Virginia more than once remind herself, of the unpremeditated nature of writing. (LEASKA, 1990, p. x¹⁵)

Todavia, algumas medidas editoriais foram tomadas em nome de uma maior compreensão da obra. Dessa forma, trechos que haviam sido suprimidos pela jovem diarista são reinseridos, com marcações de que isso é realizado, bem como a inserção dos colchetes indicando que Miss Jan seria, em verdade, a própria Virginia.

Tal estratégia, apesar de parecer facilitar a leitura do texto, talvez acabe por retirar um pouco do contentamento que poderia ser sentido no momento em que fossem descobertas as relações entre Miss Jan e Adeline Virginia Stephen. Não obstante, o uso de Miss Jan continua a chamar atenção e a gerar certa curiosidade sobre as características, os porquês e as consequências da existência de tal persona nas páginas desse diário.

(Caroline Stephen), and her older cousin, Katherine Stephen. Stella Duckworth [...] also keeps a diary, and Thoby, her much-admired older brother, keeps a notebook 'with careful observations and drawing of birds and animals'." Dessa forma, não causa estranhamento que os mais jovens dos Stephen resolvessem também manter cadernos íntimos.

¹⁵ A lembrar, os textos introdutórios do volume *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909* têm sua paginação em números romanos.

1.2 Meandros de Miss Jan

Figura que rouba a cena já na primeira entrada do caderno íntimo de 1897, Miss Jan aparece apenas em cerca de dez entradas no decorrer de suas páginas. As aparições se restringem às passagens escritas entre os meses de janeiro e maio – após o dia 2 deste último, ela desaparece e não será mais vista em nenhum dos demais diários de juventude. Mesmo que não permeie a grande maioria das passagens, Miss Jan compõe uma imagem marcante no volume de escritos íntimos. Contudo, ao contrário do que talvez se pudesse imaginar, ela não é criada nas linhas desse caderno.

Segundo Gill Lowe, em *'I am fast locked up', Janus and Miss Jan: Virginia Woolf's 1897 Journal as Threshold Text* (2015), a provável primeira aparição de Miss Jan em um documento escrito dá-se em uma carta enviada por Virginia Stephen ao seu irmão Thoby, em 6 de março de 1896:

[...] It is so windy to day, that Miss Jan [Virginia herself]¹⁶ is quite afraid of venturing out. The other day her skirt was blown over her head, and she trotted along in a pair of red flannel drawers to the great amusement of the Curate who happened to be coming out of Church. She swears that she blushed the colour of the said drawers, but that must be taken for granted. I have nothing to tell you, Your Highness; and my candle insists upon tumbling over every five minutes; and Nessa is snarling at the noise; and my Virgil must be looked out; and I expect that you must go into school; so Good Bye, your Mightiness; write to me when feel so inclined; your loving Goat Esq¹⁷... (WOOLF, 2016b, E-book)

A existência desse excerto demonstra que Miss Jan não configura propriamente um segredo do caderno íntimo. Não se trata, portanto, de um elemento inventado às escondidas para ser usado no diário e confundir um possível leitor intruso, que ao entrar em contato com o que ali estava escrito não saberia de fato quem pensou ou falou em determinada situação. O trecho da carta mostra que a jovem Virginia levou para a sua escrita diarística uma persona idealizada por ela sobre a qual outras pessoas tinham certo conhecimento. Assim, se acaso as páginas do diário fossem lidas por outro alguém, uma pessoa que de alguma maneira soubesse da existência de Miss Jan, possivelmente as ações e pensamentos da figura criada seriam relacionados aos da própria Virginia.

Para além do fato de a carta mostrar que Miss Jan não se trata de uma imagem oculta do diário, outra questão que desponta ao ler o trecho de tal correspondência, e que

¹⁶ Intervenção editorial.

¹⁷ “Goat” é o apelido de infância de Adeline Virginia Stephen. Sendo assim, possivelmente, “Goatus Esq” é uma variação desse apelido. Virginia tinha o costume de conferir a si, em suas cartas, outros nomes, para além de Miss Jan. Ademais, parece gostar também de se referir a outras pessoas por intermédio de apelidos ou outros nomes. Em seu primeiro diário, por exemplo, nós a vemos aludir à irmã Vanessa como “Miss Maria”, “Marmot”.

talvez configure uma das temáticas mais importantes ao redor dessa figura, é a maneira como Woolf a emprega.

Na carta, vê-se que, para narrar um episódio embaraçoso, provavelmente protagonizado pela futura autora, ao invés de Woolf escrever “The other day my skirt was blown over my head”, ela transfere a vivência do acontecimento vergonhoso para a terceira pessoa, para Miss Jan, “The other day her skirt was blown over her head”. Assim, tem-se que, no momento de contar uma situação causadora de vergonha, Virginia aparenta certo incômodo em fazer uso do “I”, em tomar a ação para si, e opta por se tornar apenas narradora do evento. Logo após o término da narrativa, ela assume o seu lugar de agente na carta e escreve para o irmão em primeira pessoa, de maneira um tanto quanto irônica e engraçada diz “I have nothing to tell you, Your Highness”. Essa passagem do protagonismo de um acontecimento para a terceira pessoa, esse certo distanciamento quanto a algumas ações vividas, a pensamentos, a desejos e vontades configuram a maneira com a qual Miss Jan aparecerá ao longo das páginas do diário de 1897.

Ao percorrer as linhas protagonizadas por Miss Jan é importante não perder de vista que esse diário, no qual em alguns momentos ela ganha vida, é escrito nos últimos anos do século XIX por uma jovem criada em meio aos costumes e regras do período vitoriano. Para além, existe o fato de que, segundo Quentin Bell (1988, p.106), na família Stephen “sexo era tabu, os mortos eram tabu, metade de suas mais sérias emoções eram tabus; todos eram tímidos demais para se abrirem”. Assim, as páginas dessa adolescente, inclusive a figura de Miss Jan, em maior ou menor grau, estão permeadas por tais elementos.

Como visto, Miss Jan aparece pela primeira vez no diário quando Virginia Stephen conta um passeio de bicicleta com os irmãos pelo Battersea Park, no qual havia uma multidão de ciclistas e observadores. Enquanto pedalava em meio a todas essas pessoas, Virginia sentia que o banco de sua bicicleta nova a incomodava. Numa situação na qual dezenas de pessoas passavam por ela, justamente a parte da bicicleta a tocar seu órgão sexual causa-lhe desconforto. Como arrumar o banco em meio a tantas pessoas? Como se acomodar de uma forma melhor sem chamar atenção para a parte do corpo que sofria com o incômodo? Como dizer para os irmãos o que a bicicleta lhe causava?

Esses podem ter sido alguns dos questionamentos de Woolf na dada situação, contudo ela não escreve um comentário sequer sobre isso. Aliás, ao narrar o evento, ela nem ao menos se coloca como a pessoa que estava a pedalar. Em lugar de descrever como o banco de sua bicicleta não é confortável, como sabido, anota: “Miss Jan rode her new bicycle, whose

seat unfortunately, is rather uncomfortable”. Talvez a simples menção a algo que a tocasse, em meio a tanta gente, em um lugar dito proibido do corpo, causasse-lhe tamanho embaraço que não era possível escrever em seu diário íntimo a situação fazendo uso da sua própria voz, sendo necessário, então, colocar a ação nas mãos de outra pessoa.

Para além das situações embaraçosas, o uso de Miss Jan também se faz presente em momentos nos quais Virginia deixa entrever certa autocrítica quanto a sua inteligência, que, de acordo com Mitchell A. Leaska (1990), tratava-se de uma característica muito estimada pela jovem Virginia. Ela gostava que as pessoas, em especial o pai, achassem-na muito inteligente. Em 1940, Woolf escreve em suas memórias: “I was a snob no doubt, and read partly to make him [Leslie Stephen]¹⁸ think me very clever little brat” (2016a, E-book).

Dessa forma, em circunstâncias nas quais Virginia se julga menos brilhante do que talvez desejasse, por vezes, é a figura de Miss Jan que ganha espaço. Isso pode ser visto em entradas como a de 4 de janeiro, na qual são narradas suas impressões sobre um espetáculo infantil: “The Pantomime was Aladdin and very good Miss Jan thought, more suited for her comprehension than a grown up play” (p.6); Já na passagem de 2 de maio, ao escrever sobre uma palestra bastante densa proferida por seu pai, Leslie Stephen, sobre Pascal, no Kensington Town Hall, a autocrítica parece torna-se um pouco mais contundente, talvez por sua relação com ele, a quem parecia querer sempre agradar e chamar a atenção.

There was a fairly large audience composed of sensible ugly young teachers & middle aged ladies and very strong minded respectable tradespeople in black – The proceedings were enlivened at intervals by songs and music from the gallery. The lecture was very deep rather too deep for the audience; very logical and difficult for the ignorant (i.e. Miss Jan) to follow [...]. (WOOLF, 1990, p.79)

Miss Jan, em determinadas entradas, dá voz aos julgamentos acerca do comportamento de outras pessoas: “Adrian and I bussed to Sloane St, and there dismounted – A[drian]¹⁹ insisted upon buying a luggage carrier for his bicycle for 3/9 – which was a piece of great extravagance, Miss Jan thought” (p.7). Também marca presença em momentos de extrema felicidade, como em um dia no qual Virginia recebe a notícia de que sua meia-irmã, Stella Duckworth, aparentemente caminha para a recuperação da doença²⁰ que, em verdade, dali poucos meses a levará à morte: “Broadbent and Dr S. came at 4. Broadbent quite enthusiastic – Thoroughly good straight forward recovery – absolutely no danger – Jack asked

¹⁸ Colchete nosso.

¹⁹ Colchete nosso.

²⁰ Stella Duckworth foi diagnosticada com peritonite.

him to come on Tuesday. Jan most jubilant – & went comfortably to bed for the first time” (p.79-80).

A figura inventada pela jovem Virginia também ganha espaço em momentos nos quais a futura escritora narra eventos relacionados a comportamento e convívio social. Apesar da criação vitoriana, e por mais que em determinadas circunstâncias Virginia sintasse atraída pelo mundo dos eventos sociais, seu interesse parece sempre girar em torno muito mais da observação de como se dão essas situações, de como as pessoas agem nelas, do que uma vontade de participação ativa. Em realidade, ao longo da sua juventude, ela normalmente se sentirá deslocada, não pertencente a tais atmosferas, como demonstra Hermione Lee:

Though she had a very beautiful face and a thin body she did not look right: she moved awkwardly, shuffling slightly, not standing straight, and her hair was not well done. In conversation, she would not play the games. She wanted to talk about books and ideas and this was the wrong place. She was a poor fish out of water. (LEE, 1997, p. 152)

Esses elementos que caracterizam a relação da jovem Virginia com ambientes sociais tornam-se mais claros com o correr dos diários, destacando-se o de 1903 – caderno íntimo constituído por um conjunto de textos que não raro passeiam pela temática, o qual será mais comentado no terceiro capítulo deste trabalho.

A adolescente que escreve o diário de 1897 deixa entrever que sua figura criada demonstra desgosto em conversar sobre bailes: “Had a long dreary tea with the Milmans, dances were discussed afterwards, in which Miss Jan not take much interest” (p.29); e se mostra completamente sem traquejo social, mesmo em acontecimentos menores:

Sat and was talked to by Lisa, till another lady came in. Poor Miss Jan utterly lost her wits dropped her umbrella, answered at random talked nonsense, and grew as red as a turkey cock. Only rescued from this by S. proposing to go away. So we left, I with the conviction that what ever talents Miss Jan may have, she does not possess the one qualifying her to shine in good society. (WOOLF, 1990, p.39)

A figura que aparece para encarnar situações embaraçosas, autocríticas também pode atuar de maneira a cercear descrições de detalhes dos acontecimentos, como observado na entrada de 11 de fevereiro:

[...] We had ridden about 3 miles out of Bognor, I suppose, and felt very desperate – The mist blew in our faces, the mud spirted all over us – and behold – here was a school of little boys marching toward us! Their remarks shall not be entered here, Miss Jan says; we pushed on as fast as possible, and at last found ourselves in the respectable High St. of this town. So ends our first bicycled ride. (WOOLF, 1990, p.33-34)

Tal passagem versa sobre um passeio de bicicleta de Vanessa e Virginia permeado por diversos contratempos, dentre esses o encontro com um grupo de garotos. No trecho

apresentado, Miss Jan impede que os comentários feitos por esses meninos ao cruzarem com as irmãs Stephen, falas possivelmente jocosas e maldosas, apareçam na narrativa do dia. De acordo com Gill Lowe (2015, p.24), “The prim, judgmental Miss Jan has assumed an editorial role: she can gag as well as give voice to her creator”.

Em meio a tantos momentos nos quais o uso de Miss Jan se faz presente, a entrada a seguir, escrita em 28 de abril, traz à tona uma situação um tanto quanto distinta. Pela primeira e única vez, Virginia, em lugar de se utilizar do nome habitual de sua figura inventada, emprega o termo “Miss Janism”:

[...] Stella in bed with a bad chill on her innards like she had at Christmas. They have a nurse, Dr Seton three times a day – they say she is getting better – but everyone getting miserable. Everything as a dismal as it well can be. Oh dear – how is one to live in such a world, which is a Miss Janism, but very much my mind at present. To be in my new room, which was lonely & dismal too. Dr S. declares her to be much better & going on very well – Somehow things will get straight again – but it is most depressing. (WOOLF, 1990, p. 77)

O trecho “Oh dear – how is one to live in such a world, which is a Miss Janism, but very much my mind at present” apresenta uma estrutura de difícil compreensão. Parecem faltar elementos, existir certo fluxo de consciência. Construções assim, um tanto truncadas, são passíveis de serem encontradas em escritas íntimas, ainda mais quando são narradas situações confusas, dolorosas. Virginia escreve a passagem em questão em meio à tormenta de tristezas e incertezas geradas pela doença de sua meia-irmã, e deixa transparecer na forma como faz sua anotação a instabilidade do momento.

No que tange especificamente o uso de “Miss Janism”, segundo Louise A. DeSalvo, em *As ‘Miss Jan says’: Virginia Woolf’s Early Journals* (1987, p.117), o termo travaria relação com a doutrina jansenista, “Woolf very often articulates pessimistic attitudes about the nature of the world (which she refers to as Miss Janism) that are close to, if not identical with, Jansenism [...]”. A presença da expressão, ainda de acordo com DeSalvo, mostraria a existência de uma possível divergência de pensamentos acerca de religião entre Woolf e seu pai, que era agnóstico. Por sua vez, Gill Lowe (2015, p.24), mais uma estudiosa a também citar o trecho em questão, não trabalha com a possibilidade da correlação Janism/Jansenismo. Em realidade, Lowe trata “Miss Janism” praticamente como um sinônimo de Miss Jan, como se nada mais fosse do que uma maneira outra de Virginia Stephen trazer para o seu diário o uso da terceira pessoa, “The ‘Miss Janism’ is almost a quotation but not quite; it is mediated, as if Virginia were reporting the words, or thoughts, of another”.

Se a existência de uma possível relação entre “Miss Janism” e Jansenismo não pode ser descartada, ela talvez precisasse ser mais bem compreendida e investigada. Bem

como a possível utilização do termo como forma de sinônimo do uso de Miss Jan. Contudo, ao se ler e pensar acerca da forma como o trecho é construído, da maneira como Miss Jan é usada ao longo das páginas do diário, parece haver ainda nessa passagem uma gama de possibilidades de discussões.

Por exemplo, pode se pensar no fato de o sufixo “-ism”, visto em “Miss Janism”, ser responsável por designar conceitos de forma geral. Assim, ao acrescentá-lo ao nome de sua figura inventada, Virginia parece transformar Miss Jan em um conceito, que pela formulação da frase faz referência não a uma pessoa, como Miss Jan faz, mas ao mundo ao seu redor, o que contraria em certa medida o pensamento de Lowe. O mundo é um “Miss Janism”, como apontado por DeSalvo. E esse mundo “Miss Janism”, pela maneira como Virginia descreve, parece difícil de ser habitado. Talvez ele configure um lugar muito crítico, que cerceia pensamentos e atitudes, assim como Miss Jan chega a fazer em determinados momentos, e quem sabe por isso tenha sido caracterizado com um termo criado a partir do nome de tal figura.

Talvez seja possível refletir também acerca da possibilidade de esse mundo transparecer à Virginia de maneira um tanto intangível, um tanto irreal – como Miss Jan, que não existe na realidade, por isso seria um mundo “Miss Janism”. E assim, é como se Virginia não pudesse, de fato, fazer parte dele. A passagem em questão está envolta à atmosfera da doença de Stella, como mencionado, e segundo Quentin Bell, muito do que de fato acontecia era escondido de Virginia devido ao seu recente colapso nervoso:

Anos mais tarde Vanessa descreveria aquele verão como “três meses de... horrível *suspense*, confusão, caos, luta desesperançada contra a estupidez dos que detinham o poder”. Isso fazia pensar que ela [Vanessa]²¹ sabia mais sobre os acontecimentos do que Virginia. Mas Virginia deve ter notado que, embora os médicos continuassem animadores, Stella não melhorava [...]. (BELL, 1988, p.90).

Apesar de as notícias sobre o verdadeiro estado de saúde da meia-irmã não chegarem à Virginia, ela percebia que a situação era ruim. A jovem não estava alheia ao mundo do qual pareciam tentar privá-la, mundo o qual pareciam tornar tão irreal, “but very much my mind at present”.

Para além de todas as possibilidades de interpretação do termo “Miss Janism”, por intermédio de passagens como as apresentadas, fica nítido o fato de Miss Jan representar Adeline Virginia Stephen, como indicado pelos colchetes do editor. Com o correr da leitura, torna-se perceptível que Woolf não formula para Miss Jan características próprias, sejam elas físicas, sejam psicológicas. Ela não possui uma imagem, uma individualidade construída só

²¹ Colchete nosso.

para si, apesar do nome distinto, a figura abarca os sentimentos e as atitudes de Virginia. Inclusive, em determinados trechos, primeira e terceira pessoas quase se mesclam, em um movimento de continuação ou complementação de pensamentos e ações: “If I was a poet (which Miss Jan does not claim to be) I should write something this way of travelling” (p.73). Segundo Louise A. DeSalvo (1987, p.112), “Virginia Stephen used the cover of Miss Jan to express emotions that, in the Stephen household, it might have been difficult for her to express overtly [...]”.

No entanto, o uso de Miss Jan não se dá de maneira uniforme ao longo do diário. Não é sempre que Virginia faz uso dela para demonstrar críticas, felicidades, descontentamentos ou embaraços, sendo muitos sentimentos protagonizados por ela em primeira pessoa: “Father took Nessa and me for a walk along the Parade to the Steine or someplace of that kind – near the Pagoda at the other end of Brighton – I regret to say that various circumstances conspiring to irritate me, I broke my umbrella in half.” (p.73). Miss Jan, como anteriormente mencionado, não permeia o diário até o fim, e após seu desaparecimento do caderno íntimo, que será discutido mais adiante, acontecimentos importantes se dão na vida de Woolf, eventos que talvez possibilitassem seu uso, como a morte de Stella, em 19 de julho.

But one simply cannot make the case that the young Virginia Stephen couldn't express her emotions without the mask of Miss Jan; in fact, Jan disappears entirely from these pages after 2 May 1897 before her step-sister, Stella Duckworth Hills died, and many of the complex emotions dredged up as a result of Stella's death Woolf describes in her own voice. (DESALVO, 1987, p.112-113)

Dessa forma, apesar de Virginia Stephen trazer para o seu diário pessoal uma figura por ela imaginada e conceder a essa o papel de agente de algumas de suas vivências, a sua voz não deixa de existir. Ou seja, a narrativa do que é feito ou sentido por Virginia não está relacionada apenas a Miss Jan.

Ademais, por intermédio de entradas como as escritas em 31 de janeiro, “Nessa did her lessons, and I wrote the History of M[aria']²²s and J[an']²³s Grand Tour”²⁴ (p.26), e em 5 de fevereiro, “After tea wrote the Eternal Miss Jan, which has not passed the first day

²² Colchete nosso. “Maria” faz referência à Vanessa Stephen, como visto na nota 17.

²³ Colchete nosso.

²⁴ Em 14 de janeiro, Virginia anota “At last, Nessa and I marched out in the afternoon by ourselves. Walked by Kensington Palace – most soothing – Tried to imagine ourselves in the middle of last century – Everything very quiet and oldfashioned – Miss Maria [Vanessa] much struck by the picturesqueness of red bricks in the winters day” (WOOLF, 1990, p.13). Ao ler o trecho destacado e, posteriormente, descobrir que Virginia escreve uma história que fala sobre o Grand Tour de Miss Maria e Miss Jan é impossível não pensar que talvez possa existir alguma relação entre esse passeio, no qual a jovem tenta imaginar a si e a irmã vivendo no século passado, e a história criada.

yet, and Nessa did her lessons” (p.30), descobre-se que Miss Jan, ao mesmo tempo em que aparece nas descrições dos dias de Virginia Stephen, faz parte de histórias em via de criação²⁵. Portanto, Miss Jan é figura a encarnar ações de Woolf em sua escrita íntima e também personagem de ficção – situação na qual talvez viesse a ganhar algumas características e vida próprias, o que infelizmente leitor algum saberá, pois o material não sobreviveu até os dias atuais.

1.3 Ficcionalização do diário

Miss Jan, ao encarnar as características de Adeline Virginia Stephen, não deixa de ser também um personagem inventado pela futura autora. Criação essa que, como mencionado, protagoniza histórias ficcionais que a jovem escreve concomitantemente ao diário. No entanto, ao iniciar a leitura de um caderno íntimo, não é o mais comum esperar por elementos imaginados, vestígios de vida inventados, e sim pelo que de fato aconteceu no dado dia em que a entrada foi escrita.

Diários constituem um gênero textual híbrido. Podem abarcar toda a sorte de textos, escritos costumeiramente de maneira livre e informal, mas cujo objetivo é guardar momentos e sentimentos vividos no cotidiano dos diaristas. A responsabilidade em preservar os dias faz com que diários e verdade acabem por ser entrelaçados de tal forma que um parece não existir sem o outro.

Contudo, como aponta Maurice Blanchot (2005, p.275), “Escrevemos para salvar os dias, mas confiamos sua salvação à escrita, que altera o dia”. Ao ler a passagem de um diário não se tem contato com a completa verdade do que de fato aconteceu. No ato da escrita, o diarista seleciona o que vai retratar. Registra o que mais lhe agradou ou incomodou, e assim reforça ou deixa de lado diversos detalhes. Adapta, também, a forma como vai escrever com base em outros fatores, como o espaço de sua página ou de acordo com o tempo que tem: se pouco, deixa entrever apenas um resumo de seu dia, se muito, narra todos os seus pormenores.

Ademais desse trabalho com a verdade, que existe no diário de qualquer pessoa, é possível citar aquele encontrado em escritas íntimas baseadas no pressuposto da existência de um futuro leitor. Quando um diarista pressupõe um leitor, transforma ainda mais a escrita de seus dias. As situações relatadas passam por um crivo maior e o diarista pensa no que será interessante ao seu suposto público, pondera sobre como reverberará sua imagem. Passa a haver certa preocupação com a forma como serão narrados os acontecimentos do cotidiano.

²⁵ As vezes nas quais Miss Jan aparece como personagem de uma história não foram contabilizadas como aparições da figura nas passagens do diário.

Assim, uma narrativa mais lapidada é trazida para a escrita íntima com o intuito de conceder aos textos certo prazer de leitura. Tal movimento se dá, em alguma medida, no diário escrito por Virginia Stephen em 1899, no qual a futura escritora diz: “I suppose a reader sometimes for the sake of variety when I write; it makes me put on my dress clothes such as they are” (p.144).

Para além, podem também existir cadernos íntimos cujas verdades, ademais das possíveis interferências já apresentadas, são retratadas de maneira ainda um pouco mais distinta. Seja por escolha estilística ou porque a percepção de mundo do diarista foge aos padrões costumeiros – baseados em relatos realistas e diretos –, ao narrar os acontecimentos são neles realizadas mudanças que aproximam os textos pessoais de escrituras ficcionais, de criações literárias. Esse, por exemplo, é o caso de diários como os de Kafka, nos quais descrições subjetivas, repletas de metáforas, fazem-se muito presentes, e o de Lima Barreto. Acerca desse último, Antonio Candido, em *Os olhos, a barca e o espelho*, afirma:

[...] o *Diário do hospício* não pode ser considerado documento pessoal puro, porque a cada momento parece que o escritor está ficcionalizando a si mesmo e ao ambiente onde se encontra, a ponto de denominar a primeira pessoa narradora, ora Lima Barreto, ora Tito Flamínio, ora Vicente Mascarenhas [...] (CANDIDO, 1989, p.46)

Ao fazer suas anotações no caderno de 1897, diversas são as vezes nas quais Virginia comenta o pouco espaço que tem para escrever, “This diary is too small to allow of very much prose” (p.73). No entanto, mesmo que, como aponta Quentin Bell (1988, p.51), Woolf se deseje escritora desde a infância, “Desde o começo ficou acertado entre as duas [irmãs]²⁶ que Vanessa seria pintora, e Virginia, escritora”, diferentemente do que é visto no supracitado diário de 1899, e em alguns dos outros cadernos de juventude da futura autora, ao escrever o diário de 1897, em nenhum momento deixa entrever pensamentos acerca de um possível leitor.

Contudo, ao nos depararmos com a dinâmica encontrada em *Diário do hospício* e discutida por Candido, no que tange a ficcionalização do “eu” que protagoniza certos acontecimentos, é difícil não aproximá-la do que é visto nas páginas do primeiro diário de juventude de Woolf. Afinal, nele, em alguns momentos tem-se Virginia, em outros, Miss Jan encabeçando ações. Entretanto, ao anotar seus dias, a jovem diarista narra sentimentos e fatos que, tudo leva a crer, realmente sucederam, mesmo os protagonizados por Miss Jan. Não há indícios nas páginas de 1897 de que sejam feitas transformações, para além das supracitadas, nas narrativas dos acontecimentos.

²⁶ Colchete nosso.

Surgem, então, dúvidas sobre qual movimento de escrita poderia ser abarcado por esse elemento inserido pela jovem Virginia em seu diário. Seria possível afirmar que há nesse caderno um processo de ficcionalização? Afinal, por mais que as situações tenham se dado da exata forma como são contadas, nos mesmos lugares em que são narradas, não havia na cena original um alguém chamado Miss Jan; Ou Miss Jan representaria apenas uma mudança de perspectiva na transcrição dos acontecimentos, somente um deslocamento do foco narrativo, permitindo à diarista ver-se de fora, como uma observadora dos fatos?

Das passagens do diário, como anteriormente exposto, infere-se que Miss Jan e Virginia são, no contexto dessa escrita íntima, a mesma pessoa. Também por intermédio de entradas do mesmo caderno, depreende-se que Miss Jan vive além das narrativas dos acontecimentos da vida da diarista, assumindo um papel de personagem ficcional. Virginia deixa explícito no diário que Miss Jan protagoniza histórias que ela está escrevendo, e tal informação não pode simplesmente ser descartada, afinal, esta parece trazer para o interior das páginas do diário um jogo Miss Jan/Virginia – Miss Jan/Personagem ficcional, que acaba por lançar sobre as entradas do diário uma espécie de fluidez de significado.

Parece errado afirmar categoricamente que Miss configura um processo de ficcionalização no diário – pois, como sabido, Miss Jan não tem uma personalidade outra, uma fisionomia outra. Assim, como soa errôneo anular por completo tal movimento, afirmando, então, que o que há em meio à utilização de Miss Jan é somente um processo de mudança de perspectiva, de foco narrativo – afinal, sabe-se que Virginia, ao pensar “Miss Jan”, também pensa em um personagem criado por ela.

Assim, é possível que Miss Jan seja mais bem caracterizada se vista como um elemento que, de alguma forma, esfumaça a fronteira entre realidade²⁷ e criação. Com isso em mente, talvez seja possível enxergá-la também como uma nuance de criação literária a permear esses primeiros escritos íntimos.

1.4 Constituições de si

Para Lejeune (2014, p.304), por vezes um diário funciona como “uma viagem de exploração”. Escreve-se para entender-se, para constituir-se. Virginia Stephen, ao trazer para a sua escrita íntima Miss Jan – essa persona que parece conferir aos escritos pessoais certo matiz de criação literária –, e transferir para ela o protagonismo de algumas de suas ações, acaba por suscitar questionamentos acerca do quanto a escrita do diário de 1897 comunga ou

²⁷ Com “realidade” se deseja fazer referência às narrativas dos acontecimentos dos dias que permeiam as entradas do diário.

não para sua constituição de si. Para além, pergunta-se também o quanto o caderno em questão pode guardar em suas páginas traços de uma escritora em formação.

Quando decide começar o primeiro dos seus ditos diários de juventude, Virginia está às vésperas do seu aniversário de quinze anos, como mencionado no início deste capítulo. Encontra-se, portanto, em meio à adolescência, período no qual toda e qualquer pessoa está em pleno desenvolvimento e organização do que virá a ser na fase adulta. A adolescência torna-se complicada, não raro, por gerar medos e angústias provindos do fato de não se ser mais criança e, assim, não se poder manter as atitudes dessa fase, mas de tampouco se ter idade e preparo suficientes para tomar em mãos as rédeas da vida.

Ao citar tal dicotomia da adolescência, é interessante trazer à tona um comentário acerca do nome dado por Virginia à persona que permeia o diário aqui trabalhado. Coincidência ou não, quando confere a ela o nome Miss Jan, Woolf acaba por transpor para o papel justamente essa contraposição passado/futuro vivenciada no período de vida em questão. Alguns estudiosos apontam que o nome de Miss Jan faz simples referência ao mês de aniversário de Virginia Woolf, “January”, mas não é difícil acreditar que, em verdade, a futura autora desejasse de alguma forma fazer alusão ao deus Janus. Leitora voraz dos mais diversos livros²⁸, provavelmente Virginia sabia que tal deus era inspiração para a nomenclatura de seu mês de nascimento e também divindade retratada com duas cabeças, uma a olhar para o passado e outra a vislumbrar o futuro.

Com o correr da leitura do caderno de 1897, para além de qualquer circunstância relacionada à Miss Jan, por vezes tornam-se perceptíveis os pensamentos de Virginia quanto à dificuldade em abandonar o passado e às incertezas das inúmeras possibilidades dos dias vindouros. A entrada de 30 de maio, aniversário de sua meia-irmã, Stella Duckworth, que muito recentemente havia se casado, e de sua irmã, Vanessa Stephen, dá um breve demonstrativo: “Today Stella (Mrs John Waller Hills) is 28, and Nessa (still *Miss* Stephen thank goodness – but who, I say, can tell what next year is to bring – change of names & otherwise!) is 18” (p.92).

A essas aflições mais costumeiras da adolescência somavam-se, nessa fase da vida de Woolf, outras. Por exemplo, o fato de ela, após a morte de sua mãe, ter enfrentado o grave colapso nervoso que a desconectou do mundo por um tempo. Bem como toda a problemática de sua criação vitoriana que, entre outras questões, ensinava-a a ser uma mulher a iluminar

²⁸ Ao longo das páginas do diário de 1897, tem-se uma ideia da imensa quantidade de livros lidos por Woolf. Leituras feitas em velocidade tal que, segundo Quentin Bell (1988), chegava a impressionar até o pai da futura autora, Leslie Stephen, acostumado com um ritmo pesado de leitura.

uma sala de estar, em contraposição a aparente consciência de Virginia em não possuir o tato social e a vontade suficientes para realizar tal tarefa.

Todavia, apesar de todas as possíveis turbulências desse momento de vida de Virginia Stephen, ao abrir os diários, as entradas não estão recheadas por constantes arroubos sentimentais típicos da idade ou grandes explanações acerca de algum fator que permeie continuamente os pensamentos da jovem diarista. Diversas vezes, em realidade, Virginia apenas descreve as atividades diárias de sua família e tece somente breves comentários sobre sentimentos, medos. Ela não costuma escavar suas emoções.

Por consequência de tal movimento de escrita, e também pela inserção no diário de um elemento como Miss Jan, é difícil não pensar que tal caderno íntimo ao invés de conter explorações de uma alguém que busca, por meio da escrita pessoal, compreender-se e constituir-se, mostra, em verdade, uma pessoa que deseja esconder-se de si.

De acordo com Gill Lowe (2015), Adeline Virginia Stephen, durante a escrita de seu primeiro caderno, procura evitar acessar a sua subjetividade. Para esquivar-se de grandes incursões nos meandros de seus pensamentos e emoções, Woolf opta por se distanciar de si e torna-se mera observadora de sua vida dentro das páginas do seu próprio diário.

Conventionally a diary is seen as a place to freely express private thoughts about self and others. Frequently young diarists use their writing to release emotions and explore ideas but in 1897 Virginia refuses to do this: she prefers to lock her self away. (LOWE, 2015, p.18)

Para Lowe, o “eu” de Virginia nesse caderno de juventude parece fraco e sem muita coragem de se dar a ver para ele mesmo. Por tal motivo é utilizada Miss Jan, figura que ao mesmo tempo o mostra e o esconde:

‘Miss Jan’ is a substitute self invented by the ‘real’ historical referent, Virginia Stephen, so that she may present her self-as-object. She thus presents herself as if she were other. She divides her ‘consciousness into subject and object, into the observer and the thing observed. She creates a fictional mouthpiece to objectify, and sometimes silence, her self. (LOWE, 2015, p. 22)

No entanto, tomadas de distância, por vezes, podem funcionar como ferramenta de compreensão de si. Observar a própria vida como espécie de testemunha de seus acontecimentos e sentimentos em alguns casos ajuda no entendimento do mundo ao redor e, conseqüentemente, em futuras reações ao ambiente circundante.

Um exemplo disso pode ser visto ao longo das passagens de fevereiro do diário de 1897. No dia 1º do dado mês, Virginia anota que Stella deseja que ela a acompanhe em uma viagem com seu então noivo, John Hills. Woolf demonstra não querer realizar a viagem, e seus sentimentos em torno da situação tornam-se tão conflitantes que, ao terminar a passagem,

prefere distanciar-se e colocar seu misto de sentimentos nas mãos de Miss Jan. É a pobre Miss Jan quem fica confusa:

A terrible idea started that Stella and I should take lodgings at Eastbourne or some such place, where Jack is going next week – Impossible to be alone with those two creatures, yet if I do not go, Stella will not, and Jack particularly wishes her to – The question is, whether Nessa will be allowed to come to – If so it would be better – but goodness knows how we shall come out of this *quandary* as Vanessa calls it. [...] I have been in a dreadful temper all day long, poor creature – and lead Stella and Vanessa a life – Can not protest *too* strongly against going (though I do) or else S will have to give up, and her poor young man would be miserable – but think of going! If we go we should start next Monday, and stay away till Saturday. This is a dreadful fix – Poor Miss Jan is bewildered. (WOOLF, 1990, p. 27)

Virginia, no fim, acaba por ter de viajar. Contudo, parece que o distanciamento aplicado no momento de confusão faz com que ela, de alguma forma, entenda melhor seus sentimentos com o que dizia respeito a toda a situação. E assim, quando quase no fim da viagem comenta-se em prolongar a estadia, é a voz de Virginia Stephen que, sem hesitação alguma, descreve sua resposta a tal pretensão: “I absolutely refused to stay another week in Bognor with Stella [...]” (p.35).

Dessa maneira, na contramão do pensamento de Woolf simplesmente esconder-se de si, tem-se a impressão de que talvez o diário de 1897 abarque um alguém em busca de se entender e aprender a se colocar no mundo. Para Louise A. DeSalvo:

The diary helps us see that Woolf was struggling valiantly in this year to carve out an identity for herself within a Family that preferred to see her as incipiently insane rather than do the difficult work that was required in order to help her recover from the emotional stress of the death of her mother. (DESSALVO, 1987, p. 99)

Mesmo que Miss Jan não permeie o caderno em questão até suas derradeiras páginas, DeSalvo defende a ideia de que essa figura auxilia Virginia a se entender, a se constituir e a fortalecer sua própria voz. Em meio ao ambiente habitado por Woolf em sua juventude, que envolvia uma família bastante fechada, no que diz respeito a quesitos emocionais, com um pai que, de acordo com Quentin Bell (1988), sofreu tanto a perda da esposa que deixou de lado o sentimento dos filhos: “Through Miss Jan, and perhaps even because of Miss Jan, Virginia Stephen was able to explore thoughts and ideas that were radically different from those of her father [...]” (DESSALVO, 1987, p.97).

O fato de Miss Jan deixar de existir antes do fim do diário de 1897, circunstância mencionada no parágrafo anterior e em outras ocasiões no decorrer deste capítulo, talvez precise neste momento ser comentado com maior profundidade. Isso porque o desaparecimento dessa figura, de alguma forma, parece fazer parte do processo de constituição de si de Adeline Virginia Stephen.

Como sabido, a passagem escrita em 2 de maio é a última na qual Miss Jan está presente:

Dr Seton came at 11, and was perfectly happy about Stella – She has had a good night, no pain – pulse & temperature normal. What more could one want? Georgie & I therefore went out contentedly to hear Father lecture at the Kensington Town Hall upon Pascal. There was a fairly large audience composed of sensible ugly young teachers & middle aged ladies and very strong minded respectable tradespeople in black – The proceedings were enlivened at intervals by songs and music from the gallery. The lecture was very deep rather too deep for the audience; very logical & difficult for the ignorant (i.e. Miss Jan) to follow – Not quite as good as I have heard from him – however it went off comfortably.

In the afternoon Georgie & we three went for a walk in the gardens. Broadbent and Dr S. came at 4. Broadbent quite enthusiastic – Thoroughly good straight forward recovery – absolutely no danger – Jake asked him to come on Tuesday. Jan most jubilant – & went comfortably to bed for the first time. Read Mr. [Henry] James to quiet me, and my beloved Macaulay. (WOOLF, 1990, p. 79-80)

Tal entrada, cujas aparições de Miss Jan foram separadamente comentadas quando da caracterização da persona, traz novamente à tona o estado de saúde de Stella. A doença e a consequente morte da meia-irmã podem, em certa medida, ter relação com o desaparecimento do elemento das páginas do diário. Para entender esse possível entrelaçar do sumiço de Miss Jan com a morte de Stella se faz importante compreender um pouco a relação de Virginia com sua meia-irmã.

Segundo Quentin Bell (1988, p. 64-65), Stella “era uma figura importantíssima na vida de suas meias-irmãs. Era o lugar-tenente de sua mãe, embora não fosse sua favorita. Não muito inteligente, mas dona de certa sabedoria feminina, bondosa, doce, sossegada e linda [...]”. Com a morte de Julia, Stella assume o lugar desta na casa dos Stephens:

[...] paciente, confiável, sem queixas, curvando-se ao jogo inevitável do seu sexo, aceitou suas tarefas. Pálida como uma planta a quem negaram sol, escondendo as lágrimas que muitas vezes corriam, mesmo assim conseguia encontrar forças para ajudar o marido da mãe e seus filhos; especialmente Adrian e Virginia. Era ela quem fazia Adrian ir para o colégio de manhã, lutando contra seu enlouquecedor costume de perder luvas, livros e casacos; era ela quem tinha de cuidar de Virginia, atenção que [...] agora se tornava urgente, dolorosa, terrível. (BELL, 1988, p.70)

O cuidar de Virginia torna-se mais complicado em razão do seu colapso nervoso após a morte da mãe. É Stella quem parece arcar com a responsabilidade de levar a jovem ao médico, fazê-la seguir todas as indicações passadas, descobrir o que poderia ou não ser inserido em sua rotina, “Father and I went out – up to Rotten Row, and back again. Afterwards Stella and I went to Dr Seton – He gave me new medicines, but S. forgot to ask him about the cycling or lessons” (p.27). Stella deixa de ocupar somente o lugar de meia-irmã e converte-se à espécie de mãe substituta.

Ao longo do caderno de 1897, é possível entrever que essa relação, que passa por tamanha mudança, é constituída por altos e baixos, por momentos que parecem guardar em si certa ambiguidade. Dessa forma, há situações nas quais é perceptível a existência de carinho, como pode ser visto na entrada de 10 de abril, dia do casamento de Stella e Jack Hills. Apesar de todos os incômodos sentidos por Virginia ao longo dos preparativos para o matrimônio, “Now there is a dreadful ideia that Stella ought to have bridesmaids, and that Nessa and I ought to be among them [...]” (p.50), apreende-se que ela, à sua maneira, estava contente pela felicidade da meia-irmã:

The morning was still rather a hurly burly – The finishing touches to everything had to be given – Eustace came often to arrange things with Stella – Huge boxes of flowers arrived throughout the morning and had to be arranged – orange flowers had to be mixed with all the Southwark and workhouse favours – great white satin cockades. Adrian did not go to school. At about 12 the Fishers came – and Stella went up to dress. M. Emile the hairdresser did her hair and also Nessa’s – Goodness knows how we got through it all – Certainly it was half a dream, or a nightmare. Stella was almost dreaming I think; but probably hers was a happy one. We went to the church at 2. Jack was there looking quite well and happy. Then at about 2.15 or 3.0, Stella and father came in – Stella walking in her sleep – her eyes fixed straight in front of her – very white and beautiful – There was a long service – then it was over – Stella and Jack were married – We went up and saw her change her dress – and said good bye to her. So they went – Mr and Mrs Hills! These are some sentimental tokens of the day. White rose leaves from S’s bouquet and red tulips from ours that Jack gave us – (WOOLF, 1990, p.68)

Em contrapartida, há circunstâncias que deixam entrever conflitos, como pôde ser notado nas passagens sobre a viagem a Bognor. Desavenças entre irmãos, entre mães e filhos, são comuns e é possível que os problemas de Virginia e Stella não fujam tanto à normalidade:

Sem tentar ir muito a fundo, podemos pelo menos notar que entre uma mulher benquista, bondosa, mas não muito inteligente, numa posição de vaga autoridade – meio irmã mais velha, meio mãe substituta – e uma menina de 15 anos, muito nervosa, irritadiça e inteligente, pode haver muitas causas de desavença [...] (BELL, 1988, p.89).

Contudo, algo que chama atenção ao longo da leitura do diário é que as divergências de sentimentos parecem se tornar mais pungentes ao longo da doença de Stella. Assim, em um dia Virginia faz uma anotação rejubilando-se com a melhora da irmã, e em outro fala dela com raiva, de maneira agressiva, mesmo que não deixe de desejar a sua recuperação: “Now that old cow is most ridiculously well and cheerful – hoping about out of bed etc: Thank goodness, nevertheless [...]” (p.83). Talvez Virginia se incomodasse por toda a movimentação e mudança de rotina causada pela doença de Stella ou, quem sabe, por trás da agressividade morasse certo receio em perder a irmã.

Após essa entrada de tom mais hostil, o que se vê com o correr das passagens subsequentes é uma Virginia a se mostrar como uma companhia constante para a meia-irmã, que segue com a saúde bastante debilitada. Ela passa horas em sua casa²⁹, entre longas conversas, “I sat with Stella most of the afternoon, & had a very nice long talk” (p.112). Apesar dos altos e baixos da relação, Virginia mostra-se realmente ligada à irmã, tanto que adoece pouco antes de sua morte.

Feita essa breve exposição acerca da relação de Virginia e Stella, é preciso retomar o desaparecimento de Miss Jan e sua possível relação com a morte da meia-irmã, ocorrida na madrugada do dia 19 de julho.

Entre os dias 10 e 26 de julho, Virginia não faz anotações no diário, no entanto, as páginas não foram deixadas em branco. Na passagem do dia 10 do referido mês, a diarista anota: “This is where I left off writing my diary – I fill in these days from memory, this afternoon Tuesday July the 27th” (p.113). Virginia, então, retoma todos os dias que antecedem e sucedem a morte da irmã. No contexto de um diário que não guarda grandes incursões acerca de sentimentos e emoções, não seria de todo estranho se as páginas deixassem realmente de ser preenchidas, ou se houvesse apenas uma simples menção sobre a morte. Mas a menina que não fala do falecimento da mãe, que não menciona praticamente nada acerca de sua doença, opta por não deixar em branco esse momento de sua vida. Ela faz questão de tentar rememorar dia a dia. Mais importante que isso, Virginia não coloca na voz de Miss Jan nenhum dos sentimentos causados pela situação, por mais doloridos e confusos que fossem.

Talvez esse fato se dê por ser o sentimento de perda de uma pessoa querida algo muito próprio, é difícil se distanciar, pois pode envolver uma gama enorme de sensações. Ou, para além, há a possibilidade de Virginia não querer se distanciar, não desejar observar de fora para depois agir. É possível que a jovem começasse a viver um momento no qual passava a se sentir mais preparada para lidar com as suas emoções, mesmo que essas fossem muito difíceis. E Miss Jan pode ter ajudado nesse processo. Essa persona, como apontado por DeSalvo, pode ter auxiliado Virginia a conseguir fortalecer sua voz e se apropriar de si a tal ponto que no momento de maior dificuldade ela estava preparada para fazer uso do seu próprio “eu”, deixando sua personagem livre para viver apenas sua história – que, aliás, parece continuar a ser escrita, como pode ser visto na entrada de 9 de agosto: “[...] But the

²⁹ Após o casamento, Stella se muda para Hyde Park Gate, nº24, bem próximo à casa dos Stephens, na Hyde Park Gate, nº 22.

‘great work’ goes on steadily, & has received Nessa’s approval” (p.121), segundo Leaska, “great work”, faz referência a “Eternal Miss Jan”.

A partir de toda a discussão realizada até aqui, é possível dizer que Miss Jan passa de fuga de si para espécie de elemento constituinte. Tem-se, então, uma figura com nuances de criação literária que parece ajudar um alguém a se formar. Talvez entre aqui uma questão relevante, o fato de a ficção funcionar, por vezes, como forma de auxílio na compreensão de quem se é, dos acontecimentos que se dão no decurso da vida, no entendimento do mundo ao redor.

À época da escrita do diário, Adeline Virginia Stephen começava a voltar a conectar-se com os ambientes e as pessoas ao seu redor, após o tumultuado período de seu colapso nervoso. As frequentes descrições do que cada integrante de sua família fazia no dia a dia, mais do que uma fuga, talvez tivessem como intuito funcionar como forma de gravar a memória de uma realidade que lhe havia escapado durante o episódio da sua doença. Ela parece precisar tatear o mundo a sua volta, observá-lo atentamente em uma possível tentativa de entender quem ela era dentro dele. Talvez por isso tenha se esforçado tanto para dar continuidade ao caderno, apesar do incômodo evidente e crescente que a escrita começa a causar-lhe a partir de meados do ano:

Again I forget – This poor diary is lingering on indeed, but death would be shorter & less painful – Never mind, we will follow the year to its end, & then fling diaries & diarising into corner – to dust & mice & moths & all creeping crawling eating destroying creatures. (WOOLF, 1990, p.128)

Mas vivenciar a realidade, fazer parte do mundo ao seu redor, não era tarefa simples, como já mencionado ao longo dos questionamentos acerca do termo “Miss Janism”. Em um das últimas passagens do diário, Virginia anota: “Life is a hard business – one needs a rhinoceros [sic] skin – & that one has not got” (p.132). Woolf continuava a ter de lidar com rompantes de crises nervosas – não tão fortes, mas incômodas –, percebia que não se encaixava plenamente no ambiente que a circundava, que a sua família, como mencionado por DeSalvo em trecho supracitado³⁰, continuava a encará-la com um alguém incapaz de entender realmente os fatos que se davam ao seu redor – alguns parentes, por vezes, pareciam encará-la com um verdadeiro incômodo, e aparentemente não se preocupavam muito em esconder tal sentimento, como pode ser visto em entrada de 6 de julho: “In the afternoon I sat with Stella

³⁰ Ver página 31.

for some time; & talked to her about various things, & Adeline³¹'s anger 'So bad for Stella to have Ginia³² always with her!'"(p.112).

Na busca em se aliviar do peso de um mundo no qual parecia difícil viver, e também para tentar entendê-lo e, então, talvez descobrir seu lugar e formular quem se é, Virginia recorre desde muito nova às letras. Dessa forma, é visto ao longo do diário de 1897 que, não raras vezes, ela narra sua felicidade em poder finalmente ler após um dia difícil, "After all books are the greatest help and comfort" (p.79). Para além, há sua percepção de que escrever poderia funcionar como ferramenta de organização do caos circundante:

It was an urge, through writing, to bring order and continuity out of chaos. Putting things into words and giving them deliberate expression had the effect of restoring reality to much that otherwise have remained insubstantial. Words, she had discovered in childhood were her most potent medium. (LEASKA, 1990, p. xv)

Enxerga-se, portanto, que a relação de Woolf com a palavra escrita é muito intrínseca. Ela lida melhor com o mundo quando esse é permeado por livros, por literatura. Assim, não é de se estranhar que tenha trazido para o seu caderno íntimo uma figura que parece beirar o literário.

Miss Jan, essa persona imaginada antes mesmo do diário de 1897, e que assume nesse o lugar de Virginia em algumas situações de embaraço, confusão, alegria, pode configurar ainda um papel mais importante. Ao observar que, diversas vezes, ao mesmo tempo em que Adeline Virginia Stephen perscruta o seu interior, ela carrega consigo um elemento com tom ficcional para efetuar tal tarefa, é difícil não pensar na possibilidade de seu processo de constituição de si dar-se de maneira entrelaçada ao seu processo de constituição como autora. Ela cria uma figura e a utiliza para entender a si mesma. Apesar de Miss Jan desaparecer dos diários, o entrecruzar de desenvolvimento identitário e literário, o entrelaçar de vida e fazer literário, parece permear, de diferentes maneiras, muitos dos outros cadernos de juventude – Virginia transformará em ensaios muitas de suas vivências, em lugar de apenas transcrever o que foi vivido e sentido; inserirá em meio à narrativa de acontecimentos cotidianos exercícios de escrita; muitas passagens passarão a ser permeadas por pensamentos acerca da literatura e das suas formas de escrever.

O primeiro dos chamados diários de juventude chega ao fim, como anteriormente mencionado, em 1º de janeiro de 1898, com a seguinte passagem:

I write this morning what would more fitly have been written last night. But my diary has ever been scornful of stated rules! Here then comes the "Finis" What a volume might not be written round that word – & it is even hard to resist the few

³¹ Adeline Fisher (1870-1951), prima de Virginia Stephen.

³² Apelido de Adeline Virginia Stephen.

sentences that naturally cling to it. But I will be stern. Here is a volume of fairly acute life (the first really *lived* year of my life) ended locked & put away. And another & another & another yet to come. Oh dear they are very long, & I seem cowardly throughout when I look at them. Still, courage & plod on – They must bring something worth the having – & [illegible] they *shall*. Nessa preaches that our destinies lie in ourselves, & the sermon ought to be taken home by us. Here is life given us each alike, & we must do our best with it: your hand in the sword hilt – & an unuttered fervent vow!
The End of 1897. (WOOLF, 1990, p.134.)

Para a jovem Virginia, 1897 é o primeiro ano realmente vivido em sua vida. E apesar do medo do que o futuro lhe reserva, existe certo ar de esperança e vontade de lutar pelos tempos vindouros. É perceptível que o primeiro dos diários de juventude vai muito além de um documento a mostrar o mero cotidiano de uma adolescente. Suas passagens abrigam os escritos de um alguém que parece ansiar por estar, de fato, no mundo, mesmo que diversos sejam os receios, que sejam grandes as dificuldades em adentrar suas próprias emoções. Para além, como visto, este caderno, iniciado com o intuito de guardar as recordações de um novo ano, parece trazer em si vestígios de alguns dos primeiros passos de um alguém que se deseja escritor.

2. AS LACUNAS DE ADELINE

2.1 Pequeno demais para permitir muita prosa³³

Sunday 11 April

In the morning we did nothing which was very nice after this last week of doing something. Adrian played with his microscope – a wonderful one which Stella gave him, and Georgie tried to summon up courage to prick himself and examine his blood – *Yesterday there was no room to say*³⁴ that Stella and Jack gave Nessa and me two most superior bridesmaids presents – beautiful gold watches the best, Georgie says, that can be made, with our initials on the back, and “From Stella and Jack” inside. These arrived as Stella was dressing on Saturday, and she gave them to us just before we started for the church [...]. (WOOLF, 1990, p.68)

Em 11 de abril, dia seguinte ao casamento de Stella Duckworth com Jack Hills, Virginia destina parte da entrada de seu diário para transcrever algo da tarde anterior – Vanessa e ela haviam recebido de presente da irmã mais velha, por terem sido damas de honra, relógios de ouro. A jovem diarista traz à tona novamente o assunto do matrimônio, pois na passagem precedente não havia espaço para que o acontecimento fosse narrado – “Yesterday there was no room to say”.

A entrada supracitada revela a primeira vez em que Adeline Virginia Stephen faz referência à falta de espaço que seu caderno de capa dura e cadeado possui para suas anotações cotidianas³⁵. Neste momento, é preciso lembrar que, como dito em “Entrelinhas de Miss Jan”, o diário de 1897 é fisicamente muito pequeno³⁶, sendo assim, não existe, de fato, um lugar concreto nas páginas para muita prosa.

O movimento de retomada visto na passagem referida não se mostra comum ao longo do diário. De maneira geral, mesmo demonstrando insatisfação em não poder escrever tanto quanto gostaria acerca de determinada experiência, Virginia apenas deixa de lado o assunto após a queixa. Para além da entrada mencionada, os lamentos pela falta de espaço aparecem em transcrições de situações nas quais a jovem diarista deseja retratar pessoas: “[...] We found dear Frances in, with an Indian uncle of hers – Most delightful – talked & laughed. Then we were shown Miss Baldwin – an emaciated female who plays the piano loudly &

³³ Referência ao excerto “This diary is too small to allow of very much prose, and that is quite inadequate” (WOOLF, 1990, p.73), escrito em 20 de abril, e já referido neste trabalho no tópico “Ficcionalização do diário”.

³⁴ Grifo nosso.

³⁵ Adeline Virginia Stephen fará referência à falta de espaço de seu diário, ao todo, nove vezes, entre os meses de abril e julho.

³⁶ A lembrar, 8x13cm.

badly – quite cosy. No room to say more of this wonderful pair”³⁷ (p.97); bem com em dias aparentemente repletos de diversidade de acontecimentos, como em 10 de junho:

[...] Adeline³⁸ was engaged! Broadbent was with Stella – when he came out he was completely satisfied – amazed at having been sent for – etc. We went out shopping. Miss Noel came to tea – A most exciting afternoon – In the evening A[deline]. & Gerald went to opera, so the day was finished – Good heavens – what a whirlpool – No room for more! (WOOLF, 1990, p.98).

Há também certo pesar em ter tão pouco espaço para anotações em momentos nos quais a jovem vive situações diferentes, de quebra de rotina, como a “water party” ocorrida no fim de maio:

Saturday 22 May

The day of our great water party. We – Georgie, Nessa & I started for High St Station at 10. We changed at Reading, & got to Goring at 11.15. We put our clothes, cherries etc. in the drawing room of the Miller of Mansfield (the Inn of the place.) & then we went down to the boat house to see about the boats. There we met Sir Condie Stephen – of all people! We rowed out down the stream, & paddled industriously into the banks – N. & I rowing. At 1.30 we had lunch at the M. of M. – & at 3. we went down to meet the train. Gerald, A. & Lesage & Miss Booth came by it. All the other people we had invited did not turn up – My space is gradually disappearing [*sic*], & I cannot say in the shortest way all that we did – However, briefly – we splashed leisurely down the river to Tilehurst – picked buttercups on the way, & eating cherries. At Tilehurst we had tea, & once more rowed on to Reading. This we reached at 8.30, & caught the train earlier than the one we meant. Home about 10.30. Father at Cambridge. (WOOLF, 1990, p.89)

Nessa entrada, na qual a Virginia já explora o evento apresentado de forma mais detalhada do que costumeiramente faz ao longo do seu primeiro caderno íntimo de juventude, ela lamenta não poder contar de maneira mais pormenorizada tudo que aconteceu em um dia que soa ter sido bastante agradável. Ao mencionar essas reclamações da menina Virginia sobre o espaço do diário de 1897, Barbara Lounsberry, em *Becoming Virginia Woolf* (2015), evoca o pensamento de que, para uma pessoa que deseja ser escritora, que parece apresentar vestígios de um “eu” escritor ao longo do seu diário, não ter espaço para escrever deveria causar certo incômodo:

³⁷ Ao longo do caderno de 1897, não raras vezes Virginia escreverá sobre alguém e inserirá pequenas descrições da pessoa – que nem sempre estarão acompanhadas de reclamações acerca de espaço. O costume de procurar descrever indivíduos, criar retratos deles, acompanha Woolf ao longo dos escritos de juventude. No diário de 1903, por exemplo, há um ensaio destinado a trabalhar Janet Case, professora e amiga de Virginia, denominado “Miss Case”; nos diários escritos entre 1906 e 1909, traz sempre à tona as minúcias das pessoas que encontra; as anotações sobre uma viagem à Itália, em 1908, iniciam-se com um retrato de Clive Bell, marido de Vanessa. O gosto por observar e buscar passar para o papel o que é captado das pessoas, como são as pessoas, vai acompanhar Virginia para além de sua escrita íntima, adentrando sua produção ficcional – desde seus primeiros contos, como *Memórias de uma romancista* (1909) – narrativa criada com o objetivo de ser a primeira de uma sequência de retratos fictícios –, até seus romances, como *Orlando: Uma biografia* – que se trata de uma biografia ficcional.

³⁸ Ver nota 31.

Virginia Stephen's 1897 diary offers clear signs of literary aspirations, and of literary gifts as well; however, it sounds another note too – one of spatial restriction. [...] 'This diary is too small to allow of very much prose', Virginia recognizes April 20 when she is tempted to write, as a poet, about her thrilling bicycle ride. Had she a larger diary, she might have tried further to capture this flight, and she could have expanded her character studies as well. [...] How sad the young writer was not given a larger diary page. (LOUNSBERRY, 2015, p.43)

Não há porque duvidar que, em alguns momentos, Adeline Virginia Stephen desejasse realmente ter mais espaço para descrever um dia agradável ou as pessoas que cruzavam seu caminho, e os excertos citados parecem demonstrar isso. Ademais, o conhecimento que se tem de que desde muito jovem ela constrói uma relação intrínseca com a palavra escrita, com os livros, e que, como dito, deseja-se escritora reitera o fato. Contudo, ao se ater aos trechos nos quais Woolf enfatiza não haver lugar suficiente para suas anotações, é possível observar também que, em dadas circunstâncias, esse “No room for more!” pode ir além de um simples lamento por não poder escrever.

[...] Next for the greatest & most beautiful of either of their presents! Behold! Georgie presents Nessa with a wonderful *opal necklace* – almost as splendid as Stella's wedding one. This is my envy & my delight. No room on page for more description of it – Gerald a 5 pound note; and a dress to come – Father books. A. – slippers. T. paints. Jack book. At. M[inna]. Blouse (in which N. looked very lovely) but the opal necklace!!!!!! (WOOLF, 1990, p.92-93)

Ao ler o trecho, retirado da entrada de 30 de maio, aniversário de Stella e Vanessa – data comentada no capítulo anterior – tem-se a sensação de que, no dado contexto, Virginia, de certo modo, faz uso da questão das dimensões pequenas de seu diário como espécie de subterfúgio para não explorar o sentimento antagônico³⁹ mencionado. Após anotar “This is my envy & my delight”, aparentemente há espaço, mesmo que pouco, para de alguma maneira descrever o que é expresso na frase – afinal de contas, ela consegue enumerar todos os presentes que a irmã ganhou e quem os deu, mesmo que de forma resumida, sem muitos detalhes. Mas, apesar de não descrever melhor o que é sentido, fica explícito que isso segue permeando os seus pensamentos, pois termina a entrada com a exclamação “but the opal necklace!!!!!!”.

³⁹ É interessante saber que em 1897, Vanessa Stephen começa a ser introduzida na sociedade e que, ao longo desse primeiro caderno de juventude, muitas vezes Virginia fará anotações acerca dessa temática, e não raro se mostrará enfadada e encantada com as situações que a irmã está vivendo, demonstrando, assim como na referida passagem, sentimentos antagônicos: “Nessa & Adeline were debating about the wonderful dratted never-to-be-finished evening dress” (p. 98), “Afterwards Nessa went to High St to buy odds & ends for her blessed dress” (p.100), “She looked most beautiful, so all these fittings & bastings have been Worth something after all” (p.101), “Nessa most triumphant [...] – Looked most beautiful – the envy of all the other fine ladies” (p.108).

Talvez seja possível afirmar, então, que Virginia Stephen escolhe não transcrever para a página de seu caderno íntimo exatamente o que está envolto na inveja e no deleite expressos ao se referir ao colar de opalas da irmã.

Não anotar tudo que se pensa ou que se sente, independente do espaço que se tem, é uma decisão e um direito de qualquer diarista, esse gênero textual abarca tais escolhas. Assim, cada um escreve em seu caderno íntimo o que melhor lhe convêm, da forma que lhe apraz, pelo período desejado. Ao longo de seus diários de juventude, Virginia expõe alguns pensamentos sobre escrita íntima, e ao encerrar o caderno de 1904/1905, afirma: “[...] Such an exercise can only be fulfilled when it is voluntary, & words come spontaneously. Directly writing is a task – why, one asks, should one inflict oneself thus? The good is nullified. [...]” (p.273).

Apesar desse direito de “não dizer” de todo diarista, segundo Hermione Lee, dentro da diarística de Virginia Woolf⁴⁰ há sempre certo dilema sobre o que relatar, se alma ou se fatos:

[...] She is much concerned with how she writes it, and what it's for. And its uses vary: it is a 'barometer' of her feelings, a storehouse for memories, a record of events and encounters, a practice-ground for writing, a commentary on work in progress, and a sedative for agitation, anger, or apprehension. In the mid-1920s, she has a self-conscious debate with herself about whether it is a diary of facts, or a diary of 'the soul'. [...] She seems to have promised herself that the diary would be about 'life' rather than 'the soul' – perhaps as a way of keeping “egotism” under control: 'Did I not banish the soul when I began? What happens is, as usual, that I'm going to write about the soul, & life breaks in.' Later she will 'cancel that vow against soul description': she wants to describe 'the violent moods of my soul'. But then, 'How to describe them?' It is difficult to 'write directly about the soul. Looked at, it vanishes.' (LEE, 1997, p.5)

A dúvida sobre o que escrever, sobre como escrever, a possibilidade de não anotar, por falta de vontade ou coragem, o espaço que se tem ou que se deixa de ter, como sabido, são fatores que podem contribuir para que uma escrita íntima seja repleta de silêncios, de não-ditos. O primeiro dos diários de juventude, assim como os subsequentes da futura autora, contém muitos espaços aparentemente não preenchidos. É sobre algumas dessas lacunas de Adeline Virginia Stephen a que se destinam as páginas a seguir.

2.2 Entrevistos

Ao adentrar a escrita íntima de alguém, não é raro o desejo por tal leitura ser impulsionado por questionamentos previamente formulados acerca de possíveis anotações do diarista, em especial se houver algum conhecimento sobre sua história de vida. Lê-se, então,

⁴⁰ Aqui estão inclusos também os diários de maturidade (1915-1941).

em busca de respostas. Contudo, essa procura tem muitas vezes suas expectativas frustradas, afinal, como afirma Philippe Lejeune (2014, p. 345), “[...] essa é uma característica surpreendente do diário que o opõe a todos os outros textos: nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade” – só o diarista realmente sabe o que está envolto ao que foi transcrito, ou deixou de ser anotado, afinal ele vivenciou as experiências.

Quando se trata do primeiro dos diários de juventude de Adeline Virginia Stephen, talvez um questionamento comum, antes de travar conhecimento mais profundo da obra, possa dizer respeito à doença que atinge a futura escritora em 1895. É possível que se pergunte se a menina rememora em suas páginas íntimas algum momento particularmente difícil, se narra os sofrimentos vividos no pior de seu primeiro colapso nervoso, se acaso se mostra temerosa acerca da possibilidade de vivenciar a situação novamente.

Ao longo das 309⁴¹ entradas do caderno íntimo de 1897, podem ser encontradas algumas menções à doença. Assim, como visto no capítulo anterior, existem passagens nas quais a jovem relata idas ao médico com sua meia-irmã, há também comentários sobre mudanças de medicação, acerca do controle de atividades do seu cotidiano. Podem ser vistas referências a certa instabilidade emocional, o que parece incomodar Virginia e aparentemente são sintomas do colapso que ainda rodeiam sua vida. Entretanto, em nenhum momento do diário Adeline falará abertamente sobre o evento do colapso nervoso. Ela faz anotações sobre remédios e visitas ao Dr. Seton, sem, contudo, referir-se ao passado. Não existe uma retomada do que aconteceu em 1895, do que foi sentido. Ao longo da leitura, fica nítido que há algum problema de saúde, mas não se sabe qual, o que o causou – diferentemente do que, como será visto mais adiante nesta dissertação, acontece em diários posteriores como o de 1904/1905, no qual Virginia refere-se com maior clareza a mais uma crise de sua doença.

Tranbordando por alguns momentos as páginas do diário, talvez seja relevante mencionar nessa discussão o fato de, aparentemente, no ápice dos colapsos nervosos que Virginia Woolf sofre ao longo de toda a sua vida, ela não parecer capaz de escrever. Existem anotações que precedem crises e relatos posteriores, mas nunca no correr da situação. Dessa forma, tudo que se tem sobre esses episódios de sua vida são narrativas de outras pessoas.

[...] There are no letters or diaries written when she was undergoing the worst of the crises, though there are some close in time to the events. There are no specific first-hand reports of what she said when she was uttering ‘gibberish’ or talking wildly or experiencing hallucinations, though there are retrospective and fictionalised versions. And there is confusion between the effects of her illness and the effects of

⁴¹ Informação retirada de LOUNSBERRY, Barbara. *Becoming Virginia Woolf*. 2015, p. 45.

her treatment, a confusion which has given rise to violently opposing schools of thought about her mental history.

The first ‘breakdown’ of 1895, after Julia’s death, is the least fully chronicled. (Leonard, in his autobiography, refers to ‘a minor breakdown in childhood’ before 1895, but there is no other evidence for this.) She wrote nothing that survives from 1895; a shortlived diary from 1896 was lost or destroyed, and we don’t hear her voice until 1897. [...] (LEE, 1997, p.176-177)

Ainda sobre o não escrever no auge das crises, no que diz respeito à falta de relatos no período do considerado primeiro quadro da doença, de acordo com Hermione Lee (1997, p.178), Virginia afirma: “[...] Used to sit up in my room raging – at father, at George, and read and read and read. But I never wrote. For two years I never wrote. The desire left me [...]”⁴².

Intrinsecamente relacionada à doença de Adeline Virginia Stephen está a morte de sua mãe, Julia Stephen. Esse é outro tema que aparentemente faz surgir questões prévias ao contato com o conteúdo do diário. É como se houvesse certa espera por demonstrações de saudade, tristeza, algum sentimento que remeta a essa perda tão prematura.

Mas, ao contrário do que é visto em relação à doença, que por mais que não sejam trazidas à tona recordações do passado, em certa medida, permeia as páginas do caderno, a mãe é praticamente apagada das entradas de 1897, como aludido em momentos anteriores. Ela é excluída de maneira tal que se torna difícil não pensar nela ao longo da leitura, Julia se torna presente pela sua ausência, como apontado por Lee na biografia que escreveu sobre a autora inglesa (1997). O pensamento constante acerca da mãe de Virginia talvez nasça porque parece improvável que uma jovem de quinze anos que perdeu a mãe não vá, em nenhuma situação, fazer referência a ela, que nenhuma circunstância do dia a dia a faça lembrar-se dela.

Em verdade, existem ao longo das páginas do primeiro caderno íntimo de juventude algumas alusões à Julia Stephen. A maioria dessas, porém, é feita de maneira um tanto indireta, em ocasiões de visitas feitas ao seu túmulo. As referências à mãe se mostram tão veladas que um leitor externo só compreende que se trata de uma menção a ela se tiver conhecimento prévio de referentes ocultos. O primeiro comentário desse tipo é feito na entrada de 6 de janeiro, na qual é dito de maneira pontual, “Adrian, Thoby and Father went to Highgate⁴³” (p.7) – local onde Julia foi enterrada.

⁴² Ao afirmar que nunca escrevia, Virginia faz surgir uma dúvida, pois no diário de 1897, como já mencionado, ela anota que houve um caderno íntimo no ano anterior, que acabou por ser abandonado, “This diary today beats my 1896 diary” (p.16) – informação também presente na citação de Hermione Lee (1997, p.176-177). Talvez Woolf tenha querido fazer referência a textos para além de uma escritura íntima ou até mesmo ao fato de não ter conseguido dar continuidade ao caderno, e assim não levar em consideração a tentativa.

⁴³ Highgate Cemetery. Stella Duckworth também foi enterrada nesse cemitério.

No dia seguinte ao casamento de Stella, há outra passagem em que a referência materna mais uma vez se dá por meio metonímico, a mãe pelo lugar do jazigo. Contudo, apesar de novamente a menção se manter objetiva, parece existir uma aura de carinho, não especificamente de Virginia, mas dos irmãos como um todo:

[...] Afterwards Georgie said we would go to Highgate, and take there some of Stellas white roses, and our carnations – Georgie, Gerald and Thoby bicycled & A., N. and I drove in a victoria – our man raced the bicyclist all the way home which was rather alarming, but they just won – However I was thankful to get home safe at all – Trying hard to finish Pepys before Wednesday, so I may have a new book. (WOOLF, 1990, p.68-69)

O ato de levar flores que fizeram parte da cerimônia de casamento de Stella e Jack Hills parece algo bastante significativo. Em certa medida, é como se esse movimento acabasse por inserir Julia Stephen em um episódio relevante na vida da família. A importância do gesto talvez se torne maior quando se tem acesso à informação de que Julia apoiava a união do casal, ajudando, de certa maneira, na concretização de tal matrimônio – apesar das recusas iniciais da filha⁴⁴:

[Jack Hills]⁴⁵ Era um tipo honesto e tenaz, e também muito gago; tinha que lutar com cada frase, mas sempre administrava esse defeito e por fim conseguia se expressar. Recusara-se a aceitar a rejeição de Stella ao seu pedido, e nessa recusa tinha em Julia uma poderosa aliada. Julia sempre fora casamenteira e amiga de jovens namorados; revelou-se muito útil em levar o assunto até aquele ponto. Depois da primeira ruptura, decidira consertar as coisas, e deu-se tão bem que, ao tempo de sua morte, o rapaz voltara a ser um visitante assíduo em Hyde Park Gate. (BELL, 1988, p.78)

Contudo, apesar da possibilidade de vislumbrar a importância dessa ida ao cemitério, na passagem Virginia não faz nada além de citar a visita. A jovem narra como ela e os irmãos foram e voltaram de Highgate, como a volta parece ter sido um pouco perigosa. Anota a calma por estar em casa e a esperança em terminar um livro para começar outro. Porém, em nenhum instante faz menção a como foram os momentos ao lado do túmulo da mãe. Nem sequer uma pequena alusão a algum sentimento, como costuma fazer ao longo do diário. Pode-se, é claro, ultrapassar as linhas efetivamente escritas pela diarista e pensar que “However I was thankful to get home safe at all” contenha mais do que uma felicidade por não ter havido nenhum acidente. Talvez a frase abarque algum alívio por não estar em um lugar que tão visualmente a lembre que a mãe já não faz mais parte ativa da sua vida. Lembrar-se disso possivelmente não é seguro, deve doer. Mas Adeline Virginia Stephen não

⁴⁴ Os dois primeiros pedidos de casamento foram recusados pela jovem Duckworth. A primeira rejeição deu-se no verão de 1894, a segunda aparentemente aconteceu pouco depois da morte de Julia, em 1895. Só em 22 de agosto de 1896, Stella aceitaria ser esposa de Jack Hills.

⁴⁵ Colchete nosso.

transcreve nada parecido. O pensamento pode ter permeado sua mente, todavia não é possível descobrir.

Como visto, por intermédio dos trechos apresentados, as referências à mãe se mostram bastante impessoais. Virginia só fará uso do termo “mother”, que costuma transparecer maior intimidade, para anotar algo relacionado à Julia duas vezes ao longo de todo o caderno, ambas após a morte de Stella: “Stella was buried by mother’s side in Highgate” (p.115) e

Jack took Nessa & me to Highgate to see Stellas grave. We went by bus & tram. The grave is next mother’s – near you as you go in. It was covered with dead flowers – We sat down & talked for a long time, & then came home & had tea with Jack on his balcony. (WOOLF, 1990, p.116)

A trajetória de silêncio de Virginia a respeito da mãe é lentamente quebrada com o passar do tempo. Nos cadernos de juventude, a figura de Julia será trazida à tona com um pouco mais de clareza no diário de Cornwall, escrito entre agosto e outubro de 1905. Talvez valha notar o fato de Woolf afirmar que só conseguirá se desvencilhar de todo do fantasma da morte da mãe após a escrita de *Ao farol*:

[...] It is perfectly true that she obsessed me, in spite of the fact that she died when I was thirteen, until I was forty-four. Then one day walking round Tavistock Square I made up, as I sometimes make up my books, *To the Lighthouse*⁴⁶; in a great, apparently involuntary, rush. One thing burst into another. Blowing bubbles out of a pipe gives the feeling of the rapid crowd of ideas and scenes which blew out of my mind, so that my lips seemed syllabing of their own accord as I walked. What blew the bubbles? Why then? I have no notion. But I wrote the book very quickly; and when it was written, I ceased to be obsessed by my mother. I no longer hear her voice; I do not see her.

I suppose that I did for myself what psycho-analysts do for their patients. I expressed some very long felt and deeply felt emotion. And in expressing it I explained it and then laid it to rest. (WOOLF, 2016a, E-book)

Tanto a morte de Julia quanto a de Stella, anteriormente analisada em “Entrelinhas de Miss Jan”, afetam muito a vida de Virginia. Em *Moments of Being*⁴⁷, a autora inglesa comenta:

[...] Not many lives were tortured and fretted and made numb with non-being as ours were then. That, in shorthand, was the legacy of those two great unnecessary blunders; those two lashes of the random unheeding, unthinking flail that brutally and pointlessly killed the two people who should have made those years normal and natural, if not ‘happy’.

I am not thinking of mother and of Stella; I am thinking of the damage that their deaths inflicted. [...] (WOOLF, 2016a, E-book)

⁴⁶ Grifo nosso.

⁴⁷ Publicado em 1976, este livro reúne textos autobiográficos de Virginia Woolf.

As mortes da mãe e da meia-irmã, para além de muitas possíveis consequências, fazem com que restem de mulheres na família apenas Vanessa e Virginia, “What solitary females we be!” (p.128). Duas meninas entre muitos homens: o pai, Leslie Stephen; os meio-irmãos, Gerald e George; os irmãos, Thoby e Adrian; e Jack, que parece continuar a fazer parte da vida da família mesmo após o falecimento da esposa.

The girls were eighteen and fifteen when Stella died. The difference between their lives of all men in the house was marked, and they now evolved the ‘close conspiracy’ which would bind them together for ever. They had long since decided on their respective professions, but now they had to ‘make some standing place’ for themselves. Thirty years later Virginia recalled their long walks at the end of the summer holidays, ‘talking of what we were going to do – “autumn plans” we called them. They always had reference to painting & writing & how to arrange social and domestic life better’. [...] (LEE, 1997, p.141)

Depois da morte de Stella, Virginia faz apenas pequenos apontamentos sobre a atmosfera que passa a rondar o cotidiano, “It is all very strange” (p.116). Ademais, nas páginas finais do diário de 1897, tampouco existem muitos comentários acerca da solidão das meninas Stephen, apenas vislumbres de suas conversas sobre a vida, “Nessa & I walked round & round the tennis lawn after dinner (our custom nowadays) & discussed every thing. It is hopeless & strange” (p.124).

Até este momento, foram trazidas à tona temáticas que possivelmente geram dúvidas antes mesmo da leitura do caderno íntimo de 1897 e que acabam por impulsionar um leitor externo a procurar respostas, em geral não encontradas da maneira clara como talvez se desejasse. Dentro dessa mesma linha de pensamento, uma circunstância que muito provavelmente também gere perguntas está relacionada à questão dos abusos que Virginia sofreu por parte de seu meio-irmão George Duckworth⁴⁸. É preciso ressaltar, antes de tudo, que não há aqui o desejo de discutir o assunto de maneira aprofundada, o que se pretende é lançar um olhar sobre outra possível lacuna do caderno íntimo de 1897.

Os fatos ao redor dessa questão se mostram bastante ambíguos, até mesmo a época em que provavelmente os abusos começaram a acontecer não parece ser tão precisa: se após a morte de Julia ou entre os anos de 1903 e 1904. Assim, segundo Quentin Bell:

Depois da morte da mãe [...] seu ombro estava ali para que chorassem, seus braços se abriam para alívio deles.
É difícil dizer até que ponto esse abraço consoladoramente fraterno evolui para algo que era, para George, ainda mais consolador, embora não tão fraternal. Vanessa acreditava que o próprio George não percebia bem que aquilo que de início fora pura compaixão terminava tornando-se um problema erótico bem desagradável. Ocorriam

⁴⁸ Segundo Quentin Bell (1988, p.76), em uma carta escrita por Virginia em 1941 à Ethel Smith, a autora diz “Ainda tenho calafrios de vergonha ao lembrar meu meio-irmão colocando-me sobre uma saliência, quando eu tinha 6 anos mais ou menos, e explorando minhas partes íntimas”. Este irmão seria Gerald Duckworth, não George. Contudo, todos os outros documentos que mencionam possíveis abusos parecem aludir a George.

carícias e palpações em público quando Virginia recebia suas lições, e havia oportunidades ainda mais íntimas – na verdade, não sei em que medida – quando, com a confiança de um irmão simpático e privilegiado, George transportava seus afetos da sala de aula ao quarto das crianças, à noite. (BELL, 1988, p.75)

Já em documentos memorialísticos de Virginia Woolf, escritos entre 1920 e 1921, os abusos retratados realmente parecem bem posteriores à morte da mãe:

Sleep had almost come to me. The room was dark. The house silent. Then, creaking stealthily, the door opened; treading gingerly, someone entered. “Who?” I cried. “Don’t be frightened”, George whispered. “And don’t turn on the light, oh beloved. Beloved—” and he flung himself on my bed, and took me in his arms. Yes, the old ladies of Kensington and Belgravia never knew that George Duckworth was not only father and mother, brother and sister to those poor Stephen girls; he was their lover also. (WOOLF, 2016a, E-book)

Não se pode afirmar que o primeiro diário de juventude aluda diretamente a esse comportamento de George. Aliás, dificilmente isso aconteceria. É preciso lembrar que é uma jovem de 15 anos quem escreve este diário, uma moça que para falar do desconforto causado pelo banco de uma bicicleta faz uso de uma terceira pessoa. Situações de abuso são sempre difíceis de expor – talvez por isso exista uma atmosfera de dúvida ao redor desse acontecimento na vida de Virginia, talvez ela nunca tenha conseguido, de fato, trabalhá-lo por inteiro. Entretanto, na entrada escrita em 24 de maio, entrevê-se uma situação que, se cuidadosamente observada, pode soar estranha:

[...] I determine to finish the 1st vol. of the F[rench]. R[evolution]. by night – but when bed time came there were still a good many pages left – in the middle of nightly forbidden reading, I shut up, thinking G[eorge]. was coming. However it was a false alarm, & the 1st vol. was finished. (WOOLF, 1990, p.90)

Mesmo estando em meio a uma atividade que lhe era interdita, ler à noite, mostra-se muito significativo o fato de Virginia Stephen calar-se acreditando que George estaria se aproximando de seu quarto. Por que não outra pessoa qualquer? O comentário parece demonstrar que o irmão costuma passar pelo cômodo à noite, o que não soa como uma ação muito comum, em especial à época. Para além, parece haver um alívio na frase “However, it was a false alarm”. Obviamente pode ser um alívio só por poder dar sequência a sua leitura, mas também pode ser porque naquela noite nada além de terminar seu livro aconteceria.

2.3 Uma lacuna visível

Mesmo havendo o conhecimento de que uma escrita íntima pode ser repleta de não-ditos, ao longo das páginas do diário de 1897 – assim como em outros dos cadernos de juventude –, não é raro que um leitor externo se depare com momentos nos quais se vê desejoso de que Adeline Virginia Stephen tivesse escrito mais. Tais situações acontecem, por

exemplo, quando a jovem cita alguma carta recebida, mas não menciona o assunto; também quando a diarista se refere a conversas que parecem importantes, mas não são minuciosamente transcritas. Circunstâncias como essas constituem lacunas no conteúdo das passagens facilmente perceptíveis. Fica nítido, no momento da leitura, que nem tudo foi anotado, que se optou por não transcrever os acontecimentos mais detalhadamente pelos diferentes motivos já apresentados. Todavia, dentre as diversas lacunas visíveis encontradas no correr desse caderno íntimo, uma acaba por se destacar devido à forma como aparece.

Em 28 de maio, Adeline Virginia anota:

In the morning, I went out by myself – Nessa was at her most _____ (to be filled in as desired) studio, & Stella went to Libertys with Gerald to choose an evening dress for G[eorge]⁴⁹. to give Nessa on her birthday – However they found nothing, so that it had to put off. [...] (WOOLF, 1990, p.91-92)

O referido trecho poderia ser apenas mais um entre os vários existentes no conjunto de entradas do diário de 1897 a conter as idas e vindas de Virginia e dos membros de sua família. Entretanto, ao transcrever a atividade de Vanessa, há um movimento de escrita diferente. Virginia, aparentemente irritada com o afazer da irmã, em lugar de caracterizar de forma negativa as aulas de desenho, ou até mesmo a própria Vanessa, ao invés de demonstrar sua insatisfação com o evento, mesmo sem grandes explicações, como seria esperado, insere literalmente uma lacuna em seu texto.

Em meio à escritura do dia há um espaço em branco, sinalizado por um traço seguido de parênteses com a indicação de que tal marcação gráfica foi ali colocada para ser preenchida como se desejar. Em 28 de maio, Virginia deixa, então, explícita a escolha em não anotar um pensamento.

Mas o que teria levado Adeline Virginia Stephen a inserir tal espaço a ser completado em seu diário? Ademais, o que essa lacuna tão visível acaba por trazer para essas páginas íntimas?

Segundo Mitchell A. Leaska (1990), Vanessa Stephen – que se tornará a reconhecida pintora Vanessa Bell⁵⁰ – inicia um curso de desenho em 1896, na Arthur Cope's School of Art, cujas aulas eram segundas, quartas e sextas. Por intermédio das anotações de Virginia, depreende-se que o curso ocorria de manhã e à tarde, pois, após o almoço, a moça costuma retornar a ele. Ademais, é possível entrever outras movimentações de Vanessa que se dão devido ao curso, visitas a galerias para estudos de quadros, almoços com colegas das aulas. Esse conhecimento sobre a dinâmica do cotidiano da mais velha das irmãs Stephen

⁴⁹ Colchete nosso.

⁵⁰ Passa a se chamar Vanessa Bell após se casar com o crítico de arte Clive Bell, em 7 de fevereiro de 1907.

mostra-se relevante, pois, como será visto, ela parece influenciar no emprego do espaço em branco.

A primeira entrada do diário de 1897 a conter algum comentário sobre as aulas de Vanessa é escrita em 11 de janeiro: “Nessa began her drawing, and Adrian bicycled down with her [...]” (p.11). A partir daí, Virginia passa a sempre se referir às idas da irmã ao seu curso. No dia 13 do mesmo mês, ela inicia a entrada de seu caderno íntimo com “Nessa went to drawing” (p.12), e essa estrutura se repetirá mais de vinte vezes ao longo do diário. Em determinadas passagens, a informação sofre pequenas variações em sua forma de apresentação: “Nessa went to her drawing”, “Nessa went to her studio”, “Nessa to the studio”; em outras, não abre a descrição do dia, mas é inserida em meio a narrativa dos demais acontecimentos, “Adrian did not go to Westminster, as his temperature was below normal – Nessa went to her drawing. [...]” (p.51). Independentemente da maneira, o assunto acaba por permear o primeiro diário como um todo – é importante salientar que, após o trecho do dia 28 de maio, a jovem fará uso do traço⁵¹ ainda algumas vezes para fazer referência às aulas de desenho da irmã, porém sem os parênteses, que não aparecem mais ao longo do diário, “Nessa went to her _____ drawing” (p.95, entrada do dia 4 de junho). Além disso, Virginia não abandonará a forma comum de se remeter à atividade de Vanessa Stephen.

Tendo sido apresentado esse pequeno panorama de parte do cotidiano da irmã de Woolf e de como ele aparece no caderno íntimo de 1897, torna-se importante, nesse momento, retomar um pouco da rotina da jovem diarista. Assim, é necessário novamente resgatar a questão de Virginia, aos treze anos, ter sofrido um colapso nervoso, o que fez com que sua rotina começasse a ser pautada em prol da sua melhora.

Depois do primeiro quadro de colapso de Adeline Virginia Stephen, foram retiradas de seu dia a dia todas as atividades que pudessem vir a causar possíveis inquietações, exaltações⁵². Assim, depreende-se do diário, por exemplo, que os passeios de bicicleta eram controlados, que ela não tinha mais as aulas com o pai que costumava ter, que a ela eram recomendadas caminhadas pelos arredores da casa. Segundo Hermione Lee (1997, p. 178), no

⁵¹ Adeline faz uso do sinal gráfico em algumas outras poucas situações, como em 2 de outubro, ocasião na qual Vanessa e ela, após a morte de Stella, visitam a família de Jack Hills e os momentos aparentam ser todos bastante incômodos, a família Hills não se mostra muito receptiva. Sendo assim, o traço parece novamente ocupar o lugar de algum pensamento que demonstre irritabilidade, insatisfação: “Came home – Thanks be to the Gods! This week has been most awful & oppressive. Mrs Hills is _____. Mr Hills _____. Jack shup up, everything grand & uncomfortable. I am thankful to be back” (p.132).

⁵² O tratamento recebido por Adeline Virginia Stephen em seu primeiro colapso nervoso será praticamente o mesmo utilizado ao longo de toda a sua vida. De acordo com Hermione Lee, “[...] Yet the treatments prescribed for her did not change very much between the 1880s and the late 1930s. All her doctors recommended rest cures, milk and meat diets for weight gain, fresh air, avoidance of excitement and early nights. All prescribed sedatives like bromides. [...]” (1997, p.183).

verão de 1939, em meio à escrita de memórias, a autora faz a seguinte anotação sobre o período: “No lessons, no excitement: open air, simple life. So I lived the two years between my mother’s death and Stella’s in a state of physical distress”.

Todos esses cuidados contribuem para que a rotina da adolescente não varie muito. Desse modo, à questão exposta no primeiro capítulo desta dissertação, de que possivelmente Virginia narre com frequência as movimentações de sua família porque procura se reconectar com o mundo a sua volta, soma-se a possibilidade de ela achar que teria muito pouco a dizer se acaso só anotasse os seus afazeres. Contudo, mesmo esse possível incômodo em não ter o que relatar sobre seu cotidiano não soa estranho quando se trata de um alguém que deseja estar no mundo, fazer parte ativa dele, pelo contrário, talvez acabe por reforçar tal ideia. O pesar por não poder fazer muitas atividades, demonstra o desejo em fazê-las – em 23 de janeiro, Adeline Virginia anota: “Nessa began lessons with father – It is not settled whether I am to do any or not this term” (p.20).

Mas, apesar de as páginas do primeiro diário de juventude deixarem entrever um dia a dia não repleto de muitos afazeres, elas também possibilitam a visualização da lenta inserção de atividades no cotidiano da diaristia. Assim, se em 23 de janeiro a jovem parecia mostrar-se triste em não poder fazer aulas com o pai, em 27 de fevereiro ela é liberada pelo médico para estudar latim, “He says I may do some Latin with Nessa in the mornings but as far as I can make out, nothing else” (p.44), e em maio começa a existir um pensamento sobre talvez frequentar aulas do King’s College, no Ladie’s Department⁵³.

Em meio ao que lhe é permitido ou não fazer no transcorrer do ano de 1897, a jovem Adeline Virginia Stephen parece se mostrar consciente do caráter repetitivo tanto da sua rotina propriamente dita, quanto da representação dela – não é raro encontrar nas passagens do diário expressões como “as usual”. Para além, Virginia assiste toda a movimentação do cotidiano de Vanessa, e esse lugar de observação pode guardar alguns sentimentos: uma vontade de ter uma vida mais movimentada, certa inveja da irmã, saudade de tê-la mais presente. Uma passagem que demonstra um pouco do cansaço por Vanessa frequentemente não estar em casa e ao mesmo tempo a vontade de que ela estivesse mais presente é escrita em 2 de março: “Nessa at home at last – I did some Livy with her and father for the first time since November” (p.46). Esse “Nessa at home at last” parece trazer consigo uma crítica e um alívio.

⁵³ O Ladie’s Department foi fundado em 1885 e, em princípio, sua função não era preparar as alunas para ter uma profissão, desenvolver alguma carreira, mas sim para que elas tivessem contato com uma educação liberal. Posteriormente, com o trabalho da vice-diretora Lilian Faithfull (1894-1907), o departamento passa a ter um caráter universitário.

Sabendo-se da circunstância de vida de Virginia, do contraponto com a rotina da irmã, é preciso retomar a entrada de 28 de maio e seu espaço em branco.

Ao se deparar com o referido trecho, a sensação que se tem é que naquele dia toda a mescla de sentimentos de Virginia para com o curso da irmã vem à tona e acaba por explodir em uma lacuna a ser preenchida como se desejar. Adeline Virginia Stephen, dentro do contexto de escrita de seu diário – anotações sem grande aprofundamento, pouco espaço –, poderia simplesmente ter utilizado uma adjetivação negativa, como em outros tantos momentos faz, até mesmo para se referir à Vanessa, “Nessa is not thought sufficiently intellectual, poor creature” (p.41). Com o correr das páginas do caderno é perceptível que por vezes Virginia se mostra uma jovem voluntariosa, bastante crítica, capaz de descrever de maneira ácida o que não lhe agrada. Assim, essa opção por não dizer não parece espécie de falta de coragem em relatar um pensamento, mas sim uma escolha consciente de inserir um elemento distinto em seu texto, um real desejo de modificar a forma como o acontecimento é narrado e suas possibilidades de interpretação.

Ao que tudo indica, como já mencionado, o primeiro dos diários de juventude não foi escrito pensando na possibilidade de um leitor externo. Aliás, aparentemente, a jovem Virginia tinha até mesmo certo receio de que suas páginas íntimas fossem lidas por outrem – é o que alguns trechos do diário dão a entender, como uma frase escrita em 7 de janeiro, cuja construção, apesar de um pouco confusa, deixa transparecer a ideia de que o que existe no caderno deve permanecer guardado: “Pauline⁵⁴ found the key of this book so that I am fast [?] locked[?] up” (p.8). Dessa forma, o traço inserido no trecho só poderia ser completado por ela mesma. Por mais que o texto dos parênteses apresente certa impessoalidade, afinal Woolf não escreve “to be filled in as I desire”, mas “to be filled in as desired”, ele se destina só a ela e a suas possíveis releituras – há indicações nos diários de que ela costuma se reler⁵⁵. Direcionando o pensamento para esse aspecto, de que a cada releitura a jovem diarista pode trazer para o seu texto um novo significado dependendo da palavra que resolva inserir, tem-se que ao introduzir esse espaço em branco, em lugar de deixar de dizer algo, Virginia acabar por dizer mais. Existem infinitas possibilidades de preenchimento da lacuna. Talvez os pensamentos no momento da escrita fossem tantos que nada melhor os representaria do que um espaço plurivalente.

⁵⁴ Pauline era uma das empregadas da família Stephen.

⁵⁵ Em 21 de fevereiro, por exemplo, a jovem diarista anota: “Father did not read after dinner. I managed to finish the 7th volume of Scott, to begin and finish the 8th volume and to begin the ninth volume. This is partly explained by the amount of Diary in the 8th, which I have just read, so that I skipped it, but it was a most wonderful feat nevertheless – [...]” (p.40).

A existência de um espaço que pode ser preenchido de diferentes formas acaba por trazer dinamismo ao texto, é como se este se apresentasse vivo. Faz-se importante demarcar que a escrita diarística pode ser considerada em si uma escrita viva, pois há sempre a possibilidade de dar continuidade a ela, de escrever uma nova entrada. Mesmo quando se decide cessar as anotações de um caderno íntimo, se acaso no dia seguinte, ou tempos depois, o diarista desejar retomar sua escrita, não há impedimentos. No entanto, neste momento, quando se traz à tona a ideia de o texto se mostrar vivo, o desejo é se referir ao fato de que a existência de um espaço que pode ser completado de diferentes formas faz com que o excerto possa ser outro a cada releitura. A cada nova palavra inserida na lacuna tem-se um novo texto.

A peculiaridade de um espaço em branco adiciona ao trecho ainda outra característica, como para que ele se torne completo de significado, ganhe algum sentido, é preciso preencher a lacuna, o texto força quem o lê a ser um leitor ativo. É indispensável que haja a interação leitor/texto, mesmo que no caso a leitora seja a própria diarista.

Quando se alude a leitor ativo, é muito difícil se desvencilhar do pensamento acerca de quem Adeline Virginia Stephen será como escritora no futuro e sobre os elementos que caracterizarão suas mais reconhecidas produções. Mas é claro que a jovem diarista que escreve o caderno em questão, resolve inserir uma lacuna em seu texto e acaba por trazer a ele as singularidades mencionadas não sabe que será uma autora cujas principais obras, de características modernistas, pedem justamente leitores ativos. Em um texto sobre *Ao farol*, Hermione Lee (2013, p.183) afirma a respeito da obra que: “O romance força o leitor a perceber os estratagemas de sua estruturação, seus parênteses e suas seções e suas mudanças de ponto de vista”. O diário, diferentemente do livro mencionado e de outros da autora, não tem sua estrutura previamente planejada como um todo, não há nele um pensamento sobre a posição desejada para um leitor. Entretanto, essas páginas íntimas parecem conter elementos que, de alguma forma, acabam por fazer presença na escrita futura de Virginia Woolf – talvez até mesmo Miss Jan pudesse ser inserida nessa discussão, afinal, suas características podem rememorar a questão de a obra da autora inglesa ser repleta de narrativas com pluralidade de perspectivas⁵⁶. Assim, acredita-se que seja insensato afirmar que neste primeiro caderno íntimo de juventude exista um gérmen da estilística da autora que escreve para um leitor ativo, mas é também injusto apagar por completo o fato de já parecer

⁵⁶ Sobre a pluralidade de perspectivas nos escritos de Woolf, Erich Auerbach, em “A meia marrom” (1971, p.471), afirma: “O que é essencial para o processo e para maneira de Virginia Woolf, é que não se trata apenas de *um* sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes [...]”.

existir certo gosto por escritos que forcem o leitor, seja ela ou outro qualquer, a deixar de lado uma atitude passiva, passando a agir ao longo da leitura.

Para além de possíveis discussões do que pode ou não já permear as formas de escrever de Virginia, e das possibilidades e impossibilidades disso, é relevante atentar ao fato de que a inserção do traço a ser completado em meio a tantas entradas de descrições de idas e vindas das pessoas ao seu redor parece uma forma de subverter esse cotidiano com feições de imutabilidade. Virginia não tinha o poder de transformar a realidade da sua vida. Da noite para o dia não passaria a ter uma rotina movimentada. Contudo, ela tinha como transformar a escritura do dia, fazendo o que era anotado soar de forma mais interessante⁵⁷. Como sabido, ela vive melhor e mais entre palavras – o que não acaba com a sua vontade de viver na realidade.

A rotina da jovem Virginia começa a sofrer maiores modificações já perto do fim do ano, quando, de fato, ingressa no King's College – passa a frequentar aulas de grego e história⁵⁸. É interessante observar a quebra na estrutura do texto neste momento, se anteriormente via-se entrada após entrada “Nessa went to drawing”, no espaço do dia 16 de outubro, que em realidade guarda a descrição do dia 13 de novembro, Virginia anota: “I go to King's College, Nessa to her studio.” (p.132). O lugar de exclusiva observadora da rotina das pessoas que a cercam parece poder começar a ser abandonado. Adeline Virginia Stephen, que no fim do diário de 1897 passa a deixar de anotar os dias por eles serem todos iguais, “But one day is so like another than I never write about them” (p.132), se negará nos demais diários de juventude a transcrever a vida se acaso essa não possuir nada de novo a mostrar.

⁵⁷ Virginia não teve uma vida repleta de aventuras - e com aventuras aqui não se deseja dizer que ela não viveu nada, mas se pensa em situações de vida mais comuns, como ser mãe, até a realização de grandes viagens para lugares muito distantes. Devido à doença, aparentemente as possibilidades de vivenciar circunstâncias diversas lhe foram retiradas. Assim, de acordo com Hermione Lee (1997, p.6), o escritor Stephen Spender costumava dizer que Virginia “asked people questions about their lives all the time was because she didn't have enough life of her own to use for material”.

⁵⁸ Posteriormente, também fará aulas de latim e alemão – Adeline Virginia Stephen é aluna da King's College entre 1897 e 1901.

3. ESBOÇOS DE VIRGINIA

3.1 Desdenhosos de regras declaradas

Saturday 1 January 1898

I write this morning what would more fitly have been written last night. But my diary has ever been scornful of stated rules! [...] (WOOLF, 1990, p.134)

Com essas frases, como exposto nos trechos finais de “Entrelinhas de Miss Jan”, Adeline Virginia Stephen inicia a passagem de encerramento do primeiro de seus diários de juventude.

No contexto da entrada, ao declarar que seu primeiro caderno íntimo é desdenhoso de regras pré-estabelecidas, a jovem diarista, em primeira instância, parece pensar na data na qual é transcrita a derradeira passagem de 1897. Isso porque, em lugar de a anotação ser feita na noite do último dia do ano do qual Virginia se comprometeu a guardar recordações – o que possivelmente planejava fazer como forma de encerrar a escritura que se esforçou tanto para não abandonar –, a passagem a finalizar o período é escrita em 1 de janeiro de 1898. Todavia, a formulação do trecho, com a utilização de “has ever been”, parece demonstrar que para Virginia Stephen essa não é única situação de seu diário em que ela acredita que regras sejam deixadas de lado.

Segundo Lejeune (2014, p.343), “Por definição, a escrita do diário é livre, totalmente livre. Mas, na realidade, cada diarista se acomoda rapidamente dentro de algumas formas de linguagem que servem de ‘fôrmas’ para todas as entradas, e nunca mais as abandona”. Ao olhar para as páginas do diário de 1897, sabendo que o que Virginia se propõe ao iniciá-lo é passar para o papel os acontecimentos do seu cotidiano, é possível pensar que ela acredite transgredir regras ao deixar de anotar um dia, ou vários, ou ao reconstituir de memória os dias que precederam a morte de Stella Duckworth. Talvez até mesmo a utilização de Miss Jan e a inserção de uma lacuna “a ser preenchida como se desejar” façam parte do que a diarista toma como desdenhar regras declaradas. Quando assegura que seu caderno íntimo apresenta certo desdém por normas determinadas, é provável que Adeline Virginia Stephen rememore muitas circunstâncias nas quais considerou que escrevia passagens distintas do que planejava, do que esperava de sua própria escritura íntima.

Entretanto, com o correr dos escritos de juventude de Woolf, os dizeres finais do volume de 1897 acabam por ter somados a si um significado além. Por mais que se tenha o conhecimento de que o caderno íntimo de uma pessoa não necessariamente terá alguma relação direta com outro que por ventura ela venha a manter, é difícil não pensar que, para um

leitor externo, ademais de as derradeiras frases de 1897 abarcarem as singularidades, os movimentos de escrita desse diário, elas parecem ganhar ares de prenúncio para o que será encontrado em cadernos subsequentes. Talvez isso se dê, pois ao iniciar a leitura dos diários de juventude de Virginia Woolf e ter contato com a maneira como o primeiro volume é escrito, tende-se a esperar que os demais mantenham os mesmos padrões, as mesmas regras. Mas não é isso o que acontece, a jovem diarista muda as formas de escrever os seus cadernos íntimos. Tal fato pode ser observado, em especial, em diários como o de 1899, escrito ao longo de férias de verão em Warboys, e o de 1903⁵⁹, escrito provavelmente entre os meses de junho e outubro⁶⁰ do ano referido.

Os cadernos de 1899 e de 1903 são entre si bastante semelhantes, e parecem possuir uma quebra proposital tanto na estrutura de sua escrita quanto em seu conteúdo, quando comparados às páginas de 1897. É bem provável que Virginia tenha se cansado tanto da manutenção de seu primeiro diário, sensação demonstrada por ela em alguns momentos, como já mencionado, que tão logo não conseguiria manter algo similar – um volume semelhante ao caderno de 1897 só voltará a ser escrito entre o natal de 1904 e maio de 1905. Talvez, para além do cansaço de narrar idas e vindas do dia a dia, houvesse um impulso de escrita que a levasse por outros caminhos. Assim, se no correr do caderno de 1897 são observadas anotações que buscam ser diárias, com entradas sempre datadas, geralmente curtas e bastante objetivas, preenchidas com ações do cotidiano de Virginia e sua família, ao longo dos dois diários seguintes observa-se que tais elementos tendem a ser deixados de lado.

Os escritos de 1899 e de 1903 constituem volumes com muito menos entradas do que o diário de 1897⁶¹ – 19 e 30, respectivamente. Suas passagens nem sempre são datadas, sendo algumas apenas encabeçadas por títulos. Elas são bem mais extensas, e não raro são temáticas, discorrendo assim exclusivamente sobre certo acontecimento, certa pessoa, com muito mais profundidade do que pôde ser visto ao longo do primeiro caderno. Deixa de existir

⁵⁹ Em meados de 1897, como visto no tópico “Constituições de si”, a tarefa de anotar o cotidiano começa a incomodar Adeline Virginia Stephen. O desconforto torna-se tamanho que a jovem, em 14 de setembro, declara que encerrado o ano deixará de lado a escrita diarística, “[...] Never mind, we will follow the year to its end, & then fling diaries & diarising into the corner [...]” (p.128). Após o término do primeiro caderno de juventude, Virginia aparentemente passa mais de um ano sem fazer anotações íntimas, voltando a manter um diário apenas em agosto de 1899. Após a finalização desse, há mais um intervalo para o início de um novo diário. Dessa vez, um espaço de tempo bem maior transcorre até que Virginia retome a escrita diarística, sendo o terceiro dos cadernos de juventude datado de 1903. Não é possível assegurar que nenhuma escritura íntima tenha sido realizada nesses períodos, contudo, não se tem notícias de que algum material tenha sobrevivido.

⁶⁰ Segundo Mitchell A. Leaska (1990), há na capa do terceiro diário de juventude uma etiqueta com os dizeres “DIARY HYDE PARK GATE 1903?”, que parece ter sido nele colocada certo tempo após o seu término. A existência do ponto de interrogação pode demonstrar que Virginia Stephen não estava certa quanto à datação exata de todos os textos desse caderno.

⁶¹ A lembrar, o primeiro diário de juventude é constituído por 309 entradas.

no correr das páginas íntimas a pulsão em descrever a rotina de cada integrante da família. Há menções a atividades nas quais Virginia costuma estar inserida, mas não existem entradas preenchidas unicamente com tais apontamentos.

Faz-se importante recordar que, como declarado ao final de “As lacunas de Adeline”, a jovem Stephen não deseja mais anotar a vida se essa não lhe mostrar nada de novo. Dessa forma, os cadernos de 1899 e de 1903 não configuram volumes que se prendem a anotações diárias. Neles, Virginia não se obriga a escrever e não mais se lamenta como vemos em algumas das passagens de 1897, “[...] I forget what happened afterwards./ This is most disgracefully kept” (p.129). Em 1903, por exemplo, sem o tom de sofrimento, Virginia anota:

For some time I have not had occasion it seems to me, to open this book. We have fallen in to the routine of country life, & the days are indistinct. It is in kind of swoon, in which the body goes through its operations – the mouth takes in food, & the brain to some extent acts [...] (WOOLF, 1990, p.203)

O ato de não se obrigar a fazer anotações diárias nos cadernos íntimos parece conferir às entradas uma atmosfera de maior liberdade de escrita, afinal Virginia só escreve se, de fato, desejar fazê-lo. Há, sim, entradas nas quais a diarista continua a mostrar o desejo de ter experiências mais diversas para relatar, como mostra um comentário de 1903: “I wish for the sake of this book that I had anything more brightly coloured & picturesque to write here” (p.186), mas deixam de existir trechos repletos de enfado por parecerem repetitivos à diarista.

Ademais, Virginia Stephen começa a demonstrar maior consciência sobre caminhos de escrita que consegue ou não manter, “Her writing now became more detached, more self-conscious in style and manner” (LEASKA, 1990, p.135). A entrada a seguir, de 5 de agosto de 1899, talvez demonstre um pouco de tal percepção. Como mencionado em parágrafos anteriores, Virginia não traz para o interior dos cadernos em questão detalhados apontamentos da rotina de sua família, e na passagem deixa entrever que as atividades diárias dos Stephen não configuram mais um material que deseja transcrever. A jovem sabe que esse movimento de escrita a exasperará; afinal, é o que se dá em 1897.

5 August The Second day at Warboys
If I go on at this rate methinks I shall soon have finished this book – but the fever will not last – I know the disease well⁶². Today was blazing hot; & we⁶³ loafed in the Garden all the morning; & glided about the Pond in the Punt. I, with the help of 2 string bags, carted my belongings from the red Butterfly box to my room, & there

⁶² É possível que Virginia, ao final da entrada de 4 de agosto, que trata da chegada dos Stephen a Warboys, descreva o que cada integrante da família fez ao chegar no lugar onde se hospedaram. Contudo, de acordo com comentário de Leaska (1990), falta essa página no diário.

⁶³ De acordo com Mitchell A. Leaska (1990), “we” faz referência aos quatro jovens Stephen: Vanessa, Thoby, Adrian e Virginia.

settled to try & read Greek. Ignominious failure! Three times N. interrupted me, & the last interruption called me to drive to the Station in the Pony Cart. P.M.A. & N. held a grand cleaning of the Punt. They lashed it to the bridge, overturned it; filled the bottom with tolerably clean water, scrubbed it round with a duster, & then bailed out the water. In the evening the bottoms were laid with rugs so that someone might lie at full length – others sitting at the ends to use the oars. Oh dear – the style of this work ought to undergo a radical change. All theses details will swamp me in time. [...] (WOOLF, 1990, p.136)

Mas, dentre as diversas características constituintes dos diários de 1899 e de 1903, uma das que provavelmente acabe por chamar mais atenção é a forma como as entradas passam a conter declarados exercícios de escrita, experimentações textuais, discussões acerca do fazer literário. Ao longo do primeiro diário de juventude, como visto, existe a possibilidade de se afirmar que já havia vislumbres de literariedade em meio às passagens anotadas com o objetivo de descrever o cotidiano de Virginia e sua família. Agora, nos cadernos subsequentes, tal aspecto deixa de ser apenas pontual, passando a elemento de grande importância na construção das entradas.

Assim, ao folhear as páginas íntimas de 1899 e de 1903, torna-se perceptível que vida e fazer literário vão sendo mostrados de maneira ainda mais entrelaçada. O contato que se tem com as experiências vividas pela diarista, antes tão pragmático, passa a ser muito intermediado pelas tentativas de escrita de cunho literário. Isso significa afirmar que Adeline Virginia Stephen, em lugar de simplesmente anotar sentimentos e impressões sobre o seu cotidiano, acerca do mundo que a rodeia, de maneira informal como muitas vezes se espera de um diário, passa a carregar para o interior da sua escritura íntima uma maior preocupação em como são escritas as suas passagens, acerca da melhor forma de fazê-las – movimento brevemente mencionado no primeiro capítulo deste trabalho⁶⁴ –, “[...] However there is no end to writing, & each time I hope that I may make better stuff of it” (p.150).

Os cadernos de 1899 e 1903, apesar de todos os elementos que os diferem do primeiro dos diários de juventude, abarcam uma jovem que continua a observar atentamente o que acontece e existe ao seu redor. Porém, o intuito das observações de Virginia passa a ser apreender e representar o que é visto, passa a ser treinar a sua escrita – processo constituído por uma gama de experimentos, dificuldades e descobertas.

3.2 Um mundo de imitações

O segundo caderno de juventude, intitulado por Adeline Virginia Stephen “Warboys Summer Holidays 1899”, de acordo com etiqueta colada à capa do volume, é

⁶⁴ A temática aparece no tópico “Ficcionalização do diário”.

repleto de variadas experimentações. Dentre os experimentos da jovem diarista está a colagem das páginas de seu diário sobre as de um livro⁶⁵, além de uma profusão de testes de canetas e tintas:

On the most practical level, the diary serves as a ‘testing ground’ for new pens and inks. Quentin Bell calls the 1899 diary ‘an exasperating document’- exasperating to read, that is, for its pages contain diary entries but also pen practice, Virginia writing the same phrases over and over in different nibs and inks. (LOUNSBERRY, 2015, p.46)

Ademais dessas experiências baseadas em procedimentos tão materiais, encontra-se também, com o correr das passagens de 1899, uma diversificação em suas formas de escrita. Ainda de acordo com Lounsberry (2015, p.53), “In the 1899 diary, the young writer tries her hand at travel writing, narrates comic scenes, creates single and group portraits, and parodies newspaper, gothic, and expedition narratives”. Todavia, em meio a tantas experimentações de tipos textuais, de alguma maneira, é possível visualizar a existência de um elemento em comum: certo impulso mimético na escrita. Desse modo, ao longo do segundo caderno de juventude, Virginia Stephen não raro demonstra um desejo em transpor para o papel cada detalhe das paisagens encontradas no decorrer de sua viagem, das pessoas que cruzam seu caminho, dos passeios realizados, em uma tentativa constante de transcrevê-los tal qual vivenciados, em uma busca de imitar com palavras o que foi visto e vivido.

Assim, se no diário de 1897, por exemplo, são encontradas passagens nas quais Virginia faz apenas rápidas referências a aspectos da natureza, a condições climáticas de um dia – “Very foggy all the morning” (p.11), “Quite sunshine and fine” (p.35) –, com as já esperadas raras ocasiões em que traz à tona descrições minimamente mais trabalhadas – “I

⁶⁵ Próximo ao final da viagem a Warboys, Virginia toma uma decisão acerca da encadernação desse diário. Em 18 de setembro, penúltima entrada do volume, anota: “[...] The work heretofore was contained in a modest paper book, that fronted the world in a state of nature – naked but not ashamed. Boards it recked not of, now it boasts boards that amount to the dignity of a binding, being ancient tooled calf – the tooling resplendent today as a hundred years ago./ A sudden idea struck me, that would be original useful & full of memories if I embedded the foregoing pages in the leaves of some worthy & ancient work [...]”(p.159). A obra escolhida para receber as páginas de 1899 foi *Logick: or, The Right Use of Reason with a Variety of Rules to Guard Against Error in the Affairs of Religion and Human Life as well as in the Sciences* (1725), de Isaac Watts. Segundo a diarista: “My work – the present volume, attracted my attention firstly because of its size, which fitted my paper - & 2ndly because its back had a certain air of distinction among its brethren. I fear the additional information given to the title page that this is the Logic of the “Late Reverend & Learned Isaac Watts D. D.” was not a third reason why I bought it” (p.160). Virginia, que parece escarnecer do conteúdo de tal obra, segue sua anotação dizendo que qualquer outro livro seria sagrado demais para sofrer tal profanação. Dentre muitos possíveis caminhos de pensamento acerca da decisão da diarista sobre a encadernação dos escritos de 1899, talvez seja possível dizer que o ato da jovem em colar as páginas de seu diário em “some worthy & ancient work” demonstre certa vontade de que suas palavras sobrevivam ao tempo, ganhem importância, de que ela mesma sobreviva ao tempo e ganhe importância por meio de seus escritos. Para além, é interessante demarcar que, ao que tudo indica, em 1902 Virginia Stephen reencontra seu segundo diário de juventude e, ao longo de sua leitura, faz pequenas anotações, tais como: “Time disentombs a certain number of things, & among them this sheet of paper which has had a printed sheet glued over it for the last 3 years”(p.416).

was woke this morning at 4.30, by a flash of lightning, which lit up my room, & was followed by a tremendous thunder storm, & wind & rain” (p.94) –, em 1899 outro cenário de escrita pode ser visualizado. Neste segundo diário, Adeline Virginia não anota apenas se choveu ou se uma manhã estava clara, como sendo apenas mais um elemento a ser elencado na descrição do dia. Em lugar disso, procura reconstituir o que foi visto – dinâmica textual que se faz presente desde a primeira entrada do diário:

Warboys. 4 August 1899. (our first night)

This being our first night, & such a night not occurring again, I must make some mark on paper to represent so auspicious an occasion, tho’ my mark must be frail & somewhat disjointed. However we came here sober [?] & with not much bother of spirit – save that twice we had to change – It must be owned – let us hope that future pages will fully contradict the statement – that the country thro which our train passed was dull in the extreme. A flat expanse of field, cornfield – turnip field &c stretched unbroken on either side, till we gave up looking out of the window. Then we came to Warboys Station, found our primitive Omnibus, & drove off the mile to the Rectory. It had been raining all the afternoon (the first rain I have seen for weeks) & the sky was all clouded & misted as for steady showers. However as we drove along the sun shot a shaft of light down; & we beheld a glorious expanse of sky – this golden gauze streamer lit everything in its light; & far away over the flat fields a spire caught the beam & glittered like a gem in the darkness & wetness of the surrounding countries.[...] (WOOLF, 1990, p.135-136)

Na passagem, preenchida com a chegada da família Stephen a Warboys, para que melhor se compreenda o que se toma por “reconstituir o que é visto”, faz-se interessante observar como a futura escritora descreve a tarde de chuva e o aparecimento da luz do sol. É possível perceber nitidamente que a objetividade a permear as escrituras de 1897 é substituída por um relato cujo propósito parece ser reproduzir a paisagem de forma que o texto possa conter a realidade vivenciada. Para tanto, a diarista acaba por utilizar uma escrita estruturalmente mais lapidada, mais detalhada. Virginia traz para a entrada, então, o uso de figuras de linguagem, como comparações – “the sky was all clouded & misted as for steady showers”, “[...] glittered like a gem in the darkness” –, como metáforas – o raio de luz que deixa entrever o céu é transcrito como “golden gauze streamer”.

Talvez seja plausível pensar que a maneira como a jovem Virginia começa a tentar escrever o mundo ao seu redor se aproxime, por vezes, de uma linguagem que tangencia o poético. Isso porque, para descrever o que vê, ela emprega em dados momentos imagens não literais: o raio de sol que cruza o céu não é apenas um filete de luz, ele é uma serpentina de seda dourada. A diarista, mais adiante no caderno, vai expressar a crença de que apenas aquele que é poeta é capaz de realmente narrar o que é experienciado, como se apenas a sua maneira de reconstituir a realidade em palavras conseguisse, de fato, apreender o que é visto: “No one, save a poet – can express in word or paint the human significance & pathos of

the suns unclouded rain of light – that makes the Heavens a delight & a difficulty to look upon”⁶⁶ (p.155). Construções semelhantes a da referida passagem são encontradas algumas vezes ao longo do diário em questão, contendo trechos nos quais a jovem parece também buscar conferir aos textos certa cadência, com a repetição de palavras e de conectivos⁶⁷, o que em alguns momentos talvez acabe por reforçar a ideia de uma aproximação com o poético:

[...] I shall care little for the tastes of this world if the skies are still so glorious.
Such expense & majesty & illuminations I have never seen. Pure air for fathoms & fathoms & acres & acres; & then such lavish cloud conglomerations; there is a vast space of blue into which the gods are certainly blowing wondrous cloud bubbles. The God babies methinks are amusing themselves.
The air was cold, & the roads desolate as we patter along home. What a beautiful world we live in! (WOOLF, 1990, p.137)

Parece relevante ressaltar que, entrelaçado às tentativas de recriar com palavras os acontecimentos, observa-se nas anotações de Virginia o surgimento de uma percepção de que tal tarefa faz-se mais possível se o ato da escrita for realizado concomitantemente à vivência, ou em um momento muito próximo a ela. Esse pensamento é declarado já nas primeiras linhas da entrada de 4 de agosto, como visto: “This being our first night, & such a night not occurring again, I must make some mark on paper to represent so auspicious an occasion”. O trecho de abertura do caderno demonstra a compreensão da diarista acerca da efemeridade⁶⁸ do que se passa na vida, ela sabe que nada torna a acontecer exatamente como da primeira vez. Assim, se acaso não se pode traduzir em palavras o que é vivido quando a experiência se dá, a riqueza de detalhes é perdida, é esquecida, e o que vai para o papel dificilmente representará com exatidão a realidade:

⁶⁶ A ideia de que apenas um poeta consegue traduzir de maneira plena as experiências da vida permeia os pensamentos de Adeline Virginia Stephen desde o diário de 1897. Tal fato pode ser visualizado na seguinte passagem, já citada quando da descrição de Miss Jan, “If I was a poet (which Miss Jan does not claim to be) I should write something upon this way of travelling” (p.73). Na ocasião, Virginia deixa de descrever em detalhes um passeio realizado com os irmãos. Diferentemente do ocorrido no primeiro diário, no caderno de 1899, por mais que Virginia acredite que apenas um poeta é capaz de descrever algo de maneira realmente satisfatória, ela não deixa de tentar fazê-lo.

⁶⁷ Por vezes, os trechos que parecem escritos com o intuito de apresentar certo ritmo de leitura são criticados por Virginia em meio às passagens. É o que acontece, por exemplo, na entrada escrita em 7 de agosto: “[...] I lay in the punt, which has been padded with rugs & cushions & read a sleepy preaching [?] book; the diary of some ancient Bishop written in flowing ancient English that harmonised with this melancholy melodious monotony (what an awful sentence!) of bank & stream” (p.138).

⁶⁸ É relevante demarcar que a percepção da efemeridade dos acontecimentos vividos, que começa no diário de 1899 a ser mais explicitada, será um elemento constante em escritos futuros de Virginia Woolf. Em *Ao farol* (1927), por exemplo, ao final da seção 17 da primeira parte do romance, que contém o jantar da família Ramsay e seus convidados, há um trecho que demonstra claramente a questão do efêmero: “[...] Era preciso agora levar tudo um passo adiante. Com um pé na passagem da porta, ela [Sra. Ramsay] esperou um pouquinho mais, numa cena que se desvanecia no instante mesmo em que olhava, e então, enquanto se mexia e tomava o braço de Minta e deixava a sala, a cena mudou, compondo-se de maneira diferente; já se tornara, sabia ela, dando-lhe um último olhar por cima do ombro, passado”. (WOOLF, 2013, p. 98)

[...] We have this moment come in from a sunset expedition – an account of which I must at once write down, or I shall never attempt it. Nothing methinks is so impossible as to describe a real sunset in pen & ink 3 days after that sunset has faded from the sky”. (WOOLF, 1990, p.155)

Ademais, é preciso demarcar que, ao longo das páginas do segundo caderno de juventude, como brevemente mencionado em parágrafos anteriores, Adeline Virginia Stephen não se atém somente à descrição das paisagens de Warboys – apesar de essas serem as que chamam mais atenção quando se trata do impulso de Virginia em reconstituir o que vê. A jovem diarista busca também representar com detalhamento as feições, os gestos, os costumes das pessoas com as quais tem contato no decorrer da viagem. Como exemplo, é possível citar a entrada a seguir, na qual Virginia faz um retrato de um clérigo da localidade. No trecho, talvez seja relevante atentar para o fato de a diarista relatar que só havia tido contato com um clérigo por intermédio das páginas dos romances, o que a fez criar uma dada imagem de uma figura como essa. Em um momento em que o objetivo de Virginia é conseguir transcrever as coisas exatamente como elas são, é interessante visualizar esse confronto com o qual ela se depara, entre um clérigo real e as representações com as quais ela tem familiaridade⁶⁹.

We had the Curate⁷⁰ to dinner last night, which deserves full mention because I have never sat down to a meal with a curate in my life, nor had one, to my knowledge in the house⁷¹. My interest was awakened in him very easily; I had a dim idea of mythical curates, dwelling in the pages of novels, & receiving satire at the hands of all wielders of Pens – but the fact that a Black Coated gentleman could be a Human Being & not a Hypocrite (outwardly at least – I cannot answer for the condition of the Curate’s morals on the strength of one dinner party) was quite strange to me. This young man seems to be largely a person of intelligence with a rather peculiar gift of humorous sarcasm. Occasionally his judgments & stories are bitter; but on the whole, he is merely good humoured & muscular. This would all be explicable; or not needing explanation; but the surprising thing is that he is a Clergyman. He is moreover a Ritualist, which I take to be a strict creed; & yet the first 5 minutes of his talk with us he declared that the only thing that made life in the country bearable was rabbit shooting. What a life he must have – here especially. [...] The curate is a man of humour but humour has a hard battle of it in such surroundings. Nevertheless he told his Curates Recollections with great glee – jumping & jerking in a peculiar way he has when something amuses him. Well, the state of mind of a man like this must be odd. Better lodging in a London slum than gossiping over here – (WOOLF, 1990, p. 141-142)

⁶⁹ Uma situação parecida a essa torna a ser narrada no diário de 1903. Contudo, na passagem do terceiro caderno de juventude, o confronto entre a figura real e suas representações acaba por demonstrar semelhanças entre as imagens: “[...] We had occasion as it happens to visit one of these very houses – a small one, on the outskirts of the close. Old Miss Fawcett struck me as exactly the benevolent & mildly garrulous old lady one might expect to find in these surroundings. Indeed I should have been shocked had she turned out in any way different. But she was precisely the type I foretold – [] & we had no difficulty in carrying on a conversation. How should we – when we had met – in novels I suppose – so often before?” (p.194-195).

⁷⁰ Segundo Mitchel A. Leaska (1990), à época o clérigo da região era J. Blake Milward.

⁷¹ Como mencionado em ocasião anterior, o pai de Virginia, Leslie Stephen, era agnóstico. Dessa forma, a falta de contato da jovem com membros da igreja é bastante normal.

Em meio a todas as passagens nas quais Adeline Virginia Stephen procura reconstituir o que era vivenciado, é possível observar uma crescente consciência acerca das dificuldades envoltas em uma tarefa como tal – consciência essa que parece poder começar a ser vislumbrada já na primeira entrada do diário, quando Virginia, ao comentar como será descrita a chegada a Warboys, diz “my mark must be frail & somewhat disjointed”. Assim, se ao longo de 1897 encontrávamos uma jovem que deixava de escrever muito do que desejava por falta de espaço, ou que optava por não anotar determinada experiência por falta de coragem, em 1899 vê-se um contexto diferente. Nas páginas íntimas do segundo caderno de juventude, Virginia quer escrever com riqueza de detalhes acerca do que se propõe, não parece existir uma real vontade em deixar lacunas em suas entradas.

Adeline Virginia anseia por transcrever o que vê, talvez de uma maneira tal que um possível leitor, pensado em alguns momentos explicitamente nesse diário⁷², tenha condições de visualizar o mesmo que ela, de revivenciar no momento da leitura o clérigo, o céu nublado, o pôr do sol, em suma, os acontecimentos narrados. Contudo, a diarista se percebe, não raras vezes, impedida de narrar o que quer pela existência de certa incapacidade em abarcar os detalhes do mundo ao seu redor em palavras. Essas impossibilidades, inerentes à escrita, acabam por fazer surgir em Virginia – que não se pode esquecer era ainda bastante nova, tinha apenas 17 anos – questionamentos sobre o ato de escrever, sobre o fazer literário, sobre a capacidade da escrita em representar o que é visto e vivido⁷³.

12 August

Adrian & I have a habit now when the days are so hot, of keeping our exercise till after tea, & then of going out on our bicycles for an hour's hard riding. Besides picturesque advantages, this country possesses the solid one that all its main roads are excellently made, well hammered, smooth & free from stray stones. This country, too, does not hamper the cyclist by any disturbing Hills; you may ride & ride & ride without ever being forced to dismount & push yr. bicycle up a hill, or without ever having the delight of raising yr. feet & spinning downhill. This evening we went along the road which crosses the railway at the station by a Bridge & then runs as straight as a yard measure for a good 4 miles. These roads have their beauties to the eye of a Fen lover, but a Bicyclist is a mechanical animal. Not until we dismounted did we appreciate the scenery. On both sides it was dead flat – the road was slightly raised in the middle & runs through the plain like a straight white

⁷² “I suppose a reader sometimes for the sake of variety when I write; it makes me put on my dress clothes such as they are” (p. 144) – trecho citado em “Ficcionalização do diário”. Para além, segundo Lounsberry (2015), aparentemente o diário de 1899 é o primeiro a conter uma passagem que, tudo leva a crer, foi mostrada a um leitor externo. Da entrada denominada “Terrible Tragedy in a Duckpond” são retirados os seguintes parênteses: “(This harrowing tale stops abruptly here; but a fuller & improved version will be found somewhere, which I have, with great labour, concocted for the benefit of Emma Vaughn)” (p.152) – Emma Vaughn era prima de Virginia Stephen.

⁷³ Obviamente, não se pode esquecer que Adeline Virginia Stephen é criada em meio a um ambiente literário, seu pai, Leslie Stephen, fazia parte desse círculo, literatos frequentavam sua casa. Assim, a diarista, que se deseja escritora desde a infância, que tem frequente contato com uma profusão de livros, cresce em meio a estímulos literários. De toda forma, o desenvolvimento de pensamentos, ainda tão jovem, acerca das impossibilidades da palavra escrita chama atenção.

thread. This is the midst of the old Fen country. This solid ground on which we stood was, not many years ago, all swamp & reed; now indeed there is a pathway, & on either side grow potatoes & corn, but the Fen character remains indelible. A broad ditch crosses the Fen, in which there is cold brown water even in this hot summer. Tall rushes & water plants grow from it; & small white moths, the inhabitants of the Fen, were fluttering among them in scores when we were there. I wish that once & for all I could put down in this wretched handwriting how this country impresses me – how great I feel the stony-hard flatness [?] & monotony of the plain. Every time I write in this book I find myself drifting into the attractive but impossible task of describing the Fens – till I grow heartily sick of so much feeble word painting; & long for one expressive quotation that should signify in its solitary compass all the glories of earth air & Heaven. Nevertheless I own it is a joy to me to be set down with such a vast never ending picture to reproduce – reproduction is out of the question – but to gaze at, nibble at & scratch at.

After all we are a world of imitations [;] all the Arts that is to say imitate as far as they can the one great truth that all can see. Such is the eternal instinct in the human beast, to try & reproduce something of that majesty in paint marble or ink – & music⁷⁴ the nearest to truth. (WOOLF, 1990, p. 143)

A entrada transcrita possivelmente constitua uma das mais representativas do diário, no que tange à demonstração dos pensamentos de Virginia acerca da capacidade da escrita de representar o que se vê, o que se vive. Na passagem, observa-se a diarista procurando anotar a paisagem encontrada ao longo de passeios de bicicleta com Adrian, seu irmão mais novo, da maneira explicitada até aqui. Contudo, em meio às descrições do campo, há uma quebra repentina no discurso. Tem-se, então, a impressão de que a jovem encarou o seu texto e viu que nele não havia a exatidão com a qual ela tanto procurava realizar sua transcrição, o que a leva ao desabafo: “I wish that once & for all I could put down in this wretched handwriting how this country impresses me”.

A partir desse ponto do excerto, Virginia Stephen discorre sobre a existência de certo embate entre a ânsia em descrever a paisagem que tanto a atrai e a impossibilidade de fazê-lo. Ela deseja ter palavras que englobem a grandiosidade do ar, da terra e do céu, e sofre ao perceber que as imagens que constrói são frágeis, distantes do que ela, de fato, vê. Mas, ao mesmo tempo, existe uma demonstração de prazer em se defrontar com vivências que se deseja apreender em palavras – afinal, ter o que narrar não é sempre o que a jovem Virginia deseja?

⁷⁴ É interessante pontuar que o pensamento explicitado nessa passagem – de a escrita por vezes parecer inferior na arte de imitar a grandiosidade do mundo, e de a música em dadas ocasiões parecer o meio artístico a mais se aproximar da realidade – é levado pela futura autora para o interior de seu primeiro romance. Em *A viagem* (*The Voyage Out* – 1915), Rachel, personagem principal da trama, tem falas que ressoam justamente essas ideias expressas no caderno de 1899: “[...] – Romances – repetiu ela. Por que escreve romances? Devia escrever música. Música, sabe – ela desviou os olhos e tornou-se menos agradável quando seu cérebro começou a agir, provocando certa mudança em seu rosto –, a música vai direto até as coisas. Diz de uma vez o que há para dizer. Ao escrevê-la me parece que há tanto – ela fez uma pausa procurando uma expressão e esfregou os dedos na terra, esfregando-os depois numa caixa de fósforos. [...]” (WOOLF, 2008, p.315)

Entre o misto de prazer e sofrimento, a jovem demonstra a percepção de que, por maiores que sejam não apenas as suas tentativas, mas de todos que por intermédio das mais variadas formas de arte procuram imitar o que se passa no mundo, o que existe no mundo, a reprodução exata é, de fato, impossível. O que é possível fazer é apenas “to gaze at, nibble at & scratched at” e, portanto, dificilmente existirá algo que vá muito além de um esboço da realidade.

Em passagens posteriores desse segundo diário, Virginia revela outras pequenas formulações acerca da sua escrita, que servem, de certa forma, como complemento aos pensamentos explicitados na passagem anteriormente comentada. Assim, em 18 de agosto, em uma longa entrada intitulada “Warboys Distractions”, após relatar exaustivamente um dia de passeio com alguns familiares, a jovem anota: “So ended a somewhat grim day of pleasure. This has taken me considerably longer to write than the whole day itself: such a relation of details is extraordinarily difficult, dull & unprofitable to read” (p.150). E, mais adiante, em passagem escrita em 3 de setembro e denominada “A Chapter on Sunsets”, a diarista escreve: “Everything is done by different shades & degrees of light – melting & mixing infinitely – Well may an Artist despair!” (p.156), demonstrando novamente a grande dificuldade, a impossibilidade existente e o desespero que pode surgir ao se tentar captar cada detalhe constituinte das experiências vividas de forma a reproduzi-las da maneira como se deram.

Torna-se perceptível com o correr das páginas do diário de 1899 que, apesar de Adeline Virginia Stephen apresentar, como explicitado, uma consciência sobre o conflito existente entre o desejo de imitar a “great truth that all can see” e a impossibilidade de concretizá-lo, ela segue tentando reconstituir o que vê, da maneira que vê. Existe, sim, certo desconforto em meio à escrita, mas aos 17 anos Virginia Stephen não pensa em burlar tal incômodo procurando uma nova forma de representar a realidade – em verdade, é bem possível que ela buscasse seguir padrões conhecidos, vistos nos livros em que vivia imersa, um movimento que pode ser considerado comum para alguém que, como sabido, traz em si a vontade de ser escritora. Para Lounsberry (2015), quando em “A Chapter on Sunsets” Virginia anota “Everything is done by different shades and degrees of light”, é como se já houvesse ali certa visão de estética modernista, talvez pelo fato de a jovem, de certa forma, demonstrar perceber que o que é visto é formado por uma sobreposição de partes, não por um todo absoluto. Contudo, no segundo diário, Virginia se prende muito, como comentado, à tentativa de reprodução do que se vê. Assim, por mais que ela tenha uma noção prévia de que as paisagens, as pessoas, não são figuras chapadas, formadas por um elemento único, mas sim

constituídas por muitas partes, que são mutáveis no tempo, considera-se arriscado dizer que há um matiz da estética modernista nessa escrita íntima.

Em 1899, portanto, o desconforto da jovem Virginia não muda suas técnicas de escrita. Todavia, com o passar dos anos, esse incômodo a impulsionará a procurar outras formas de apreender o mundo, e o caminho dessa busca, em alguns momentos, pode ser entrevisto ao longo dos últimos diários de juventude. Em 1908, por exemplo, Virginia começará a desconfiar de uma escrita baseada exclusivamente no que os olhos veem. Ela começará a desejar poder escrever o que é visto para além do que é visto. Desejará escrever não só com os olhos, mas com a mente, pensamento que parece expor que ela quer ser capaz de criar e não apenas reproduzir. E com isso ser também capaz de lançar luz sobre uma realidade que parece ficar escondida detrás do que é mostrado⁷⁵:

There are many ways of writing such diaries as these. I begin to distrust description, & even such humorous arrangement as makes a days adventure into a narrative; I should like to write not only with the eye, but with the mind; & discover real things beneath the show. [...] (WOOLF, 1990, p.384)

Ademais, nos últimos trechos dos diários de juventude, Virginia começa a acreditar que talvez a tarefa de representar o mundo possa ser melhor realizada se, em lugar de tentar descrever todos os detalhes das experiências, forem transcritos fragmentos. E esses seriam, então, capazes de representar a realidade.

As for writing – I want to express beauty too – but beauty (symmetry?) of life & the world, in action. Conflict? – is that it?
If there is action in painting it is only to exhibit lines; but with the end of beauty in view. Isn't there a different kind of beauty? No conflict.
I attain a different kind of beauty, achieve a symmetry by means of infinite discords, showing all the traces of the minds passage through the world; & achieve in the end, some kind of whole made of shivering fragments; to me this seems the natural process; the flight of the mind. [...] (WOOLF, 1990, p.393)

É possível afirmar que o diário de 1899, com suas tentativas de reconstrução das cenas vivenciadas ao longo da viagem a Warboys, com suas discussões ao redor do tema, guarda princípios do processo de construção do olhar de Virginia acerca da representação da realidade. Olhar esse que vai se desenvolvendo ao longo dos diários de juventude e que continuará a ser pensado por Virginia Woolf no curso da sua carreira.

⁷⁵ Ao saber desse desejo de Virginia Stephen em conseguir fazer com que sua escrita abarque uma realidade para além da que é vista, é difícil não pensar em estratégias que serão por ela criadas em algumas de suas mais conhecidas obras. É o caso do movimento de escrita denominado por Woolf “tunnelling process”, descoberto ao longo da feitura de *Mrs. Dalloway* – processo que escava a mente dos personagens e parece, assim, englobar a ideia expressa em 1908, “discover real things beneath the show”. Segundo Paul Ricoeur (2010, p.180), no tunnelling process há “uma alternância entre o superficial e o profundo”.

3.3 Treino para olhos e mãos

Segundo aponta Philippe Lejeune (2014, p.300), “Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado”. Partindo de uma perspectiva como essa, o caderno íntimo de 1903 pode ser considerado bastante descaracterizado: o volume é iniciado com um sumário contendo as trinta entradas que o constituem, a ordem cronológica das passagens não é sempre respeitada e, possivelmente, algumas sofreram modificações após a sua feitura – Virginia enviava alguns dos textos⁷⁶ à amiga Violet Dickinson⁷⁷, com o intuito de obter opiniões críticas. Em meio a todas essas singularidades, o desejo em apreender a realidade ao redor, assim como observado ao longo de todo o segundo caderno de juventude, constitui também o fio condutor dos escritos de 1903. Mas nesses, em muitos dos textos, Adeline Virginia Stephen se volta, sobretudo, à representação da sociedade na qual se vê inserida.

Antes de perscrutarmos o terceiro volume dos escritos de juventude – seus movimentos, como a sua principal temática é trabalhada –, faz-se relevante demarcar que esse diário é declaradamente caracterizado pela jovem, em uma de suas passagens, como espécie de caderno de esboços, à maneira que artistas plásticos costumam manter. Ele constitui, então, um espaço no qual Virginia Stephen pode treinar a sua escrita, um espaço no qual ela pode tatear as melhores formas de passar para o papel o que vê:

[...] But the only use of this book is that it shall serve for a sketchbook; as an artist fills his pages with scraps & fragments, studies of drapery – legs, arms & noses – useful to him no doubt, but of no meaning to anyone else – so I [] take up my pen & trace here whatever shapes I happen to have in my head. []
It is an exercise – training for eye & hand – roughness if it results from an honest desire to put down the truth with whatever materials one has to hand, is not disagreeable – though often I am afraid decidedly uncouth. [...] (WOOLF, 1990, p.186-187)

Ainda a respeito dessa questão, indo por alguns instantes além das páginas dos diários de juventude, é interessante pontuar que Virginia, em cadernos futuros – escritos já

⁷⁶ Em carta enviada à Violet Dickinson, em junho de 1903, Virginia diz: “[...] Really you ought never to have seen that literary effort. It wasn’t meant for anybody to read – not in that nude, really indecent state. I wrote it all by scraps when we were at Chilworth, and in a sentimental mood, which has leaked out damn it – and I haven’t the patience to write it again. This is all to prove that if I had sat down solidly every morning and made it thoroughly substantial all through, it would have been a work of genius whereas, as it is – you have to pump up Compliments. Poor Violet. I think literary advice is a very ticklish thing. Of course I should be grateful for *criticism* as all writers are – the candid the better. I always think I might write so much better if I took time or trouble – or something else which I never do take. This is a very interesting subject – to you especially [...]”. (WOOLF, 2016b, E-book)

⁷⁷ De acordo com Hermione Lee (1997, p.166), Violet Dickinson “came to know the first as a friend of Stella’s (the Duckworth home at Orchardleigh was near to the Dickinsons at Frome, and Thoby refers to meeting a Miss Dickinson early as 1894). Visiting the house in 1897, she felt sorry for the Stephen girls; she wanted to take over looking after them where Stella had left off. But Virginia adopted her as her particular friend when they met in the summer of 1902”. Dickinson acabou também por se tornar um dos primeiros amores de Virginia Stephen.

sob o nome Virginia Woolf e em um cenário de vida no qual ela já é escritora –, tornará a revelar pensamentos sobre serem as suas páginas íntimas, em alguns momentos, um espaço de experimentação de escrita. Acerca de tal aspecto, Ana Carolina de Carvalho Mesquita, na tese *O diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca pela literatura*, diz:

O diário, significativamente, também serviu de campo de experimentos e local de reflexões literárias [...]. O diário serviu assim, entre outras coisas, como um equivalente literário ao que nas artes plásticas convencionou-se chamar *sketchbook* [...]. A própria Woolf com o tempo vai adquirindo ciência desse fato, como revelam as seguintes passagens de 1924: “Acaba de me ocorrer que neste livro eu *pratico* a escrita; treino minhas escalas; sim, & me dedico a criar certos efeitos. Ouso dizer que aqui pratiquei [O quarto de] Jacob – & Mrs D.[alloway], e aqui devo inventar meu próximo livro, pois cá escrevo meramente em espírito, & nisso também existe grande alegria, & assim também a velha V. de 1940 enxergará algo aqui. Ela será uma mulher capaz de enxergar as coisas, a velha V.: tudo... mais do que posso imaginar (...)” (17 out.1924; grifos dela); “Escrever o diário ajudou enormemente o meu estilo, soltou as amarras” (1 nov. 1924). (MESQUITA, 2018, p.28)

Retornando ao diário de 1903, parece também necessário salientar que os “esboços” que o constituem são convencionalmente chamados de “ensaios” pela crítica – dentre comentadores a fazer uso do termo é possível citar Hermione Lee, Quentin Bell e Barbara Lounsberry. Sobre ensaios, de acordo com Max Bense:

Escreve ensaisticamente quem compõe experimentando; quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever. (BENSE, 1947, p.418, apud ADORNO, 2012, p.35-36)

Tomando tal descrição da escrita ensaística, tende-se a também denominar “ensaios” as entradas do diário de 1903. Isso porque, como sabido, nesse caderno Virginia está experimentando sua escrita. Nos seus tateares, a diarista traz para o interior de suas páginas íntimas representações de experiências vividas por intermédio de textos cuja estrutura e linguagem mais trabalhadas vinculam-se ao desenvolvimento e à exposição de reflexões acerca do que é apresentado. A jovem, em seu terceiro diário, não apenas tenta reconstituir o que vê e vive, ela pensa criticamente acerca do que escolhe escrever e introduz as críticas no conteúdo do texto.

Adeline Virginia Stephen, como explicitado em parágrafos anteriores, ao longo do diário de 1903, opta por transpor em palavras a sociedade na qual se vê inserida. Desse modo, para que seja possível demonstrar formas como a jovem diarista trabalha tal sociedade, é importante ter em mente o momento de vida no qual ela escreve seu caderno íntimo.

À época da escrita do diário, Virginia, então com 21 anos, era já há algum tempo introduzida à sociedade pelo seu meio-irmão George Duckworth. Assim, esse é um período

em que a jovem é levada a participar de uma gama de eventos sociais, dentre jantares, bailes, idas ao teatro. Como mencionado em oportunidades anteriores, inicialmente Virginia tem certa atração por esses acontecimentos, desejando inclusive, por vezes, conseguir brilhar em meio a eles. Contudo, nessas situações, nas quais não era permitido dizer o que se pensava, nas quais o intuito da presença das mulheres era que elas conseguissem bons casamentos – George Duckworth costumava dizer que “festas não traziam prazer; levava suas irmãs não para se divertirem mas para praticarem sua profissão, a grande profissão de conseguir maridos [...]” (BELL, 1988, p.114) –, Virginia Stephen simplesmente não consegue se encaixar:

This was a different milieu – of politicians, diplomats, society hostesses, dowagers, debutants – from the Stephens’ more sober literacy circles, from the Cambridge society which Thoby was entering, or from the art world Vanessa had begun to make contact with. The houses belonged to the governing and landowning classes, the ‘sons and grandsons of the men who built the empire’. Etiquette, social charm, wealth and status, skills in dancing and dressing and small talk, were still Paramount in the big houses and marriage-markets of late-imperial England, in what one young Edwardian called ‘the glare and rattle of these great suffocating brilliant parties’. Life was plotted through the rituals of dance cards and weekend parties and visits abroad, morning calls and seasonal events (the opera at Covent Garden, for instance, where George took Virginia to the *Ring*).

[...] But curiosity rapidly turned into miserable embarrassment. She felt like a ‘child who stands at the flap of the tent and sees the circus going on inside’. Inside the tent, she was forced to jump through George’s hoops. She could not dance, she did not know the people or pick up the references. (LEE, 1997, p.152)

Adeline Virginia Stephen, a despeito da sua criação com bases vitorianas, não consegue realmente fazer parte dos mecanismos sociais que regem tais eventos. Dessa forma, quase que na totalidade dessas situações, acaba por ficar nos cantos das festas, à margem dos acontecimentos. Em uma carta à sua prima Emma Vaughan, escrita em 8 de agosto de 1901, a jovem diarista desabafa:

[...] Our London season about which you ask, was of the dullest description. I only went to three dances – and I think nothing else. But the truth of it is, as we⁷⁸ frequently tell each other, we are failures. Really, we can’t shine in Society. I don’t know how it’s done. We aint popular – we sit in corners and look like mutes who are longing for a funeral. (WOOLF, 2016b, E-book)

Ir a eventos e não conseguir, de fato, fazer parte deles é em si muito incômodo. Ser obrigado a continuar a fazer parte dessas situações é ainda mais. E é em meio a uma conjuntura como essa que Virginia vive, pois George Duckworth, mesmo com a percepção de que ela não se encaixava nos ambientes, continuava a forçá-la a frequentá-los:

When she [Virginia]⁷⁹ examines George’s motives, she turns them all to viciousness. He wanted his two beautiful half-sisters to look well and go out with him because it reflected well on him and made everyone say how wonderfully kind he was to the

⁷⁸ Pressupõe-se que “we” faça referência a Vanessa e Virginia.

⁷⁹ Colchete nosso.

poor bereaved girls. He wanted them to make good matches to enhance his own social status. She describes him as a hypocritical social climber who disguised the fact that the Duckworth Money came from cotton and was desperate to marry into the aristocracy. [...] And he got what he wanted: marriage to Lady Margaret Herbert, property, children. But the time when he was courting high society and working as Austen Chamberlain's private secretary, he forced them both – first Vanessa, and when she became intractable, the more malleable Virginia – to accompany him on punitive seasonal rounds of dinners and dances and weekend visits. (LEE, 1997, p.151-152)

Apesar dos infortúnios das tentativas de inserção de Virginia na sociedade, a jovem utiliza esses momentos para observar atentamente as cenas que transcorrem ao seu redor. Seu posicionamento à margem das situações parece conferir a ela um olhar ampliado sobre os eventos, um olhar que alcança os meandros desses acontecimentos, o que acaba por impulsioná-la a pensar acerca do que é vivenciado. São, assim, das observações, percepções e sentimentos que surgem nos jantares, nos bailes, que nascem muitos dos textos de 1903. “She aestheticizes the moment, the dance serving as material for art”, observa Lounsberry (2015, p.58).

O ensaio a abrir o diário, “A Dance in Queens Gate”⁸⁰, já traz à tona a atmosfera citada. O texto, que segundo Lounsberry (2015) é o mais literário dentre todos os de 1903, começa com Virginia em seu quarto. Ao escutar uma música, a jovem abre a janela e percebe que há um baile nas proximidades. A partir daí, a diarista constrói uma narrativa que leva o seu leitor a esse baile, no qual ela sequer realmente está – não raro Virginia representa nos textos desse caderno íntimo a sua posição de estar à margem, descrevendo-se em uma janela ou nos próprios cantos das festas.

About two hours ago, when I went to bed, I heard what I took to be signs of merry making in the mews. A violin squeaked, there was a noise of loud voices & laughter. It reminded me how once, as a child, I woke at dead of night: it seemed to me – 8 or 9 I suppose really & heard strange & horrible music as of a midnight barrel organ, & was so frightened that I had to crawl to the cot next mine for sympathy. But I am too old for that kind of blind terror; my critical mind when awake enough to think about it, decided that the fiddle squeaking &c. was token of a ball – not in our street – but

⁸⁰ Mitchell A. Leaska (1990) aponta que “A Dance in Queens Gate” teria uma contrapartida ficcional em *Os anos* (*The Years* – 1937), na seção “1907”. De fato, ao ler tal capítulo, em alguns momentos é possível rememorar o ensaio, seja pelo uso de alguns termos em comum, seja pela construção de imagens semelhantes: “Todas as janelas estavam abertas. Havia uma música no ar. Por trás das translúcidas cortinas cor de vinho que o vento enfunava e erguia, vinha o som da eterna valsa – depois do baile, depois da dança – como uma serpente que engoliu a própria cauda, pois que o ciclo se fechava de Hammersmith a Shoreditch. Repetidamente, obsessivamente, os trombones retomavam o tema à porta dos cafés; meninos mensageiros transpunham-no para o assobio; e todas as orquestras o tocavam nos salões particulares em que se dançava” (WOOLF, 2011, p.158) / “Sentou-se na cama e olhou pela fresta da persiana. Podia ver por essa fresta uma fatia do céu; depois a árvore do jardim; mais além os fundos das casas vizinhas, dispostas lado a lado numa fileira comprida. Uma delas estava brilhantemente iluminada e das suas altas janelas abertas é que vinha a música de dança. Valsavam. Via sombras que rodopiavam projetadas contra a persiana. Impossível ler; impossível dormir. Primeiro havia a música; depois um rumor de conversa; em seguida gente que saía para o jardim; mais vozes; e música de novo” (WOOLF, 2011, p.161).

in Queens Gate – the tall row of houses that makes a background to the mews. The music grew so loud, so rhythmic – as the night drew on & the London roar lessened, that I threw up my window, leant out into the cool air, & saw the illuminations which told surely from what house the music came. Now I have been listening for an hour. The music stops – I hear the chatter, the light laughter of womens voice – the deeper notes of festive males. I can almost see the couples wandering out from the ball rooms to the balconies which are starred with small lamps. They look straight across the mews to me. The music has begun again [...] (WOOLF, 1990, p.164-165)

Ao longo do texto, existe uma repetição da informação de que a música para e recomeça, o que confere a ele certo ritmo, o ritmo do baile. A narrativa vai gradativamente se tornando angustiante, pois o evento parece não acabar. Os músicos, que ganham tão pouco para estar ali – “It earns them very little in hard cash” (p.166) –, esperam que o fim possa chegar, mas não podem parar de tocar enquanto alguém estiver dançando. As pessoas não aguentam mais dançar, mas enquanto houver música devem fazê-lo:

[...] they dance as pale phantoms because so long as the music sounds they *must* dance – no help for them. Surely the music that seemed to ebb before, has gathered strength – it sounds louder & louder – it swings faster & faster – no one can stop dancing now. They are sucked in by the music. And how weary they look – pale men – fainting women – crumpled silks & trampled flowers. They are no longer masters of the dance – it has taken possession of them. And all joy & life has left it, & it is diabolical, a twisting livid serpent, writhing in cold sweat & agony, & crushing the frail dancers in its contortions. [...] (WOOLF, 1990, p.166-167)

Os excertos deixam entrever o trabalho com a linguagem que Virginia tem para construir a imagem desse baile. Ao longo do texto, ela é minuciosa com os detalhes que constituem a cena que deseja mostrar. Tal detalhamento começa já na ambientação inicial, que compara o medo que permeou a Virginia criança – e a levou a rastejar até a cama ao lado da sua em busca de acolhimento – com a mente crítica da Virginia do presente; e segue até os ares infernais do baile, do qual não há escapatória, “If you stop, you are lost” (p.165).

Todo o detalhamento na representação desse baile, a busca por conferir ritmo à entrada, parece ter como objetivo não apenas reconstituir a imagem de um evento como esse, mas também reproduzir a agonia que pode emergir de situações assim. Em um entrelaçamento forte entre criação e vida, a sensação angustiante gerada pela forma como o texto é construído, em certa medida, traduz o que aparentemente Virginia sente ao ser obrigada a fazer parte desse tipo de situação. No texto, mesmo em seu quarto, Virginia não tem como fugir da movimentação do baile, “But the music again! I am getting tired I confess” (p.166). Na vida, por mais que não se sinta bem nos eventos sociais, por mais que permaneça à margem, por mais cansada que esteja, continua a ser obrigada a comparecer, a estar presente em um ambiente no qual não se sente inserida.

Em outras ocasiões, como na entrada denominada “Thoughts upon Social Success”, Virginia constrói textos nos quais o seu olhar atento recai sobre o comportamento dos convidados das festas, lançando luz sobre a existência das máscaras sociais. A diarista retrata, então, como a conduta das pessoas tende a mudar nessas situações, ou melhor, precisa mudar. Quando se traja seda, é necessário ser seda:

[...] You come to a party meaning to give pleasure; therefore you leave your sorrows & worries at home – for the moment, remember, we are all dressed in silk – without sorrow or bother that is – more than that, you must be prepared to be actively happy: if you talk it must be at least to express pleasure at something; better still if you can, say something amusing: seriousness is just as much out of place here as an old serge skirt. For two or three hours a number of people have resolved to show only their silken side to one another: Heaven knows the other may be anything but silk, but tonight it is ignored. Men & women living ordinary lives surely have their share of woes; to look at them though you would never guess it. They bow & touch hands gracefully; their faces all look pleased & animated. The talk is very swift & skimming: it is not part of the game to go deep: that might be dangerous. [...] (WOOLF, 1990, p. 168)

No trecho, Virginia escreve como se aconselhasse seu leitor. Fazendo uso de tal estrutura, representa o comportamento ideal nas festas: é preciso estar sempre feliz, como se não houvesse problemas na vida; é fundamental conversar apenas sobre assuntos alegres, leves, pois é perigoso ser profundo – talvez porque um diálogo profundo acabe por derrubar as máscaras de felicidade, talvez porque profundidade acabe por mostrar verdadeiramente quem se é além dos vestidos de seda.

É importante mencionar que Adeline Virginia Stephen aparentemente tinha muitos problemas em não poder agir com naturalidade em ocasiões sociais. Isso, não raro, causava-lhe problemas. Quentin Bell conta, na biografia que escreveu sobre Virginia Woolf, uma das situações constrangedoras que o fato de a diarista desejar conversar sobre os seus pensamentos, sobre os seus interesses acabou por provocar:

[...] Nessa ocasião, George levou Virginia sozinha para jantar com a condessa de Carnavon, de Dowage, e sua irmã Sra. Popham de Littlecote, sendo o jantar seguido de uma ida ao teatro. A noite começou bastante bem; as duas damas pareciam bondosas e Virginia sentiu-se encorajada a falar. Na verdade começou a se expressar com confiança e abandono. Disse que era preciso entender a necessidade de cada um de expressar suas emoções. Acaso Lady Carnavon lera Platão? Se lera, haveria de lembrar...

Nisso Virginia disse algo horrível, chocante. Jamais saberemos o que foi, e talvez ela apenas estivesse falando demais; mas sempre teve um jeito assustador de esquecer sua audiência, e nos primeiros anos do século XX Platão podia facilmente levar a temas que haveriam de chocar Lady Carnavon ou a Sra. Popham, temas inteiramente inadequados para uma jovem. Pois, como George explicou mais tarde, no curso de sua reprimenda: “Elas não estão habituadas a que moças digam *coisa nenhuma*”. [...] (BELL, 1988, p. 115)

A reprimenda de George traz à tona outro ponto que Virginia carrega para o interior dos ensaios de 1903, a posição da mulher na sociedade que a diarista visualiza ao seu redor. Antes de demonstrar como a jovem pode representar o assunto em seu caderno, é preciso dizer que nesta discussão deseja-se apresentar como Virginia tenta transpor em palavras o que vivencia, e não trabalhar em profundidade a questão da mulher em Virginia Woolf. Apesar disso, considera-se importante evidenciar que a temática – que permeia muitos dos escritos de Virginia, desde os seus primeiros contos como *Phyllis e Rosamond* (1906), passando por muitos dos seus romances e de renomados ensaios, como *Mulheres e ficção* (1929), *Profissões para mulheres* (1931) e, talvez o mais conhecido e de maior peso no que tange os pensamentos acerca da mulher, *Um teto todo seu* (1929) – já se faz presente desde seus escritos íntimos de juventude.

Voltando ao diário, também no ensaio “Thoughts upon Social Success”, Virginia Stephen transcreve como se dá a presença das moças nos eventos sociais, como a figura delas transparece aos seus olhos:

[...] Now most young women of our way of life have specialised in this branch of learning. Their evenings are more important to them than their mornings – indeed I find it hard to conceive of them in the morning. Do they in truth exist before the clock strikes eight? My private belief is that the dinner bell calls them into existence – they spring up all over the drawing room like hyacinths in June. By daybreak they are faded – a little crumpled perhaps – never mind – they fold themselves in sleep – to wake once more when the sun is set. Now I find this very beautiful & attractive but always a little puzzling. Has she a stalk or a body – is she clothed in silk or gauze or are they flower petals that shine on her? Above all, what does she talk about? I see her lips move – honey drops from between them apparently, but I know that I shall never hear what she says. If I come by she is silent – she folds all her petals closely round her; she might indeed be some flower one brushes past by night. [...] (WOOLF, 1990, p. 167-168)

No excerto, observa-se a diarista trazendo para suas linhas parte da rotina das jovens criadas em meio aos costumes do período vitoriano – moças educadas para iluminar as salas de estar, que parecem não existir fora delas, só ganhar vida quando nelas. A ideia que perpassa a advertência dada por George à Virginia, “Elas não estão habituadas a que moças digam coisa nenhuma”, ressoa nesse texto. Visualiza-se, então, que Virginia reconstitui em sua narrativa esse silêncio que a sociedade pede das mulheres, mas não de uma maneira direta, e sim de forma metafórica.

A diarista compara, então, as jovens a jacintos, e descreve a si mesma observando-as. Virginia consegue ver que as bocas dessas mulheres-flor se movem e que saem delas gotas de mel – não seriam tais gotas os comentários agradáveis aos convidados, aos seus possíveis futuros maridos, que são ensinadas a tecer? Contudo, quando Virginia se

aproxima dessas jovens, Virginia que deseja conversas profundas, que deseja falar sobre os seus próprios interesses, elas estão em silêncio, o que parece significar que nada além de doces falas pode sair delas. Se isso lhes for demandado, elas se recolhem, escondem-se. Elas não podem ser nada além de uma flor bonita a enfeitar os salões.

Virginia Stephen não discorre sobre porquês dessas mulheres-flor se fecharem em suas pétalas quando ela se aproxima. Mas a maneira como procura construir o trecho, formulando uma imagem dessas jovens, descrevendo seus movimentos, acaba por incitar reflexões acerca do silêncio, dos motivos do silêncio. Tem-se, então, um texto no qual as escolhas do caminho de escrita constroem a cena, ao mesmo tempo em que fazem pensar acerca da imagem narrada.

Dessa forma, a partir dos comentários realizados ao longo deste capítulo, é possível entrever que durante o diário de 1899 há uma preocupação de Adeline Virginia Stephen em tentar representar o que vê, o que experiencia, tal qual a realidade. Já em 1903, essas representações parecem ganhar certa profundidade, elas saem do espaço de pura descrição, de pura tentativa de reconstituição, para adentrar um lugar em que os textos para além de possibilitarem a visualização das cenas, passam a tentar transmitir as possíveis percepções, os possíveis sentimentos acerca das situações narradas.

4. AS LINHAS DE ADELINE VIRGINIA STEPHEN

4.1 Com a própria pena

Wednesday 8 February

[...] At 4 I went out first to have my specs twisted straight as they are quite crooked & perpetually slipping from my nose; then on to Mrs. Crums, where I found a large tea party going on in various corners, of people I did not know, except Bruce Richmond⁸¹, who very soon came to business. First told me about the Outlook, which is just starting new, with the Nat[ional].⁸² Review man, Garvin as Editor, & an enthusiastic literary man for the literary side. Would I write a review for them? So I said yes, with joy – Then he asked if “we”, The Times, that is, might send on books for review also – So I said yes – & thus my work gets established, & I suppose I shall soon have much as I can do – wich is certainly satisfactory. [...] (WOOLF, 1990, p.234)

Entre o terceiro caderno íntimo de juventude, encerrado em outubro de 1903, e a entrada acima, pertencente ao diário do natal de 1904 a maio de 1905 – último a ser vislumbrado nesta dissertação –, muito se passa na vida de Adeline Virginia Stephen. Dentre os acontecimentos, destaca-se a morte de Leslie Stephen, em 22 de fevereiro de 1904 – desde 1902 ele enfrentava um câncer de intestino. Essa perda causa tamanha angústia à jovem diarista que ela acaba por sofrer o seu segundo colapso nervoso, e comete sua primeira tentativa de suicídio⁸³. Mas em uma fase tão difícil e turbulenta, Virginia Stephen parece saber o que pode fazê-la ficar melhor, seguir adiante, enfrentar a vida: trabalhar com a sua escrita.

Pouco antes de cair doente e passar meses sem sequer conseguir escrever uma palavra, como costumeiramente se dá nos períodos nos quais Virginia é atingida por colapsos nervosos, a jovem envia uma carta para a amiga Violet Dickinson, na qual manifesta um grande desejo em começar a trabalhar: “[...] Oh my Violet if you could only find me a great solid bit of work to do when I get back⁸⁴ that will make me forget my own stupidity I should be so grateful. I *must*⁸⁵ work. [...]” (2016b, E-book). Reitera-se que a diarista se queria escritora desde bastante nova e, como foi possível visualizar, em especial ao longo de “Esboços de Virginia”, há muito ela se preocupava em, de fato, treinar a sua escrita, buscar formas de melhor fazê-la, observando sempre muito atentamente o mundo ao seu redor para conseguir transcrevê-lo em palavras.

⁸¹ Bruce Lyttelton Richmond foi editor do *The Times Literary Supplement* entre 1902 e 1937 (LEASKA, 1990).

⁸² Colchete nosso.

⁸³ Virginia Stephen se atira de uma janela, baixa, da casa de Violet Dickinson, onde passa parte do seu período de recuperação. De acordo com Quentin Bell (1988), existiria uma possibilidade de a jovem ter tentado se suicidar após a morte de Julia Stephen, contudo não haveria provas concretas disso.

⁸⁴ Após a morte de Leslie, os jovens Stephen viajam para França e para Itália.

⁸⁵ Grifo dela.

Adeline Virginia Stephen acreditava, então, ter reais condições de trabalhar com a escrita⁸⁶. E anseava por isso. Passados os piores momentos do seu segundo colapso nervoso, já bastante melhor, em verdade, a jovem torna a escrever à Dickinson: “I am longing to begin work. I know I can write, and one of these days I mean to produce a good book. What do you think? Life interests me intensely, and writing is I know my natural means of expression. [...]” (2016b, E-book).

Violet Dickinson ajuda Virginia apresentando-a Margaret Lyttelton, editora do *Women’s Supplement of The Guardian*. E assim, em dezembro de 1904, Adeline Virginia Stephen, prestes a completar 23 anos, publica suas primeiras resenhas e um ensaio⁸⁷, iniciando sua carreira no mundo literário. É a atmosfera desse momento de vida que permeia o diário escrito entre o natal de 1904 e maio de 1905.

O quarto diário de juventude é constituído por 135⁸⁸ entradas, datadas e preenchidas com acontecimentos cotidianos. Nele, voltam a existir comentários acerca das idas e vindas dos integrantes da família ao longo do dia, mas não com o mesmo peso visualizado no primeiro diário. No caderno íntimo de 1904/1905, ao contrário do que é mencionado em “As lacunas de Adeline”, Virginia tem o que narrar sobre a sua própria vida, é a sua rotina a matéria principal de suas passagens.

Desse modo, são observadas as suas idas e vindas, a maneira como o seu dia a dia é organizado, as suas pequenas alegrias, como a arrumação de seu novo quarto: “I was seized with a passion for rearranging my bedroom, so I turned the bed round & hung pictures, & now it is fairly straight & to my liking” (p.223) – após a morte de Leslie, os irmãos Stephen mudam-se para o número 46 da Gordon Square, no bairro de Bloomsbury⁸⁹. Mas o assunto com o qual mais se tem contato, que permeia a quase totalidade das entradas do caderno de

⁸⁶ Hermione Lee (1997) conta que Virginia desejava trabalhar não somente para que sua vida tivesse mais sentido, mas também para ajudar nas contas da família, que havia gasto muito no período de sua doença, com enfermeiras e médicos – em 26 de abril de 1905, a diarista anota: “[...] my balance better than I expected, so I paid some bills!” (p.268). Os Stephen não eram pobres, havia a herança de Leslie e alguns outros rendimentos, mas nenhum dos irmãos estava trabalhando à época da morte do pai, dessa maneira, aparentemente, os gastos precisavam ser controlados.

⁸⁷ Em 7 de dezembro foi publicada a resenha de *Social England: a Record of the Progress of the People* (vários autores); no dia 14 veio a público a resenha de *The Son of Royal Lanbrith*, de Willian Dean Howells; e no dia 21 foi publicado um ensaio que discorria sobre uma visita ao Brontë Parsonage Museum.

⁸⁸ Informação retirada de Lounsberry, Barbara. *Becoming Virginia Woolf*. 2015. p. 76.

⁸⁹ Aqui Thoby Stephen encetará as chamadas “Thursday Evenings”, reuniões cujo objetivo primeiro era fazer com que Thoby encontrasse os amigos de Cambridge. Segundo Bell (1988), o primeiro encontro se deu em 16 de fevereiro de 1905, mas em seu diário Virginia demarca que o acontecimento se deu em 16 de março, anotando na entrada desse dia: “Sydney Turner & Gerald after dinner – the first of our Thursday Evenings!” (p.253). Dessas reuniões surgiria aquele que se configurou chamar “Bloomsbury Group”.

1904/1905, é justamente o trabalho⁹⁰ de Virginia Stephen, como já deixa entrever o excerto de abertura do capítulo. A leitura contínua do diário evidencia que o trabalho pode ser considerado a instância mais forte nessas páginas íntimas, não existem muitas entradas que não tragam pelo menos algum pequeno comentário acerca da temática⁹¹ – “Sunday is the most melancholy day of the week – because I don't work I suppose” (p.243).

Assim, entrada após entrada, é possível acompanhar trechos nos quais, com grande felicidade, Virginia anota os novos veículos que a convidam para escrever – entre janeiro e fevereiro, além de *The Guardian*, a jovem começa a colaborar com resenhas e ensaios, de variados temas, dentre história, música, literatura, para *National Review*, *Times Literary Supplement*, *The Outlook* e *The Academy & Literature*. Sua atividade profissional, de fato, “gets established”, como comentado pela diarista em 8 de fevereiro. Para além, faz-se possível visualizar anotações da jovem acerca de quando os livros a serem resenhados chegam, “Mrs. L.[yttelton]⁹² send round the Golden Bowl by Henry James, for review” (p.233), o percurso das leituras e seus contratempos, quando os textos precisam estar prontos:

Friday 10 February

Read the whole blessed morning, & mornings are blessed – the long drawn out Henry James. I shall have earned the shillings I make by this review at any rate. Traill⁹³ came & interrupted for 15 minutes, which is an interruption one has to suffer, though I grudge it. After lunch down to buy a pair of shoes with her at Kembers, then to the magnificent Harrods, & then home – Jack to tea, with me, as Nessa was listening to art criticism at the Slade. Then read more Henry James, but my desire to finish today is not likely to be gratified I see – & after all if I can send it off on Monday, I shan't be keeping it too late. [...] (WOOLF, 1990, p.235)

A diarista explicita também em suas entradas sentimentos comuns a quem faz da escrita um ofício, como a agonia que surge ao se ter muito a dizer e não haver espaço ou o desespero que aflora quando se tem pouco a narrar e muito espaço: “It is a satirical fact that when I am allowed ½ a column I can always fill 2, & when I am to have as much space as I

⁹⁰ Para além do trabalho em suplementos literários, à época, Virginia começa a dar aulas, como voluntária, para um grupo de mulheres no Morley College – um instituto de ensino para trabalhadores. Em 6 de janeiro de 1905, a diarista anota: “I am to start a girls club at Morley, & talk about books &c!” (p. 217). Virginia ministrará aulas no Morley até 1907.

⁹¹ A maioria das passagens que não versam sobre trabalho são escritas entre 27 de março e 24 de abril, período no qual Virginia e Adrian viajam para a Espanha – feriado de Páscoa. Contudo, antes da viagem Mrs. Lyttelton pede a Virginia que escreva alguns artigos sobre sua ida à Espanha. Em 25 de março, Woolf anota: “[...] I met Mrs Lyttelton, who asked me to write her articles about my ‘personal experiences’ in Spain; which I suppose I must do” (p.256). No dia seguinte, a diarista escreve: “Made a paper book this morning for my Spanish Diary, by means of which I hope to pay some at least of my travelling expenses” (p.256). Sendo assim, mesmo que nesse ínterim não fale sobre trabalho em seu diário, sabe-se que ela possui outro caderno no qual faz anotações para a produção de textos.

⁹² Colchete nosso.

⁹³ Traill é enfermeira e foi quem cuidou de Virginia enquanto ela se recuperava de seu colapso nervoso na casa de Violet Dickinson. Ao longo dos escritos de 1904/1905, visualiza-se que Traill visita a jovem Stephen com certa regularidade, para verificar a sua saúde.

like, I cant screw out words at any price” (p.252). Escreve quando acredita que determinado trabalho é simples, como ocorre em 6 de março, ao discorrer sobre a resenha que fazia acerca do romance *Barhan of Beltana*, de W. E. Norris – circunstância na qual ter pouco espaço para escrever não incomoda Virginia, afinal ela não acha que exista muito a dizer sobre a obra: “Wrote my review for the Times, which as they only want 500 words it is easy to do. Nothing whatever to be said about the book; so I confined myself to generalities” (p.248). E a jovem anota também quando existem dificuldades, quando o trabalho não lhe agrada, como se dá na feitura de uma resenha sobre *By Beach and Bog-Land*⁹⁴, de Jane Barlow, para *The Guardian*:

Saturday 11 March

Wrote a most bothering little review of 300 words only upon Miss Barlows books – but 300 words wouldn’t come – or came wrong – & finally weren’t very good. But a nondescript book like this which really suggests nothing good or bad, [...] & I would rather write anything else – except indeed a dutiful letter. (WOOLF, 1990, p.250)

No entanto, com o correr das páginas do caderno íntimo, a despeito do contato com as movimentações geradas pelos primeiros trabalhos de Woolf, dá-se conta de que não é possível visualizar, em passagem alguma, escritos da diarista para os suplementos literários. Como explicitado, ao longo da leitura se entrevê quando é fácil ou difícil produzir dada resenha, mas Virginia não insere nas entradas de seu caderno rascunhos, trechos dos textos a serem publicados – tampouco há vestígios de produções que comenta fazer e que não têm relação direta com seu trabalho. Assim, o quarto diário de juventude não é utilizado, em nenhum momento, como espaço de criação, de experimentação textual.

Barbara Lounsberry (2015, p.79), acerca do caderno íntimo de 1904/1905, aponta: “this diary is (ironically) the least literary of her first four diaries”. Até o caderno íntimo em questão, em maior ou menor escala, as páginas da jovem Virginia eram permeadas por construções de cunho literário, sejam essas apenas um elemento que consideramos com matizes de criação literária ou textos nos quais se fazia possível observar a diarista a treinar sua escrita, em tentativas de reproduzir a imagem de um pôr do sol, ou buscando narrar a atmosfera de um baile sem fim. Talvez mais que irônico seja curioso o fato de nesse diário parecer existir uma desvinculação entre escrita de criação e escritura íntima. Afinal, no momento no qual Virginia começa a trabalhar com a sua escrita, se vê imersa em um ambiente de trabalho literário, produzindo efetivamente textos para um público, suas páginas íntimas são despidas de criações, de rascunhos de escrita, atendo-se à narrativa direta de seus dias.

⁹⁴Não foram encontradas muitas informações acerca dessa obra, mas aparentemente ela trata do desenvolvimento da civilização mundial.

Contudo, por mais que chame atenção esse movimento do diário de 1904/1905, se acaso são trazidos à tona pensamentos acerca daquela moça que escreve o caderno íntimo de 1897, cuja vida era pautada em prol da recuperação de seu primeiro colapso nervoso, que aparentava sentir certa inveja da rotina movimentada da irmã, que tateava o mundo buscando entender quem se era dentro dele, a manutenção do quarto caderno da forma como foi realizada deixa de causar tanto estranhamento. Como mencionado em parágrafos anteriores, Virginia agora tem efetivamente o que narrar sobre o seu dia a dia em suas entradas. Em especial por causa do seu trabalho, sua rotina é totalmente preenchida: existem prazos a cumprir, obras a ler, reuniões. Ela tem algum dinheiro, ganho com seus textos, o que a permite caminhar pelo novo bairro e cometer pequenas extravagâncias: “I bought – I have earned the right to buy occasionally – a stand with 6 little shelves – & a flap on wh. to stand my lamp” (p.235).

Assim, Virginia, nesse momento, demonstra ter certo controle sobre a sua vida – as entradas do diário transparecem isso. E talvez seja possível pensar que esse controle maior sobre a própria vida funcione como um fator a impedir que as páginas do caderno de 1904/1905 contendam um elemento com características semelhantes à de Miss Jan, por exemplo. A inserção de Miss Jan, persona que assume o protagonismo de acontecimentos narrados ao longo do primeiro diário, como visto, distancia a jovem de algumas circunstâncias do seu dia a dia. No período compreendido pelo quarto caderno de juventude, Virginia não parece precisar, ou mesmo querer, distanciar-se das situações de sua vida para observá-las e compreendê-las melhor, para decidir como agir, pelo contrário. Adeline Virginia Stephen vivencia um momento muito importante, no qual dá os primeiros passos no mundo das letras, algo que ela realmente desejava. Não parecem existir razões para Virginia não ser a protagonista das narrativas de seu cotidiano.

Ademais, a diarista, com a colaboração nos suplementos literários, passa a possuir espaços para além das suas páginas pessoais nos quais pode escrever, para os quais podem se destinar suas criações, suas linhas pensadas e cuidadosamente lapidadas. Esses espaços têm suas regras, que em dado momento começarão a incomodar Virginia, pois ela deseja maior liberdade de escrita, mas de todo modo eles existem – “How I wish I could be brave & frank in my reviews, instead of having to spin them out elaborately” (p.270), anota Virginia em uma das últimas entradas do diário. Ao escrever um texto, mesmo que não previamente encomendado por um veículo específico, o que Woolf narra fazer em alguns momentos ao longo do diário, ela não precisa guardar o escrito para si, ou mostrá-lo apenas para amigos

próximos, como fazia em 1903. Virginia Stephen vive um momento no qual pode enviá-lo para um editor, tentar publicá-lo – em 15 de março, por exemplo, comenta: “Wrote all the morning at an article on Greek – the Magic Greek, I think I shall call it & send it to the Academy. I didn’t finish it, but it amused me rather to do” (p.252).

Podem, é claro, existir outros tantos motivos para que o diário de 1904/1905 não seja permeado por elementos de cunho literário. Contudo, a conquista de uma rotina repleta de afazeres tão próprios, juntamente com a existência de lugares de escrita para além do diário parecem contribuir para que, nesse período, Virginia não sinta necessidade em utilizar as suas páginas íntimas para criar, não traga para a narrativa de seus dias figuras com matizes literários.

Apesar de as entradas do caderno íntimo de 1904/1905 não abarcarem construções de produções textuais em si, a sua leitura permite o contato com um esforço de estudo empreendido por Virginia – cujo objetivo era permitir a ela apresentar em seus textos argumentações aprofundadas, escritos estruturalmente bem-construídos. É interessante notar que Adeline Virginia Stephen se considerava capaz de trabalhar com a sua escrita, tinha consciência do empenho empregado ao longo dos anos até a sua entrada no circuito literário, o que inclui não apenas os seus exercícios de escrita, mas também o contato constante com as mais diversas obras – lembrando que Virginia é desde muito jovem uma leitora voraz. Mesmo assim, havia um pensamento frequente acerca da necessidade em aprimorar-se⁹⁵.

Virginia Stephen considerava, então, que era preciso ampliar os seus conhecimentos. Dessa forma, adquiria obras que, por ventura, pudessem vir a auxiliá-la. O que pode ser visto em passagens como a de 13 de janeiro: “I walked to the Library, asked for Fred’s American books⁹⁶, which aren’t in – got a book about the relations of poetry & music,

⁹⁵ É necessário demarcar que Virginia Woolf, por toda a sua vida, acreditará não ter instrução intelectual suficiente por não ter tido uma educação formal. Como visto, ela faz aulas de latim, grego, história, mas não teve acesso a um lugar como Cambridge, onde seus irmãos, Thoby e Adrian, estudaram. O fato de não frequentar um ambiente como esse parece fazer com que Virginia acredite ter menos conhecimento do que poderia ter, muito pelas trocas que se dão nesse tipo de espaço. Quentin Bell (1988, p.104) explicita esse pensamento de Virginia ao transcrever o trecho de uma carta que ela escreve para Thoby, em 5 de novembro de 1901: “Não encontro ninguém para debater comigo agora e sinto necessidade. Tenho de desenterrar dos livros, dolorosamente e solitariamente, o que você consegue todas as noites sentado diante da sua lareira & fumando o seu cachimbo com Strachey, etc. Não admira que meu conhecimento seja escasso. Não há nada como diálogo para instruir, tenho certeza disso. Mas tento o melhor que posso com Shakespeare. Leio a história dele por Sidney Lee...”. Das obras vindouras de Virginia, *Um teto para todos* é provavelmente a que mais diretamente abarque essa temática.

⁹⁶ À época do diário de 1904/1905, Virginia Stephen auxiliava Frederic Maitland na feitura da biografia de Leslie Stephen, *Life and Letters of Leslie Stephen* (1906) – a atividade principal de Virginia consistia em ler as cartas escritas por seu pai a Maitland e selecionar aquelas que considerasse relevantes para a obra, além da escrita de um texto próprio acerca de Leslie. Segundo Leaska (1990), esses livros aos quais a diarista faz referência no trecho seriam da autoria de amigos ou sobre amigos de seu pai, e seriam utilizados por Maitland na biografia.

which may come in useful” (p.221); e também em 17 do mesmo mês, quando ela, ainda sem a certeza de que escreverá para *Times*, depara com uma série de livros cuja compra será justificada se ela for aceita como colaboradora desse suplemento: “I prowled round book shops in the Charing X road, all the afternoon & saw many things, which, were my purse obliging, I would get. Paston Letters, Rabelais, & James Thomson. If I am taken on by the Times I shall think myself justified –, & I use my books” (p.223). Buscava também contato com obras que considerava importantes para o ofício de resenhista, um trecho de 21 de fevereiro demonstra um pouco disso: “[...] Then I read a bit of Aristotle, the Poetics, which will fit me for a reviewer!” (p. 240). No dia seguinte, a diarista discorre brevemente acerca de sua leitura, mostrando a relevância da obra para a literatura, para o trabalho com crítica:

Read the Poetics all the morning – really excellent bit of literary criticism! – laying down so simply & surely the rudiments both of literature & of criticism. I Always feel surprised by subtlety in the ancients – but Aristotle said the first & the last words on this subject – in about 50 pages now.” (WOOLF, 1990, p.240-241)

Ao longo das entradas do diário, como mencionado, é possível entrever que os estudos de Virginia se voltavam também para o desenvolvimento das formas da sua escrita, à época em especial na feitura de seus ensaios – que parecem ser os escritos que mais instigam a diarista, “Wrote all the morning at a paper which may, with luck do for Leo [Maxse] ⁹⁷. It is about music! – naturally depends more upon the imagination than upon facts” (p.230) ⁹⁸. A busca por melhorias em suas formas de escrever pode ser visualizada em entradas como a de 13 de março, na qual a jovem anota: “Out to Hatchards to buy Stevenson & Pater – I want to study them – not to copy, I hope, but to see how the trick’s done. Stevenson is a trick – but Pater something different & beyond” (p.251). Por meio da passagem, depreende-se que Virginia procurava, então, obras do escritor Robert Louis Stevenson (1850-1894) – de acordo com Leaska (1990), provavelmente os livros de ensaios *Virginibus Puerisque* (1881) e *Familiar Studies of Men and Books* (1882) – e do ensaísta e crítico Walter Horatio Pater (1839-1894). A diarista demonstra admirar a maneira como esses dois autores escrevem, Stevenson teria certos truques de escrita, Pater algo de diferente, que pareceria ir além do que costumeiramente era visto.

⁹⁷ Leopold James Maxse foi editor da *National Review* entre 1893 e 1932.

⁹⁸ O ensaio “Street Music” foi publicado pela *National Review* em março de 1905. Esse foi um dos primeiros textos a conter a assinatura de Virginia Stephen. À época, a grande maioria de seus escritos, em realidade, era impressa com autoria anônima – em uma carta à Violet Dickinson, a jovem diz: “Read your Guardian carefully, and see if you find anything about Henry James; the first words, like [a] coin with a head on it, will tell you who wrote it” (2016b, E-book).

Virginia evidencia querer estudar esses escritores, “I want to study them”. Entretanto, o que sobressai no excerto não é o fato de ela almejar entrar em contato com ensaístas renomados, afinal, para um alguém que está sempre em busca de expandir seus conhecimentos, esse é um comportamento esperado. O que prende a atenção na passagem é o aparente desejo de Virginia em compreender as estratégias utilizadas por esses escritores, “to see how the trick’s done”. E essa compreensão não teria como intuito imitar, “not to copy, I hope”, mas provavelmente enxergar o que era possível fazer dentro do gênero a ponto de poder criar os seus próprios truques, a ponto de ela poder ser a escritora a ir além. Talvez aqui seja interessante pensar em um possível contraponto entre o que foi visto em 1899 e o que se dá nesse momento. Se no segundo diário de juventude existe a possibilidade de pensar que Virginia, aos 17 anos, tentava escrever de forma semelhante ao que provavelmente via nos livros que lia, no que tange as suas tentativas de apreensão da realidade, aqui, já sendo uma profissional das letras, um desejo de ter um estilo próprio parece emergir. A entrada referida abre margens ao pensamento de Virginia não querer ser apenas mais um alguém a escrever um ensaio, a copiar o que grandes nomes fazem, mas sim ser capaz de conferir aos seus textos feições próprias.

Por intermédio do que foi apresentado até aqui, torna-se perceptível que a leitura do caderno de 1904/1905 possibilita o contato com uma Virginia que, como mencionado, aparenta maior controle sobre sua vida. Há nessas páginas uma diarista que transcreve seu esforço em ser uma boa profissional e que demarca o contentamento em ver seu trabalho se tornando estável, mas que também não deixa de anotar quando determinada resenha não lhe apraz, quando existem dificuldades: “It is hard work reviewing when you dont know the subject. At every step I tremble guiltily, & withdraw, to temper my expressions” (p.253). Nas entradas desse diário, existe uma jovem que explicita o seu desejo por maior liberdade para escrever e por desenvolver uma escrita com estilo próprio. As passagens do quarto caderno de juventude parecem, então, pertencer a um alguém que tende a se mostrar em sua escritura íntima.

No diário de 1904/1905, Virginia aparenta uma coragem muito maior para falar de si, das situações da sua vida do que, por exemplo, pôde ser visualizado em seu primeiro caderno íntimo. Nas mudanças de forma de se expressar, de se dar a ver em sua escritura íntima, mora, é claro, um amadurecimento natural devido à passagem do tempo – em 1897, Virginia era uma adolescente de 15 anos, agora é uma jovem de 23 anos. Contudo, para além do transcorrer dos anos, acredita-se que essa maior coragem provenha também, e talvez

especialmente, do fato de Adeline Virginia Stephen começar a trabalhar com a escrita. De acordo com Mitchell A. Leaska:

We need only review her private history, however, to realise that Virginia, the writer, emerged at the end of 1904; that from 1905, as a journalist, she had achieved an acknowledge self – a verifiable ‘I’ – and this new status accounts for her choice of years. From 1905 she saw herself no longer a defenceless and faceless child in a capricious and recalcitrant world. The publication of her three pieces at the end of 1904 was symbolic: they stood for the freedom and autonomy she had never know before. (LEASKA, 1990, p.xxxvii)

Assim, se no primeiro diário de juventude era encontrada uma figura como Miss Jan, um elemento com nuances literárias que, como explicitado em “Entrelinhas de Miss Jan”, parece auxiliar a adolescente Virginia a se perscrutar, a se constituir, a fortalecer a sua voz, no quarto caderno íntimo é a existência do trabalho profissional com a escrita que parece ajudar a jovem Virginia Stephen a realizar tal movimento. Nesse momento de vida, Virginia dá os primeiros passos em uma atividade que desejava exercer, ela está imersa em um ambiente no qual, por mais que surjam problemáticas, sente-se inserida, no qual se reconhece, “writing is I know my natural means of expression”. Quando um sujeito se reconhece em um dado meio acaba por melhor reconhecer a si⁹⁹; ao sentir-se inserido parece haver maior coragem para lidar com os acontecimentos do mundo ao redor.

O trabalho de Virginia nos suplementos literários, portanto, parece fortalecê-la, de forma tal que isso se reflete em como escreve seu caderno íntimo. E, por mais que não haja no volume de 1904/1905 elementos de cunho literário, é possível afirmar que continua existindo na escrita íntima de Adeline Virginia Stephen um entrelaçamento entre vida e fazer literário. Graças à força, à confiança, à autonomia concedida pela atividade nos veículos literários, a diarista consegue se mostrar, se pensar nas suas páginas pessoais.

Dessa maneira, para além de Virginia Stephen ser capaz expor nas entradas de seu diário os dissabores e as alegrias relacionadas diretamente ao seu trabalho, ela tem coragem também para trazer à tona assuntos que até então eram apenas entrevistados na sua escrita íntima, como a sua doença. Nas páginas de 1904/1905, Woolf retoma o passado recente, e tece comentários acerca do seu segundo colapso nervoso, ocorrido depois da morte de seu pai:

14 January

Wrote at my review, which is difficult because of the space allowed, only 600 words & many things to put into it. But at 11 to Savage, who was well satisfied, thinks me ‘normal’ & able to return to all my usual ways, going out, work, &c – so that horrible long illness which began in the 2nd week of April last year, is now fairly

⁹⁹ O autor Juliano Garcia Pessanha, durante a mesa “Obscena, de tão lúcida” (Flip, 2018), sobre escrita de si, trouxe à tona a questão da impossibilidade de um sujeito reconhecer a si sem que se reconheça no ambiente que o cerca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbMi3MAoq8Y&t=2746s>.

put away, & I need think no more of it – for which the Lord be praised! (WOOLF, 1990, p.222)

No excerto, após reclamar sobre o pouco espaço para a realização de uma resenha, Virginia narra uma visita ao Dr. Savage, seu médico à época. Durante a consulta, Savage diz que ela está “normal” – seriam as aspas para demarcar uma fala do médico ou para expressar certo incômodo com o termo? A jovem diarista não explicita o que há por trás da utilização do sinal, mas talvez as duas possibilidades caibam na interpretação. Woolf, após meses turbulentos, pode finalmente retomar sua vida. É interessante atentar-se ao fato de que Virginia faz questão de descrever, mesmo que de maneira simples, o período da enfermidade, “horrible long illness”, e de demarcar com exatidão o momento no qual o segundo quadro da sua doença tem início, “which began in the 2nd week of April last year”. Lounsberry (2015, p.78), acerca de como a jovem Virginia traz sua doença para as páginas do diário, observa: “she is recalling it, dating it and examing it, and comparing her current stated of mind to her past”.

A coragem de Virginia nessas páginas íntimas vai além, permitindo a ela realizar anotações que giram em torno até mesmo da temática “suicídio”. Em 30 de abril escreve: “[...] Anyhow it rained, & then was fine – & N[essa].¹⁰⁰ & I sat in the drawing room for 3 hours & discussed the ethics of suicide! A cheerful theme which the thought of [Nurse] Fardell¹⁰¹ naturally suggests to my mind”(p. 269). Observa-se que a diarista não faz um relato da sua tentativa de suicídio, não demarca com exatidão o acontecimento, tampouco descreve de maneira pormenorizada a conversa com a irmã e o porquê da lembrança da enfermeira Fardell fazê-la pensar no tema. Apesar disso, a entrada demonstra que o assunto não é algo completamente interdito à diarista. Ela poderia não ter inserido essa conversa na narrativa desse dia, ou poderia apenas dizer que passou a manhã conversando com Vanessa sem, no entanto, explicitar o assunto. Contudo, Virginia escolheu expor em sua entrada que passou três horas falando sobre a ética do suicídio, escolheu que o tema estivesse presente nas recordações abarcadas por esse caderno íntimo.

É importante pontuar que Adeline Virginia Stephen não tratará da mesma maneira a totalidade dos acontecimentos que permeiam o momento de vida no qual o caderno é escrito. A morte do pai, por exemplo, não será diretamente comentada. Ao escrever sobre o seu segundo colapso nervoso, ela não relacionará o acontecimento à morte de Leslie Stephen.

¹⁰⁰ Colchete nosso.

¹⁰¹ De acordo com Leaska (1990), provavelmente, trata-se de uma das enfermeiras responsáveis por Virginia no período do segundo quadro da sua doença.

Porém, a jovem diarista escreve acerca da primeira vez que visita sua antiga casa desde que caiu doente, e essa passagem parece guardar um pouco do que não é explicitamente narrado. Afinal, ao entrar no lugar onde viveu grande parte de sua vida até então, provavelmente as mais diversas memórias permearam seus pensamentos. Talvez tenha lembrado não apenas do pai, mas de sua mãe, de Stella.

[...] I went over [22] Hyde Park Gate – for the first time since last Easter - & saw all the empty rooms, & was glad to find that now the furniture & books are gone; they are not painfully like home. Saw my old room – so strange with the ink splashes & shelves as of old. I could write the history of every mark & scratch in that room, where I lived so long. (WOOLF, 1990, p.230)

Transbordando por poucos instantes o caderno íntimo de 1904/1905, ao se falar de um “eu” que se dá a ver, faz-se relevante traçar um breve comentário acerca do diário de Cornwall – quinto caderno íntimo de Virginia, escrito ao longo das férias de verão de 1905. Dentro do conjunto dos diários de juventude, esse volume talvez seja o que possui o “eu” mais corajoso. Nele, Adeline Virginia Stephen anota os acontecimentos da viagem que ela e os irmãos fazem à Cornualha, região na qual costumavam passar férias antes da morte de Julia Stephen, e para qual não haviam retornado desde então. Esse caderno é, assim, permeado por uma atmosfera de nostalgia, na qual presente e passado se mesclam constantemente. Dentro desse movimento, Virginia preenche suas entradas com lembranças de situações da sua infância, com um misto de receio e ansiedade pelo reencontro com lugares que costumava ir. Ao longo desse diário, a jovem também transpassa a figura da mãe, ao narrar encontros com pessoas que a conheceram e a admiravam. Virginia conta com certa satisfação como os moradores da região se recordam dela como uma mulher boa, caridosa, exatamente como ela gostaria de ser lembrada. Apesar disso, Virginia segue sem realmente se aprofundar em seus próprios sentimentos sobre Julia.

A seguir, um trecho do diário de Cornwall, possivelmente uma das passagens mais bonitas dos cadernos de juventude, no qual é possível visualizar a atmosfera que permeia essas páginas¹⁰²:

Carbis Bay 11 August

It was with some feeling of enchantment that we took our places yesterday in the Great Western train. This was the wizard who was to transport us into another world, almost into another age. We would fain have believed that this little corner of England had slept under some enchanters spell since we last set eyes on it ten [eleven] years ago, & that no breath of change had stirred its leaves, or troubled its waters. There too, we should find our past preserved, as though through all this time it had been guarded and treasured for us to come back to one day – it mattered not how far distant. Many were the summers we had spent in St. Ives; was it not

¹⁰² Hermione Lee (2013) aponta que Virginia Woolf retoma o diário de Cornwall no período de escrita de *Ao farol*.

reasonable to believe that as far away we cherished the memory of them, so here on the spot where we left them we should be able to recover something tangible of their substance?

Ah, how strange it was, then, to watch the familiar shapes of land & sea unroll themselves once more, as though a magicians hand had raised the curtain that hung between us, & to see once more the silent but palpable forms, which for more than ten years we had seen only in dreams, or in the visions of waking hours.

It was dusk when we came, so that there still seemed to be a film between us & the reality. We could fancy that but coming home along the high road after some day's outing, & that when we reached the gate at Talland House, we should thrust it open, & find ourselves among the familiar sights again. In the dark, indeed, we made bold to humour this fancy of ours further than we had a right too. We passed through the gate, groped stealthily but with sure feet up the carriage drive, mounted the little flight of rough steps, & peered through a chink in the escalonia hedge. There was the house, with its two lighted windows; there on the terrace were the stone urns, against the bank of tall flowers; all, so far as we could see was as though we had but left in the morning. But yet, as we knew well, we could go no further, if we advanced the spell was broken. The lights were not our lights; the voices were the voices of strangers. [] We hung there like ghosts in the shade of the hedge, & at the sound of footsteps we turned away. (WOOLF, 1990, p.281-282)

Ao encerrar o primeiro diário de juventude, Adeline Virginia Stephen, como visto, diz: “Nessa preaches that our destinies lie in ourselves, & the sermon ought to be taken home by us. Here is life given us each alike, & we must do our best with it: your hand in the sword hilt – & an unuttered fervent vow!” (p.134). Essa passagem, anotada por uma moça que não sabia como seriam os próximos anos de sua vida, parece interliga-se aos escritos íntimos de 1904/1905. Afinal, nesse diário, é encontrada uma Virginia que procura tomar o seu destino em suas mãos, que está constantemente em busca de melhorar em seu trabalho, que começa a ter certa coragem de perscrutar os seus meandros. E a sua pena, a sua escrita, é a espada que concede a ela força para lutar, para seguir, para se olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

There are many times, writing this, when I have been afraid of Virginia Woolf. I think I would have been afraid of meeting her. I am afraid of not being intelligent enough for her. (LEE, 1997, p.3)

Escrever esta dissertação foi desafiador. Foi desafiador trabalhar com os diários de juventude de Woolf, uma obra ainda tão pouco conhecida de uma escritora tão renomada. Este trabalho pediu constantemente que, ao mesmo tempo, não fosse esquecida a figura de Virginia Woolf, importante nome da literatura, mas que também houvesse o movimento de deixá-la de lado. Era preciso tomar certa distância da conceituada escritora para que melhor se enxergasse Adeline Virginia Stephen, a autora desses cadernos íntimos, uma jovem com uma relação intrínseca com a palavra escrita, que se desejava escritora, mas que ainda não o era, que nem ao menos sabia que lograria esse sonho. Assim, o trecho escolhido para abrir essas considerações finais, retirado da biografia que Hermione Lee escreveu sobre Woolf, traduz um pouco do que foi sentido na feitura deste trabalho. Ao longo das pesquisas, das leituras, do processo de escrita, ou seja, no percurso deste desafio, não raras vezes existiu medo. Não propriamente de encontrar Virginia – talvez estudar os cadernos íntimos de alguém guarde certo desejo em encontrá-lo –, mas de não conseguir mostrar a relevância desses diários de juventude.

Esta dissertação procurou lançar luz sobre Virginia antes de ser Woolf, sobre caminhos por ela percorridos antes de ser um dos grandes nomes da literatura do século XX. Dessa forma, por intermédio dos seus quatro primeiros diários de juventude, foi mostrado quem era Adeline Virginia Stephen, como era sua vida, como ela anotava a sua vida. Foi demonstrado como a escrita íntima dessa jovem transparece movimentos do seu percurso em busca de ser escritora, e como as páginas de seus diários, de uma maneira ou de outra, contêm um entrelaçamento constante entre vida e fazer literário.

O capítulo 1 foi construído ao redor de “Miss Jan”, figura a aparecer na passagem de abertura do primeiro diário, como visualizado. No correr de “Entrelinhas de Miss Jan”, esse elemento foi analisado, trazendo à tona as maneiras como a diarista o insere em meio à narrativa do seu cotidiano e as consequências da existência de tal persona nas passagens do caderno. Buscou-se demonstrar que Miss Jan pode ser considerada um elemento com matizes de criação literária e que, ademais, sua presença mostra um entrecruzar do desenvolvimento pessoal e literário da jovem Virginia.

No capítulo 2, por sua vez, o olhar sobre as entradas do diário de 1897 foi ampliado. Por meio dos não-ditos desse caderno íntimo, foi evidenciado como era a jovem de

15 anos que decidiu guardar recordações do novo ano, como era a sua rotina no momento da feitura desse diário, como ela anotava, ou deixava de anotar, o seu cotidiano. “As lacunas de Adeline” trouxe à tona, assim, pensamentos mais aprofundados acerca da mãe de Virginia, da doença da diarista, de problemáticas do seu dia a dia e de sua vontade de viver e de ter o que narrar nas passagens de seu caderno íntimo.

O capítulo três caminhou no tempo e discorreu sobre os dois diários subsequentes de Adeline Virginia Stephen, escritos em 1899 e em 1903. Em “Esboços de Virginia” foi apresentado um panorama pelo qual se fez visualizar uma diarista que passava a observar atentamente o mundo ao seu redor com o intuito de conseguir apreendê-lo em palavras. Foram demonstradas formas de como Virginia tentava representar o que via e vivia, além dos seus pensamentos sobre o fazer literário.

O último capítulo teve como objetivo perpassar o diário de 1904/1905, mostrando assim o momento no qual Virginia, após anos de treino, começa a trabalhar profissionalmente no mundo das letras, com a produção de resenhas e ensaios para suplementos literários. Em “As linhas de Adeline Virginia Stephen” demonstrou-se como esse acontecimento é levado para as páginas do diário e como esse trabalho com a escrita acabou por influenciar a forma como a jovem anotava a sua vida, concedendo-lhe maior coragem de se dar a ver em suas anotações íntimas.

Acreditamos que a escolha das temáticas dos capítulos, a forma como essas foram trabalhadas, pôde demonstrar o início da construção do olhar de Adeline Virginia Stephen como escritora, que acaba por ser também uma construção do olhar dela sobre si. Para além, acreditamos ter mostrado a importância dos diários de juventude para os estudos acerca de Virginia Woolf.

“At last I stop writing, & look again at the sky.”

Adeline Virginia Stephen, 1903.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In **Notas de literatura I**. 2. ed. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2012.

AUERBACH, Erich. “A meia marrom”. In **Mimeses: A representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução: George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAL, Mieke. “Focatzation”. In **Narratology: Introduction to the Theory of Narrative**. Canada: University of Toronto Press, 2017.

BARRETO, Lima. “Diário do hospício”. In **O cemitério dos vivos**. São Paulo: Editora Planeta; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

BRADSHAW, David. “Nota sobre o texto”. In **A casa de Carlyle e outros esboços**. Tradução: Carlos Tadeu Galvão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BELL, Quentin. **Virginia Woolf: Uma biografia**. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

BLANCHOT, Maurice. “O diário íntimo e a narrativa”. In **O livro por vir**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CECCON, Vera Lima. **Legados de juventude: Os diários de Virginia Woolf**. XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, centros – Ética, estética, 18 a 22 de julho de 2011 – UFPR, Curitiba. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0715-1.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2016

DESALVO, Louise A. “As ‘Miss Jan says’”. In **Virginia Woolf and Bloomsbury: A Centenary Celebration**. Jane Marcus [Ed]. Londres: The Macmillan Press LTD, 1987.

DIDIER, Béatrice. “L’invention du moi”. In **Le journal intime**. 3.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

FIGUEIREDO, Isabela; PESSANHA, Juliano Garcia. “Obscena, de tão lúcida”. In **Flip – Festa Literária Internacional de Paraty**. Mesa ocorrida em: 28 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbMi3MAoq8Y&t=2746s>.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens, 1992.

GALLE, Helmut. “Rotina de guerra e entomologia: Os Diários de guerra de Ernst Jünger e Tempestades de aço”. In **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. Belo Horizonte, nº2, v.23, p. 15-34, maio-agosto de 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/4693/4926>. Acesso em: 23 de dezembro de 2017.

KAFKA, Franz. **Diários**. Tradução e nota introdutória: Isabel Castro Silva. Portugal: Relógio D'água Editores, 2014.

KING'S COLLEGE LONDON. **Archive Catalogues**. s/d. Disponível em: <https://kingscollections.org/catalogues/kclca/collection/k/10ki30-1>. Acesso em: 8 de abril de 2019.

LEASKA, Mitchell A. "Editor's preface" e "Introduction". In WOOLF, Virginia. **A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909**. Mitchell A. Leaska [Ed]. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1990.

LEE, Hermione. **Virginia Woolf**. London: Vintage Books, 1997.

_____. "Posfácio". In WOOLF, Virginia. **Ao farol**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet**. 2. ed. Tradução: Jovita Maria Gernheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOUNSBERRY, Barbara. **Becoming Virginia Woolf: Her Early Diaries and The Diaries She Read**. Gainesville: University Press of Florida, 2015.

LOWE, Gill. "'I am fast locked up', Janus and Miss Jan: Virginia Woolf's 1897 journal as threshold text". In **Virginia Woolf: Twenty-First-Century Approches**. Edimburgo: Edinburgh Univerity Press, 2015.

MARDER, Herbert. **Virginia Woolf: A medida da vida**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MESQUITA, Ana Carolina de Carvalho. **O diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca pela literatura**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo. 2018.

_____. "Nas margens da ficção, a outra obra de Virginia Woolf: Sobre como a representação subjetiva nos diários da escritora vão além de relatos". In **Suplemento Pernambuco**, Pernambuco, nº 121, p. 14 e 15, março de 2016. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_121_web. Acesso em: 6 de setembro de 2016.

MONTEIRO, Maria Conceição. "Figuras errantes na época vitoriana: A preceptora, a prostituta, a louca". In **Fragmentos, Florianópolis**, vol. 8, nº1, p. 61-71, julho-dezembro de 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608>. Acesso em 20 de julho de 2017.

REZENDE, Beatriz. "Diamantes descartados". In **Serrote**, nº 26 ½, p. 2-5, julho 2017. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2017/08/serrote-26-e-meio/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

RICOEUR, Paul. “Entre o tempo mortal e o tempo monumental: *Mrs Dalloway*”. In **Tempo e narrativa 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SELLERS, Susan. **Vanessa e Virginia**. Tradução: Valter Lellis. Baueri, SP: Novo Século, 2012.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine: Memórias de mulheres**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

WOOLF, Virginia. **A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909**. Mitchell A. Leaska [Ed]. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1990.

_____. “A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909”. Londres: Hogarth Press, 1990. In **The complete works of Virginia Woolf**. E-book, 2016.

_____. **A viagem**. Tradução: Lya Luft. Osasco, SP: Novo Século, 2008.

_____. **Ao farol**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. “Memórias de uma romancista”. In **Contos completos: Virginia Woolf**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. “Moments of being”. Califórnia: Harcourt Publishers LTD, 1976. In **The complete works of Virginia Woolf**. E-book, 2016a.

_____. **Mrs. Dalloway**. Tradução: Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Orlando: Uma biografia**. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. **Os anos**. Tradução: Raul de Sá Barbosa. Osasco, SP: Novo Século, 2011.

_____. **O valor do riso**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. “Phyllis e Rosamond”. In **Contos completos: Virginia Woolf**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. “Profissões para mulheres”. In **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

_____. “The flight of the mind [The letters vol. I: 1888-1912]”. Londres: Hogarth Press, 1975-1980. In **The complete works of Virginia Woolf**. E-book, 2016b.

_____. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.